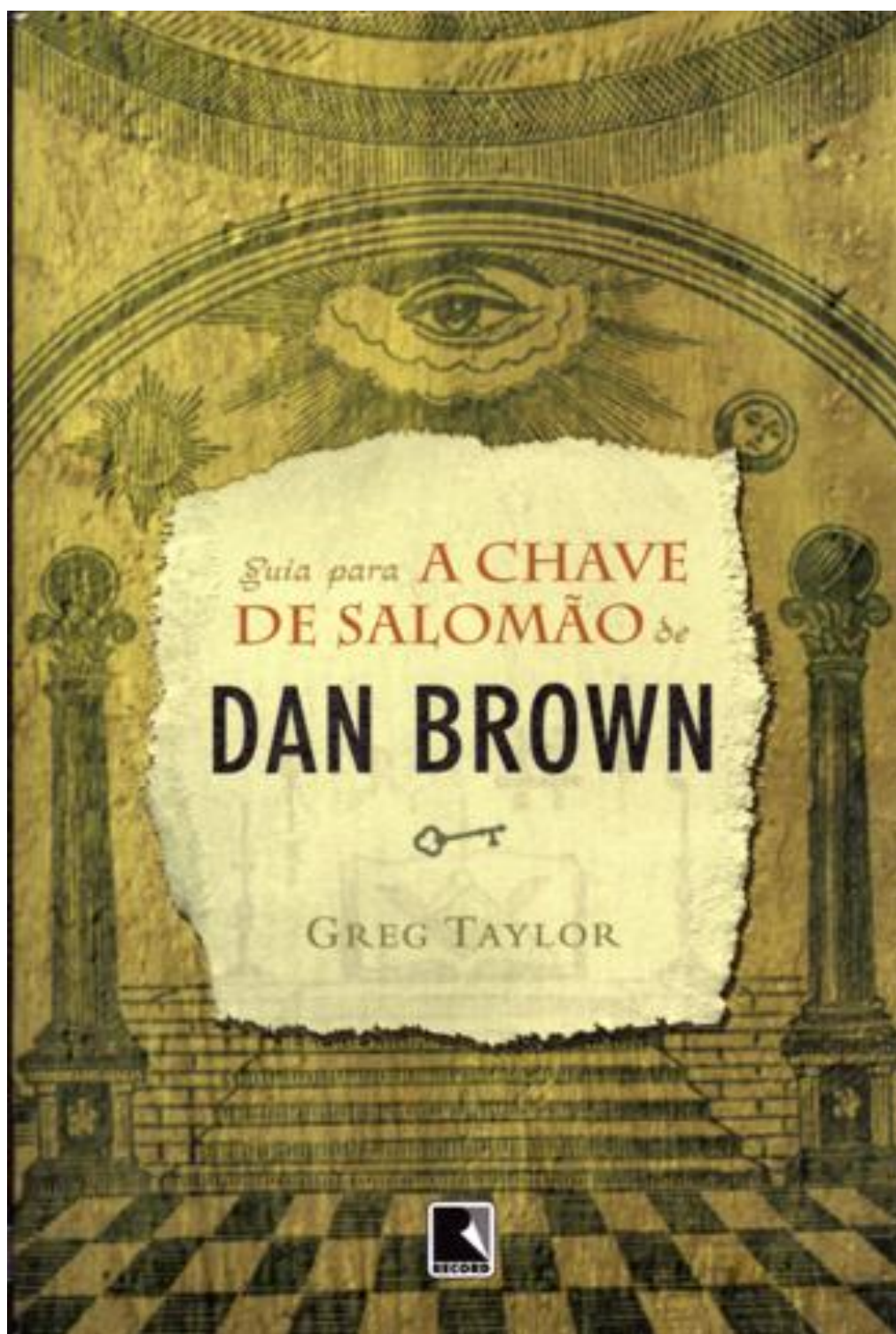




<http://groups.google.com.br/group/digitalsource/>



GREG TAYLOR

guia para A CHAVE
DE SALOMÃO de
DAN BROWN

Tradução de CLÓVIS MARQUES



EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO
2006

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte

Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Taylor, Greg

T24g Guia para "A chave de Salomão" de Dan Brown / Greg Taylor; tradução de Clóvis Marques. - Rio de Janeiro: Record, 2006.

Tradução de: The guide to Dan Brown's The Solomon Key

Apêndice

ISBN 85-01-07390-3

1. Brown, Dan, 1964-. A chave de Salomão. 2. Estados Unidos na literatura. 3. Maçonaria na literatura. 4. Sociedades secretas na literatura. I. Título. 06-1506

CDD - 813

CDU - 821.111(73)-3

Título original em inglês:

THE GUIDE TO DAN BROWN'S THE SOLOMON KEY

Copyright © Greg Taylor, 2005

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, armazenamento ou transmissão de partes deste livro através de quaisquer meios, sem prévia autorização por escrito. Proibida a venda desta edição em Portugal e resto da Europa.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa para o Brasil adquiridos pela

EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina 171 - Rio de Janeiro, RJ - 20921-380 - Tel.: 2585-2000

que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Impresso no Brasil ISBN 85-01-07390-3

PEDIDOS PELO REEMBOLSO POSTAL

Caixa Postal 23.052

Rio de Janeiro, RJ - 20922-970



AGRADECIMENTOS

O lançamento de um livro de estréia realmente nos permite apreciar a ajuda que recebemos ao longo do caminho. Certamente seria impossível enumerar todos aqueles que me influenciaram de maneira positiva em minha jornada, mas estes que se seguem merecem menção especial.

A todos os autores e pesquisadores que contribuíram para o projeto TDG (The Daily Grail), muito obrigado. Menção especial para Rudolf Gantenbrink, Robert Bauval, Graham Hancock, Robert Lomas, Ralph Ellis, Lynn Picknett, Clive Prince, Füp Coppens, Alan Boyle, Steven Mizrach, Marcus Williamson, Doug Kenyon, Chip Meyers, Steve Nixon, Ian Lawton e Chris Ogilvie-Herald. E também a toda a comunidade TDG pelo constante apoio, além de um alô a Jim Alison pela cortesia de compartilhar suas imagens comigo.

Obrigado também a Mitch Horowitz pelos inestimáveis conselhos e pela generosidade, e a Frater Ijynx e seu amigo percussionista pela magia de sua música. Minha gratidão a Bill Block, da Key Creatives, e a meus agentes italianos Asni, Ranghetti e Rotundo por terem acreditado neste livro e pelo afínco com que trataram de torná-lo realidade.

À casa de máquinas do Daily Grail: Bill Bellamy, James Kennedy, Steve Hynd, Rick Gned, Kat Lowry e Rich Shelton, que partiu, mas não foi esquecido. Seu bom humor, sua inteligência e sua enorme capacidade de trabalhar muito em troca de pouco são em grande medida responsáveis pelo sucesso do *site*. Não posso deixar de maravilhar-me com a sorte de ter podido colaborar com cada um de vocês.

A Simon Cox, por compartilhar idéias e tramar comigo a derrubada do paradigma. E a Mark Foster, cuja estrela artística só empalidece ante seu coração bom.

Ao pessoal da equipe Binya, por terem sido irmãos de alma. Agradecimentos especiais a David Pickworth por sua disposição de me ajudar, independentemente do momento ou do esforço necessário, e por ser um dos indivíduos mais sinceros do planeta.

Finalmente, a minha família. Os últimos anos foram um período difícil para todos nós, mas creio que serviram para mostrar os reais sentimentos do nosso clã. A Papai, Mamãe, Leanne, Nat, Scott e Keith — obrigado por tudo. A Tony, Narelle, Mark e Lee, obrigado por me aceitarem incondicionalmente. Um especial e amoroso obrigado a Tonita, por dividir comigo sua vida e seu amor. Minha vida foi abençoada no dia em que nos conhecemos, eu te amo, querida. E a Isis e Phoenix, que diariamente fazem o sol nascer para mim, meu amor incondicional.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO Só falta a chave

CAPÍTULO 1. Os dados básicos

CAPÍTULO 2. A influência rosa-cruz

CAPÍTULO 3. A irmandade maçônica

CAPÍTULO 4. Os alicerces maçônicos dos Estados Unidos

CAPÍTULO 5. Estranhas construções

CAPÍTULO 6. Uma conspiração maçônica?

CAPÍTULO 7. Os códigos de Salomão

CAPÍTULO 8. Outros temas

CONCLUSÃO E agora, só podemos esperar...

APÊNDICE Um panorama de Washington

NOTAS

ÍNDICE REMISSIVO

INTRODUÇÃO

SÓ FALTA A CHAVE

Ao lançar em 2003 seu romance *O código Da Vinci*, Dan Brown certamente esperava algum sucesso. Em 1996, Brown fizera a maior aposta de sua vida, renunciando ao emprego de professor de inglês na prestigiada Phillips Exeter Academy para ganhar a vida escrevendo romances. Seu primeiro romance, *Fortaleza Digital*, explorava o polêmico confronto entre os interesses de segurança nacional e o direito de privacidade, utilizando como veículo um de seus *hobbies* favoritos: a criptografia. Todavia, apesar de assumir a liderança nacional entre os livros eletrônicos, *Fortaleza digital* teve vendas apenas razoáveis nas livrarias.

Os dois romances que serviram de continuação, *Ponto de impacto* e *Anjos e demônios*, tiveram receptividade equivalente, embora no segundo Brown tenha encontrado uma fórmula que tornaria sua obra seguinte um grande êxito. Em *Anjos e demônios*, encontramos pela primeira vez o hoje célebre personagem de Robert Langdon, professor de Simbologia Religiosa em Harvard que é convocado pelas autoridades para ajudar a solucionar crimes misteriosos, por seu profundo conhecimento de símbolos e códigos.

Assim como *Fortaleza digital* opunha segurança nacional e privacidade individual, a trama de *Anjos e demônios* girava em torno da dicotomia ciência-religião — refletindo talvez influências pessoais do próprio Brown, filho de um professor de matemática agraciado com o Prêmio Presidencial, que também era um profissional da música sacra. O enredo, envolvendo uma antiga sociedade secreta há séculos em confronto com a Igreja Católica, permitiu ao autor abordar uma série de tópicos interessantes, apesar de díspares: ciência de ponta, teorias conspiratórias, simbolismo religioso e criptografia.

O aspecto "caça ao tesouro" constitui um dos ingredientes essenciais dos romances de Dan Brown, decorrendo de seu interesse pessoal pela criptografia. Quando era criança, seu pai inventava jogos de caça ao tesouro para os filhos, utilizando cifras e códigos. Mais tarde, Brown aproveitaria esta vivência pessoal no personagem de Sophie Neveu, em *O código Da Vinci*. Para o leitor, o apelo é evidente: o simbolismo e os códigos criptográficos têm forte poder de envolvimento, no empenho mental para solucionar cada problema, ao passo que a "história oculta" fascina pelo aspecto de revelação de segredos. John Chadwick, o filólogo e especialista em criptologia que ajudou a decifrar o antigo manuscrito grego "Linear B", descreveu muito bem o gosto por segredos e enigmas em seu livro *The Decipherment of Linear B* [A decifração de Linear B]:

*A necessidade de descobrir segredos está profundamente arraigada na natureza humana; até a mente menos curiosa fica excitada com a perspectiva de ter acesso a conhecimentos detidos por outros. (...) A maioria de nós é compelida a sublimar essa necessidade solucionando enigmas artificiais concebidos para nosso entretenimento.*¹

A associação do gênero "mistério detetivesco" com o tema das sociedades secretas e da história alternativa revelou-se das mais inspiradas no romance seguinte de Dan Brown, *O código Da Vinci*. Remetendo ao mistério histórico da sociedade secreta conhecida como Priorado de Sião e recheando seus enigmas criptográficos com lendas da história da arte, Brown finalmente realizou seu sonho de escrever um best-seller — em escala mundial.

Poucas vezes um romance terá deixado tais marcas. Desde o lançamento, em 2003, *O código Da Vinci* quebrou recordes de vendas no mundo inteiro. Em março de 2005, já haviam sido impressos mais de 25 milhões de exemplares. De quebra, o sucesso do livro também transformou os romances anteriores de Brown em best-sellers. Numa mesma semana do início de 2004, seus quatro romances estiveram juntos na lista de sucessos

de venda do *New York Times* — uma proeza inacreditável. Ainda por cima, a Columbia Pictures comprou os direitos cinematográficos do romance, escalando dois detentores do Oscar: o diretor Ron Howard e, para o papel de Robert Langdon, o ator Tom Hanks.

O *código Da Vinci* possui igualmente uma enorme influência sociológica. A utilização nele de temas heréticos, como o casamento de Jesus com Maria Madalena, gerou ampla polêmica e muito debate em torno da "verdadeira história" do cristianismo — e especialmente do catolicismo. Em março de 2005, o Vaticano reagiu passando à ofensiva contra o best-seller de Brown: em inédito ataque a um livro de ficção, o cardeal Tarcísio Bertone, arcebispo de Gênova, declarou que o romance estava "cheio de mentiras e manipulações". Considerando "lamentável" o enredo herético do livro de Dan Brown, o cardeal Bertone recomendou que as livrarias católicas o tirassem de suas prateleiras.

E VEIO A CHAVE DE SALOMÃO

Cabe perguntar, no entanto, se Dan Brown apenas esperava alcançar o sucesso ou se, na realidade, não o planejou. O lançamento de *O código Da Vinci* foi acompanhado de algo equivalente, no mundo editorial, a uma "carga maciça de cavalaria". A editora Doubleday enviou dez mil exemplares gratuitos a jornalistas, formadores de opinião e grandes livrarias, um considerável investimento de risco, pois na época Brown ainda era um escritor de sucesso moderado. O número de exemplares de cortesia distribuídos ficava em torno de metade do total vendido pelos três romances anteriores juntos. Mas a ousada cartada valeu a pena, e as primeiras resenhas criaram um boca-a-boca favorável que acabaria garantindo o enorme sucesso do romance.

Além disso, está claro hoje que Dan Brown planejou lançar *O código Da Vinci* como o primeiro de uma série de livros a serem comercializados em

conjunto, pois na sobrecapa da edição norte-americana estão inscritas cifras que remetem ao tema do livro *seguinte* de Brown. Ao serem encontradas pelos leitores pela primeira vez, as mensagens codificadas pareciam, na melhor das hipóteses, ambíguas e confusas. Mas o motivo de ali estarem ficou evidente quando Dan Brown anunciou numa entrevista que podiam ser encontradas indicações sobre seu próximo romance na sobrecapa de *O código Da Vinci*. Pouco depois, o site oficial de Brown na Internet lançava um concurso intitulado "Descubra o código: o segredo está bem diante dos seus olhos".

Com a promessa de uma viagem a Paris para o vencedor, o concurso era apresentado da seguinte maneira:

Bem-vindo, amigo leitor de O código Da Vinci.

Leonardo era sabidamente um trapaceiro que gostava de escamotear segredos à vista de todos (...) muitas vezes codificados em suas obras de arte. Pois agora, exatamente como os segredos dissimulados na arte de Leonardo, uma série de códigos foi escondida para você encontrar.

Disfarçadas na sobrecapa de O código Da Vinci, numerosas mensagens criptografadas apontam para o tema do próximo romance de Dan Brown, tendo como personagem Robert Langdon.²

A inscrição dos códigos na sobrecapa foi um golpe de mestre da parte de Brown e sua editora, mostrando notável visão. Centenas de milhares de admiradores participaram desde então do concurso, cujas soluções são longamente debatidas em fóruns na Internet. Alimentando a curiosidade com graduais revelações sobre o próximo livro, Brown conseguiu gerar uma expectativa quase histórica. De tal maneira que, quando o editor Stephen Rubin revelou o título do romance seguinte, foi o suficiente para que o *New York Times* publicasse uma matéria.³

Caso você ainda não saiba, o título do próximo livro será *A chave de Salomão*, devendo ser publicado no início de 2006.

DECIFRE ESTE ENIGMA

Este livro foi escrito com o mesmo espírito utilizado por Dan Brown na concepção e comercialização de suas obras. Em primeiro lugar, examinaremos suas declarações nos meios de comunicação e em seu próprio *site* para tentar encontrar indicações sobre os prováveis temas de seu próximo livro. Trataremos em seguida de consolidar essas idéias investigando os códigos inscritos por Brown na capa de *O código Da Vinci* e no concurso da Internet, interpretando seus significados. Finalmente, analisaremos a *simbologia pessoal* de Dan Brown — seu estilo como escritor e suas influências históricas —, tentando prever possíveis linhas de enredo e recursos narrativos de *A chave de Salomão*, antes mesmo que o livro chegue às livrarias.

Uma vez estabelecidas as bases das influências e temas de predileção de Dan Brown, passaremos a uma investigação mais minuciosa dos tópicos identificados. E, embora não possamos naturalmente prever cada detalhe — e algumas de nossas previsões com certeza estarão simplesmente erradas —, você pode estar certo de que boa parte do que descobrirmos em nossa investigação terá algum papel em *A chave de Salomão*.

Vamos então em frente...

CAPÍTULO 1

OS DADOS BÁSICOS

Começemos por um exame das palavras do próprio Dan Brown sobre a continuação de *O código Da Vinci*. Inicialmente, não precisamos enveredar muito por previsões e adivinhações para deduzir o tema principal de *A chave de Salomão*, pois a resposta pode ser encontrada na área dedicada às "perguntas mais freqüentes" do *site* de Dan Brown. Respondendo a uma pergunta sobre seu fascínio pelas sociedades secretas, Brown explica:

*Meu interesse deriva de meus anos de formação na Nova Inglaterra, cercado pelos clubes clandestinos das universidades da Ivy League, as lojas maçônicas dos Pais Fundadores e as ante-salas ocultas do poder governamental no nascedouro. (...) O próximo romance em torno de Robert Langdon (...) se passa nos recônditos mais profundos da mais antiga fraternidade da história (...) a enigmática irmandade dos maçons.*⁴

Temos neste trecho uma confirmação inicial de que *A chave de Salomão* envolverá a maçonaria, uma sociedade secreta vagamente familiar para a maioria de nós, pelo menos de nome — e superficialmente considerada pelos que não a conhecem bem como um grupo estranho, mas inofensivo, de "velhos camaradas" ou uma maquiavélica máquina de poder subversivo. Existe toda uma abundante e contraditória literatura sobre a maçonaria, e geralmente é difícil identificar onde terminam as lendas e onde começa a verdade na história desse enigmático grupo. Dan Brown certamente não se eximirá de explorar os elementos mais conspiratórios da história da maçonaria, mas que fontes estará usando para escrever *A chave de Salomão*? Examinaremos mais detidamente esta questão um pouco adiante.

Curiosamente, Brown também se refere de passagem, nesse trecho, a outros temas correlatos — as lojas maçônicas dos "Pais Fundadores", as "ante-salas ocultas" do poder e as fraternidades secretas das universidades da Ivy League. Embora não declare explicitamente que esses temas fazem parte de seu novo livro, a referência a três assuntos tão estreitamente ligados merece nossa atenção.

É público e notório que alguns dos fundadores dos Estados Unidos eram maçons. Sabe-se que George Washington, Benjamin Franklin e Paul Revere foram iniciados na maçonaria. Toda uma série de teorias da "história oculta" postula que a fundação dos Estados Unidos foi um projeto maçônico para a criação de uma terra da utopia, livre dos erros do "velho mundo", e que esta "conspiração" ainda hoje tem prosseguimento. Os adeptos dessas teorias costumam invocar certas provas, entre as quais se destacam o planejamento e a arquitetura da capital dos Estados Unidos, Washington, e o estranho simbolismo contido no selo das armas da república norte-americana. Também chamam nossa atenção para a relação dos presidentes que foram maçons, assim como para a atual proeminência da sociedade secreta da Ivy League, a Crânio e Ossos.

Será que Dan Brown baseará *A chave de Salomão* em alguma dessas histórias ocultas? Tudo indica que podemos ter tropeçado em mais uma peça do quebra-cabeça, pois ele afirmava em entrevista a Ruth Mariampolski:

Estou escrevendo mais um romance de mistério com Robert Langdon como personagem — uma continuação de O código Da Vinci. Pela primeira vez, Langdon vai se envolver num mistério em território norte-americano. Este novo romance explora a história oculta da capital de nosso país.

Vale notar também que Dan Brown está perfeitamente familiarizado com a estranha iconografia encontrada nas armas republicanas dos Estados Unidos, que já era mencionada no primeiro romance da série envolvendo

Robert Langdon, *Anjos e demônios*. Quando lhe perguntaram o que achava que esses símbolos tinham a ver com os Estados Unidos, Brown respondeu:

*Absolutamente nada, que é precisamente o que torna tão interessante sua presença em nossa moeda. (...) o olho dentro do triângulo é um símbolo pagão adotado pelos Illuminati, significando a capacidade da irmandade de se infiltrar e observar todas as coisas.*⁵

Não devemos esquecer que o tema do "olho dentro do triângulo" está presente na capa de *O código Da Vinci* — embora devamos deixar para mais adiante a análise deste elemento. Desse modo, se Dan Brown efetivamente incorporar a imagística das armas republicanas ao enredo de *A chave de Salomão*, podemos esperar que o livro tenha alguma relação com os Illuminati, ou pelo menos com uma organização ligada a eles.

Reunimos até aqui algumas indicações mais fortes sobre os prováveis principais temas de *A chave de Salomão*. Antes de passar a uma investigação das enigmáticas cifras inscritas na capa de *O código Da Vinci*, assim como do quebra-cabeça proposto na Internet, devemos atentar rapidamente para outra dica dada pelo próprio Dan Brown. Observando que Robert Langdon detém-se em *O código Da Vinci* numa análise da numerologia cabalística, Brown comenta:

O livro também dá uma indicação da identidade de outra seita ultra-secreta de numerologia que me fascina, mas não posso aqui revelar seu nome sem comprometer o elemento-surpresa do próximo livro.

Não é possível aqui encontrar uma resposta óbvia neste caso: uma investigação das seitas históricas interessadas em numerologia certamente renderia uma longa lista. De modo que por enquanto limitamo-nos a arquivar esta informação, passando ao "Desafio Da Vinci".

BEM DIANTE DOS SEUS OLHOS

Como dissemos na Introdução, encontram-se na sobrecapa da edição norte-americana de *O código Da Vinci* criptogramas que remetem ao tema de *A chave de Salomão*. Até abril de 2004, foi promovido na Internet um concurso que esclarecia alguns desses confusos códigos, fazendo perguntas a eles relacionadas. Vamos agora examinar essas perguntas e respostas, na tentativa de descobrir mais a respeito do próximo livro de Brown.

As três primeiras perguntas do concurso servem mais para testar se a pessoa realmente leu *O código Da Vinci*, e podem ser respondidas com facilidade, deixando o caminho aberto para o desafio propriamente dito. A primeira pergunta que realmente conta convida o leitor a encontrar na contracapa de *O código Da Vinci* um código escrito de trás para frente. Aguçando-se a atenção — e recorrendo a um espelho —, vamos encontrar uma misteriosa referência cartográfica: 37° 57' 6,5" Norte e 77° 8' 44" Oeste. Antes de ser lançado o concurso na Internet, aqueles que se depararam com este código foram dar num beco sem saída ao tentar fazer a localização. O motivo disso ficou claro quando a respectiva pergunta foi feita no *site*.

PI. Qual a enigmática escultura encontrada a um grau norte da localização indicada no código?

Faria mais sentido acrescentar um grau à latitude, localizando-se assim a sede da Agência Central de Inteligência (CIA) em Langley, Virgínia. A maioria das pessoas que se interessam por criptografia conhece a "enigmática escultura" que ali se encontra, pois é considerada um dos maiores quebra-cabeças não resolvidos do mundo.

RI. Kryptos.

No pátio e nas imediações da sede da CIA, em Langley, existe uma escultura intitulada "Kryptos". Obra do artista norte-americano James Sanborn, é na realidade um conjunto de esculturas, cuja peça mais conhecida é uma grande tela vertical em forma de "S" na qual estão inscritos 865 caracteres, e que apresenta quatro mensagens codificadas, cada qual com sua própria cifra. Sanborn revelou que existe um outro enigma, que só poderá ser solucionado uma vez decifradas as quatro passagens criptografadas. Desde a inauguração, em 1990, três dos quatro códigos foram descobertos, mas o quarto continua preservado.

Aparentemente, Dan Brown, confesso maníaco por criptografia, há muito se interessa pela história de Kryptos. Há inclusive boatos de que vem trabalhando estreitamente com Sanborn na trama de *A chave de Salomão*.⁶ Curiosamente, as primeiras informações a respeito da escultura davam conta de que fora concebida em colaboração com um "famoso ficcionista". Embora isso tivesse ocorrido muito antes da época de Dan Brown, e Sanborn contestasse posteriormente a alegação, não estaria indicada aí uma faceta da criação de Kryptos que Brown pode ter acabado "comprando"? A título de curiosidade, ao ser perguntado certa vez sobre a escultura numa entrevista de televisão, Brown respondeu que ela "remete aos mistérios antigos". Analisaremos mais detidamente o enigma de Kryptos adiante.

Uma vez dada a resposta "Kryptos" no questionário do *site*, somos conduzidos a uma nova página que contém informações sobre a escultura de Sanborn e remete a um dos códigos desvendados (o segundo). A mensagem decifrada é a seguinte:

Eles utilizaram o campo magnético da Terra. A informação foi coletada e transmitida subterraneamente para um lugar desconhecido. Será que Langley está sabendo a respeito? Eles deveriam saber: está enterrado em algum lugar. Quem sabe a exata localização?

Aparece então no site a pergunta relativa à conclusão desse texto:

P2. Segundo Kryptos, quais são as iniciais da pessoa que "sabe a exata localização"?

A resposta é relativamente simples para quem conhece a história de Kryptos. A última frase da mensagem decifrada de Kryptos é "Só WW sabe.":

R2.WW

O concurso da Internet não apresenta qualquer outro comentário sobre esta resposta. A maioria das pessoas deduziu que "WW" referia-se ao diretor da CIA na época da inauguração da escultura, William Webster. A CIA, certamente temendo que uma mensagem comprometedoras fosse codificada pelo artista, insistira em que Sanborn entregasse a Webster um envelope contendo o código e a mensagem. Assim, WW certamente conheceria a solução. Outros têm advertido que a resposta parece demasiado fácil, continuando a buscar outras alternativas — houve até quem chamasse a atenção para o fato de que WW de cabeça para baixo é MM, as iniciais de Maria Madalena. Seja como for, a frase "Só WW sabe." também pode ser encontrada discretamente dissimulada, de cabeça para baixo, na contracapa de *O código Da Vinci*.

A questão seguinte do questionário muda de assunto, e a pergunta que se segue remete à resposta. Ela instrui os leitores a procurarem na sobrecapa uma mensagem codificada:

P3. Em meio a esses parágrafos (e muito bem disfarçada) encontra-se uma frase mística de tempos passados. Para fazer a sua busca (...) renuncie a todo medo, pois se você ousar a fonte da verdade aparecerá.

A mensagem pode ser facilmente decifrada, destacando-se as letras em negrito do resto do texto. Revela-se então uma frase que merecerá muita discussão:

R3. Ninguém socorre o filho da viúva?

Encontramos no *site*, em seguida, uma quarta pergunta baseada nesta frase, a qual faz perfeitamente sentido à luz do início de nosso capítulo:

P4. Para qual antiga fraternidade (ainda ativa hoje em dia) esta frase tem um significado especial?

O "filho da viúva" é uma expressão conhecida na maçonaria, e a frase "Ninguém socorre o filho da viúva?" é um pedido de ajuda em código usado pelos filiados em situações de perigo. Certos pesquisadores consideram que a expressão "filho da viúva" poderia designar o filho de Jesus e Maria Madalena—uma idéia pertinente, considerando-se o tema de *O código Da Vinci*. Existe ainda um outro possível significado para a expressão... mas esta questão terá de esperar um pouco, pois já estamos quase no fim do desafio. Vejamos então a resposta da quarta pista:

R4. Maçons

Ainda que não tivéssemos confirmado suficientemente a participação da misteriosa organização no enredo de *A chave de Salomão*, esta resposta com certeza pode ser tomada literalmente. O questionário tece alguns comentários sobre a resposta, referindo-se à maçonaria como uma das mais antigas fraternidades existentes, um "sistema moral envolto em alegorias e ilustrado por símbolos". Poderia haver tema mais natural para um romance de suspense tendo Robert Langdon como personagem central? No início de 2005, surgiu a confirmação final disto com a afirmação, na publicidade do livro, de que o enredo "gira em torno do assassinato de vários líderes políticos da atualidade por uma pessoa ligada à maçonaria, a fraternidade secreta da qual fizeram parte alguns dos Pais Fundadores".

A última pergunta do desafio é muito mais enigmática, exigindo um olhar arguto e ao mesmo tempo algum conhecimento (ou intuição) de criptografia. A pista fornecida leva a um discreto sinal na contracapa de O

código Da Vinci, consistindo numa série de números separados pelo símbolo do "olho no triângulo". A pista explica então como resolver o enigma:

*Cada número mostra o caminho para um capítulo
Cada capítulo começa com palavras em cinza-claro
A primeira letra é o que você procura*

*Treze delas (embora tudo pareça grego)
Mais três olhos que tudo vêem — um quadrado perfeito
Começando em E, e César para lá te conduz.*

As instruções concluem com a pergunta:

P5. Qual a frase famosa que está impressa em torno da marca?

Utilizando os números e procedendo à verificação cruzada em cada capítulo, reunimos 13 letras, que em sua atual ordem não fazem tanto sentido assim. Treze letras e três olhos que tudo vêem somam 16 caracteres, um quadrado perfeito, tal como afirma a pista. Mas como podemos formar esse quadrado utilizando as letras e os olhos? A pista indica o caminho: "César para lá te conduz." Embora Júlio César tenha utilizado várias técnicas de escrita cifrada, uma em particular adapta-se à utilização de um quadrado, a chamada "Caixa de César". Para fazer uso de uma Caixa de César, o texto cifrado é disposto em colunas verticais dentro do quadrado, e a mensagem codificada é então revelada mediante leitura transversal, em sentido horizontal, por essas fileiras. Utilizando este método, e considerando os olhos que tudo vêem como "espaços" entre as palavras, surge uma frase intrigante:

R5. E Pluribus Unum.

Depois de apresentar a resposta, o desafio esclarece a frase. Explica que "E Pluribus Unum" significa "Dentre muitos... um" em latim, inscrição

que aparece nas armas republicanas dos Estados Unidos. Observa também que esses motivos podem ser encontrados na nota de um dólar, acrescentando que a discussão das diferentes teorias envolvidas terá de esperar mais um dia. Vamos apanhar Dan Brown de calças curtas e fazer exatamente isso um pouco mais adiante, dedicando uma seção inteira às armas republicanas e a seu aparecimento na moeda dos Estados Unidos.

Respondendo corretamente às cinco perguntas, somos levados a uma última página que consiste num derradeiro desafio. Explica-se então que, para concluir a busca, somos convidados a clicar no "oeil droit" da Mona Lisa. O que parece bastante simples, pois "oeil droit" significa "olho direito" em francês. O desafio é então concluído clicando-se no olho direito da Mona Lisa. Mas talvez devamos registrar a escolha do olho direito como mais uma pista sobre o conteúdo de *A chave de Salomão*.

Dan Brown está constantemente nos lembrando, em *O código Da Vinci*, em seu *site* na Internet e em entrevistas, de que muitos dos "mistérios" de seus romances baseiam-se na idéia de uma continuação de conhecimentos ocultos de tempos antigos. Uma das tradições antigas a que ele costuma recorrer em sua "simbologia" é a da grande cultura egípcia que existiu durante cerca de três mil anos antes da era cristã. E o "olho direito" tinha um certo significado para os egípcios antigos.

O "Udjat" ou "Olho de Hórus", era um símbolo particularmente forte para os egípcios antigos. Exemplos desse motivo podem ser encontrados nas paredes de templos e inscritos em pirâmides, mas sua utilização mais freqüente era como amuleto usado pelos vivos ou incluído entre os objetos que acompanhavam os mortos mumificados. Ele tem uma curiosa origem mitológica: diz-se que o deus Hórus perdeu o olho numa batalha com um deus rival, Set, assassino de seu pai Osíris (curiosamente, Hórus também fica sendo, assim, um "filho de viúva", sendo a viúva em questão a deusa Ísis):

*Seth esfaçalhou o olho. Thot (...) conseguiu reunir os pedaços. (...) Thot entregou o Olho a Hórus. Hórus, por sua vez, entregou o olho a Osíris, seu pai assassinado, com isso trazendo-o de volta à vida.*⁷

Quase sempre o símbolo era descrito anatomicamente como o olho direito, embora tanto o esquerdo quanto o direito tivessem um significado próprio. O olho direito de Hórus, também chamado "Olho de Rá", era consonante com o Sol — sendo por isso associado, no hermetismo, com a masculinidade, a racionalidade e a ciência. O olho esquerdo era associado com a Lua, sendo-lhe atribuídas as virtudes da feminilidade, da intuição e do pensamento esotérico na filosofia hermética. Curiosamente, a iconografia maçônica costuma representar o Sol e a Lua juntos na mesma imagem.

Como amuleto, acreditava-se que o Olho de Hórus tivesse poderes de cura e proteção, e até mesmo a capacidade de reviver os mortos (como aconteceu com Osíris). O ícone também era usado como artifício matemático, representando cada "fragmento" do olho dilacerado uma fração do todo. Dan Brown poderia utilizar esta ínfima referência num de seus códigos? Talvez faça mais sentido levar em conta que também há quem considere que o Olho de Hórus serviu de modelo para o olho que tudo vê geralmente associado a sociedades secretas, como as dos Illuminati e a dos maçons, tal como mencionado anteriormente por Brown. Esta utilização pode decorrer da função do olho, que é captar a luz, alusão à capacidade espiritual de perceber a "luz interior".

Também devemos ter em mente, contudo, que essa divisão dos dois olhos de Hórus representa os aspectos racional e intuitivo da consciência humana. Como dissemos na Introdução, os enredos de Dan Brown muitas vezes giram em torno de dicotomias como essas. Em *Anjos e demônios*, o combate entre os Illuminati e a Igreja Católica era apresentado como um combate entre ciência e religião. Ironicamente, em *O código Da Vinci*, a Igreja era apresentada como terreno da dominação masculina, e o Priorado de Sião, como defensor do "sagrado feminino". Como em cada um desses casos

as sociedades secretas são representadas nos extremos opostos do espectro hermético, pode ser difícil decidir de que maneira Dan Brown posicionará a maçonaria em *A chave de Salomão*. É possível, no entanto, que investigando mais possamos esclarecer a questão; por isso vamos assinalar este tema como mais outro a ser aprofundado.

A SIMBOLOGIA DE DAN BROWN

Que podemos depreender dos romances anteriores de Dan Brown, em termos de pesquisa e conteúdo, que possa nos ajudar a montar o quebra-cabeça de *A chave de Salomão*⁷. Muita coisa, na realidade, pois vários temas recorrentes de sua ficção podem dar-nos uma idéia geral do que será encontrado em seu próximo livro. Além disso, comparando seus habituais recursos narrativos com as possibilidades apresentadas pelo tema do novo livro, podemos perfeitamente antecipar certos detalhes de *A chave de Salomão*.

Quais são os temas semelhantes dos dois romances de Dan Brown que têm Robert Langdon como personagem? Por onde podemos começar? A enciclopédia eletrônica Wikipedia⁸ relaciona essas semelhanças dos enredos:

- O personagem principal, Robert Langdon, segue uma trilha de antigas pistas místicas envolvendo uma sociedade secreta que se opõe à Igreja Católica.
- Cada romance começa com um prólogo envolvendo um assassino e uma cena de homicídio com estranhos símbolos. Em cada um deles, Langdon é despertado por um telefonema em que sua ajuda é solicitada para a solução do caso.
- O enredo de ambos os romances transcorre ao longo de um único dia, sendo a ação de Langdon acompanhada por uma bela e inteligente mulher ligada à vítima de assassinato.
- Em ambos os livros, o assassino (o Hassassin em *Anjos e demônios*

e Silas em *O código Da Vinci*) tem a impressão de estar agindo em nome de uma organização, que na realidade está sendo usada para os assassinatos (respectivamente, os Illuminati e o Opus Dei).

- Nos dois livros, acaba-se descobrindo que o mentor dos assassinatos era o personagem que aparentemente tinha menos motivos para isso.

- Langdon e sua companheira de investigação acabam a história envolvidos romanticamente (e talvez sexualmente).

Embora as críticas de que Brown foi alvo por causa desses enredos tão semelhantes possam levá-lo a desistir da fórmula, podemos presumir que certos elementos de seu estilo voltarão a se manifestar, já que estão tão estreitamente ligados a seu sucesso.

História oculta:

Os dois romances de Dan Brown com Robert Langdon como personagem central valem-se ambos de fontes da história alternativa. *O código Da Vinci* recorria generosamente à mitologia em torno do Priorado de Sião, sociedade secreta supostamente surgida na época das Cruzadas. As origens do Priorado de Sião foram esboçadas em 1981 no livro de história alternativa *O Santo Graal e a Linhagem Sagrada*, que se tornou um best-seller. Sabemos que Dan Brown o tem em alta conta, pois concedeu-lhe a honra de figurar na estante de Leigh Teabing em *O código Da Vinci*. Na realidade, Teabing considera-o "possivelmente o livro mais conhecido" sobre a questão da linhagem sangüínea de Jesus. O leitor mais atento pode até deparar-se com esta pequena alusão deixada por Brown: "Leigh Teabing" é um anagrama dos sobrenomes de dois dos autores de *O Santo Graal e a Linhagem Sagrada* — Richard Leigh e Michael Baigent (sendo o terceiro autor Henry Lincoln).

Caberia perguntar por que o nome de Henry Lincoln foi omitido do anagrama. Terá sido simplesmente pela facilidade de criar um nome

verossímil para Teabing? Pode haver outro motivo. Depois da publicação de *O Santo Graal e a Linhagem Sagrada* e de sua "continuação", *A herança messiânica*, Baigent e Leigh continuaram a escrever livros juntos — sem a colaboração de Lincoln. Um desses livros trata especificamente da história da maçonaria.

O templo e a loja, lançado em 1989, investiga as possíveis ligações entre a dissolução dos lendários Cavaleiros Templários e as origens da maçonaria. Em sua investigação, eles encontraram vínculos entre a maçonaria e a Capela de Rosslyn, um monumento histórico perfeitamente conhecido dos leitores de *O código Da Vinci*. Para além disso, contudo, o fim de *O templo e a loja* fornece uma pista para nossa investigação, pois trata das influências maçônicas encontradas na formação dos Estados Unidos da América. Seria Dan um fã da dupla?

Outro livro encontrado na estante de Teabing é *O segredo dos templários* de Lynn Picknett e Clive Prince. Também esse livro sustenta a existência de uma linhagem ininterrupta unindo os Cavaleiros Templários, invocando para isso o testemunho de *O templo e a loja* e de um outro livro, *Nascidos do sangue: Os segredos perdidos da maçonaria* de John Robinson. Ele vem a ser, igualmente, um dos principais livros de "história alternativa" a promover a idéia de um "culto do sagrado feminino".

O trecho de *O código Da Vinci* que trata da Capela de Rosslyn certamente mostra que o autor, ao menos em parte, se deixa influenciar pelos dois livros mencionados, mas há indicações de que pelo menos uma outra obra foi usada como referência. Quando Robert e Sophie chegam a este curioso monumento histórico, Brown afirma que ele foi concebido pelos templários como uma perfeita cópia arquitetônica do Templo de Salomão, em Jerusalém. Também é mencionado um "Selo de Salomão" assinalado em determinados pontos da arquitetura da capela. Ambas as idéias foram originalmente expostas num livro intitulado *A chave de Hiram* (note-se a semelhança com o título do próximo livro de Brown), de Robert Lomas e

Christopher Knight. Curiosamente, ambos são maçons, e alguns de seus livros investigam a história da ordem, revelando estranhos fatos e correspondências alheias à história ortodoxa. Devemos, portanto, analisar atentamente os seus escritos.

Por que será que Dan Brown baseia os enredos de seus romances em livros polêmicos? Provavelmente porque os livros de "história alternativa" proporcionam ao leitor a emoção da revelação subversiva: o fator chamado "isso não se aprende na escola". O lado "sociedade secreta" dessas histórias também adensa a intriga, multiplicando as possibilidades de desenvolvimento da trama. Em *Anjos e demônios* Brown apresenta os "Illuminati" como uma organização obscura movendo-se fora do alcance do radar da história ortodoxa. Em *O código Da Vinci*, este papel é desempenhado pelo Priorado de Sião. Em *A chave de Salomão*, tudo indica que a maçonaria, ou pelo menos alguma parte da fraternidade, será usada de maneira semelhante.

Quais seriam, então, os outros livros de "história alternativa" a que devemos estar atentos, à luz do que já descobrimos a respeito de *A chave de Salomão*⁷. Se estiver em questão a "história secreta" de Washington, a capital norte-americana, pode ser interessante dar uma olhada no livro *The Secret Architecture of Our Nations Capital: The Masons and the Building of Washington, D.C.*, [A arquitetura secreta da capital de nosso país: os maçons e a construção de Washington], de David Ovason. O autor não só investiga a influência da maçonaria no traçado urbanístico da capital como sustenta que houve influência da constelação de Virgem nesse traçado — talvez uma providencial ligação com a utilização, em *O código Da Vinci*, de uma sociedade secreta que venera o aspecto feminino da divindade. O sagrado feminino se internacionaliza!

Finalmente, devo mencionar um outro livro que pode desempenhar um papel em nossa investigação. O lendário autor esotérico Manly P. Hall é mais conhecido por seu trabalho enciclopédico sobre as tradições ocultas,

The Secret Teachings of Ali Ages [Os ensinamentos secretos de todas as eras]. Outro de seus livros, *The Secret Destiny of America* [O destino secreto da América], merece particular atenção no que diz respeito a "*A chave de Salomão*". Neste intrigante trabalho, Hall sustenta que as sementes de um plano de fundação dos Estados Unidos "foram plantadas mil anos antes do início da era cristã". Recorrendo a obscuras referências históricas, *The Secret Destiny of America* investiga o papel desempenhado por outra sociedade secreta, a dos "Rosa-Cruzes", na fundação dos Estados Unidos.

Manly Hall acreditava que na importante figura histórica de Francis Bacon pode estar a chave de uma "história oculta" sobre a fundação dos Estados Unidos. *The Secret Destiny of America* tenta demonstrar que a sociedade secreta de Bacon desempenhou um papel importante no estabelecimento de uma república maçônica nos EUA, livre dos impedimentos do cristianismo europeu e das monarquias autoritárias que na época vigoravam na França e na Inglaterra. Certamente também vale uma investigação mais atenta.

Enigmas:

O interesse de Dan Brown pela criptografia tem-lhe sido muito útil, devendo-se boa parte do sucesso de seus livros, sem dúvida, aos constantes enigmas e códigos oferecidos à curiosidade do leitor. O personagem de Robert Langdon representa uma maneira fácil de inserir referências simbólicas no enredo. O acréscimo da criptógrafa Sophie Neveu à fórmula de O *código Da Vinci* criou mais uma alternativa nesse terreno. E por sinal será interessante ver se Sophie continua por aí no próximo romance, ou se desaparecerá da mesma forma que Vittoria Vetra depois de *Anjos e demônios* (ou quem sabe ambas voltem a aparecer... um triângulo amoroso sempre vem a calhar como recurso narrativo).

Desse modo, é provável que *A chave de Salomão* seja muito parecido em termos de enigmas e desafios para o leitor. Devemos, assim, tomar nota

das organizações e da história que estarão presentes no romance, examinando os possíveis códigos e cifras a eles relacionados que possam vir a ser usados por Dan Brown. Por exemplo, quais os símbolos e códigos que eram usados pela maçonaria e pelos templários? Algum dos personagens históricos envolvidos tinha sabidamente interesse por códigos? Examinando épocas mais recentes, devemos naturalmente incluir James Sanborn e a escultura Kryptos em nossa análise, pois são explicitamente mencionados no desafio da Internet. Para não mencionar o fato de que a escultura se encontra na sede da CIA; em Langley, que não fica longe de Washington.

Outro ponto a ser observado com relação aos enigmas criptográficos de Dan Brown é o fato de que ele regularmente inclui no "jogo" monumentos e obras de arte conhecidos. Em *O código Da Vinci*, Brown serviu-se de lugares históricos como o Louvre, Saint-Sulpice e a Capela de Rosslyn, além de quadros e esculturas famosos. Considerando-se já ter ele declarado que a história oculta da capital norte-americana fará parte de *A chave de Salomão*, talvez devêssemos sair em busca dos monumentos mais interessantes da região para identificá-los como cenário provável de passagens do novo romance. Voltaremos a este tema num próximo capítulo.

O sagrado feminino:

Embora o conceito do sagrado feminino só tenha sido focalizado em um romance de Dan Brown, sua força como idéia pode conduzi-lo também ao próximo livro. Muita gente atribui boa parte do sucesso do livro à mensagem de força e capacitação que transmite, na medida em que aumenta a visibilidade do aspecto feminino na história religiosa. Trata-se de um tema de particular força na era moderna, considerando-se que vivemos numa sociedade dominada por religiões patriarcais. Podemos esperar que Brown continue a abordar este tema, ainda que não como principal foco do novo romance. Há interessantes detalhes a respeito da maçonaria e da cidade de Washington a serem discutidos em relação com o sagrado feminino.

Dicotomias:

Como já vimos, outra característica do estilo de Dan Brown é o confronto entre opostos. Em *Anjos e demônios*, eram os Illuminati, com sua fundamentação científica, contra a Igreja Católica, representando a religião. O *código Da Vinci* explorou um enredo semelhante, desta vez opondo a Igreja — na forma do Opus Dei — aos partidários do sagrado feminino, a sociedade secreta conhecida como Priorado de Sião. Já sabemos qual será um dos pólos em *A chave de Salomão*, a maçonaria. Qual será então a organização que provavelmente veremos confrontar-se com os maçons? Talvez uma ordem religiosa como a Companhia de Jesus, dos jesuítas, que há séculos se vem opondo à maçonaria e a outras organizações semelhantes?

Ou, quem sabe, com a alusão a Langley no concurso da Internet, assistiremos ao envolvimento de uma agência de inteligência no romance? É talvez o que devemos esperar, pois, numa entrevista posterior à publicação de *Anjos e demônios*, Dan Brown declarou que havia "tomado conhecimento recentemente de uma outra agência norte-americana de inteligência, de atuação ainda mais secreta que a da Agência de Segurança Nacional",⁹ e que ela teria papel de destaque em seu romance seguinte. Como a referida agência acabou não sendo integrada à trama de *O código Da Vinci*, é perfeitamente possível que Brown tenha reservado sua participação para o primeiro romance centrado em Robert Langdon a ter como cenário o território norte-americano: *A chave de Salomão*.

SURGEM AS LINHAS GERAIS

Como um navio surgindo da bruma, já podemos começar a identificar as linhas gerais de *A chave de Salomão*. Já conhecemos alguns dos temas principais: maçonaria, a história oculta da cidade de Washington, as armas da república norte-americana e uma possível conspiração dos Illuminati. Também podemos prever de onde virão certos detalhes dessas linhas gerais,

pois autores anteriormente usados como referência por Brown abordam alguns desses mesmos temas. E conhecemos o seu estilo. Podemos então começar a reunir os prováveis detalhes de um dos romances mais esperados da década. Começaremos por nos familiarizar com o contexto da história.

CAPÍTULO 2

A INFLUÊNCIA ROSA-CRUZ

Nos dois romances já publicados com o personagem de Robert Langdon, Dan Brown adota as sociedades secretas como um dos principais temas. Em *Anjos e demônios* eram os Illuminati, e em *O código Da Vinci*, o Priorado de Sião. Podemos agora presumir que *A chave de Salomão* tratará da maçonaria. Embora existam muitas dúvidas quanto às origens do Priorado de Sião, tanto os Illuminati quanto a maçonaria foram grupos de existência histórica perfeitamente concreta. A maçonaria decididamente sobreviveu na era moderna, ao passo que os "Illuminati Bávaros" parecem ter existido por menos de uma década no século XVIII — embora muitos adeptos da teoria da conspiração pudessem afirmar que simplesmente passaram à "clandestinidade" a partir de então, não só sobrevivendo até hoje como representando uma importante influência por trás dos acontecimentos mundiais.

Tanto os Illuminati quanto os maçons fazem parte de uma tradição que costuma ser identificada como "rosacruziana". Os grupos rosa-cruzes abarcavam numerosas crenças e filiações políticas, mas talvez seja mais acertado identificá-los conjuntamente pela semelhança de suas aspirações. Para entender as origens desses grupos, precisamos voltar no tempo cerca de quinhentos anos, explorando o clima político e religioso da Europa na época, além da emergência da ciência moderna no período do Iluminismo. Esse rápido desvio pela história haverá de revelar-se de enorme utilidade para entender as possíveis motivações dos Pais Fundadores norte-americanos.

UMA EUROPA DIVIDIDA

O início do século XVI foi um período conturbado na Europa. A Igreja Católica estava moral e financeiramente corrompida. Em todo o continente, as monarquias começavam a se impor de forma draconiana, descartando os limites constitucionais a sua autoridade. Além disso, em consequência das tensões causadas pela rapidez das mudanças que se verificavam na sociedade em todo o continente, os problemas começaram a fermentar a vida cotidiana. Incrivelmente, poder-se-ia dizer que um raio literalmente incendiou aquele inferno que já começava a descortinar-se...

Em 1505, um jovem alemão voltava da escola quando um raio atingiu o solo a seu lado. Aterrorizado, ele imediatamente fez uma promessa, em troca da salvação: "Valei-me, Sant'Ana! Vou fazer-me monge." Constatando que sobrevivera, Martinho Lutero, então com 21 anos, cumpriu a palavra, deixando a faculdade de direito para entrar para um mosteiro. Todavia, apesar do fervor de sua fé cristã, o jovem não demorou a desiludir-se com a Igreja.

O desencanto de Lutero com a cobiça e a corrupção endêmicas na Igreja Católica chegou ao ponto de ebulição, em 1517, quando fez um sermão criticando a prática da venda de indulgências. No portão da igreja do castelo, ele afixou um documento atacando a cobiça e o secularismo na Igreja. Aquele jovem católico com toda evidência estava ferindo um ponto sensível na sociedade européia: em questão de duas semanas, o manifesto de Lutero havia-se espalhado pela Alemanha, e pouco tempo depois estava sendo lido e discutido em toda a Europa. Tivera início a Reforma, e logo a Europa estaria dividida em dois campos religiosos — católicos e protestantes.

Na Inglaterra, a Reforma anunciava uma nova era, pois a Henrique VIII convinha politicamente romper com Roma. Uma grande quantidade de

bens católicos foi encampada pela monarquia, boa parte passando para as mãos da nobreza. Com tais recompensas para os que apoiavam a Reforma, o resultado era previsível. É nessa "nova" Inglaterra que vamos encontrar alguns dos personagens-chave que surgiram nas origens do rosacrucianismo.

O ÚLTIMO MAGO

O lendário filósofo elisabetano John Dee (1527-1609) era a autêntica personificação do "homem renascentista". Respeitado como matemático, astrônomo e geógrafo, também era astrólogo da rainha Elizabeth e grande estudioso da alquimia, da cabala e da magia. Profundo conhecedor de navegação, era mestre dos grandes exploradores da época, além de merecer a atenção da rainha da Inglaterra, que o tinha em alta estima.

Apesar de fervoroso cristão, Dee também era fascinado pelas tendências do período renascentista para o ocultismo. Para muitos, ele é lembrado sobretudo por suas tentativas de comunicação com os anjos, prática ainda adotada pelos ocultistas modernos sob o nome de "magia enoquita". Embora hoje suas atividades pudessem parecer heréticas e em contradição com sua fé cristã, na época a paisagem religiosa era diferente. A respeitada especialista Francês Yates assinala que, no Renascimento, a Igreja Católica não desencorajava os estudos herméticos e cabalísticos, sabendo-se que na realidade os cardeais enveredavam por algumas dessas áreas. Já a situação da magia era muito mais incerta, sujeitando a acusações de simonia.

Dee, todavia, provavelmente considerava que sua magia tinha um fundo cristão, pois estava tentando entrar em contato com os anjos, e não invocar demônios. Com efeito, seu principal objetivo era contribuir para a unificação da Europa através da revelação da religião pura dos antigos, superando os cismas confessionais. Yates identifica em Dee as origens de

um "Iluminismo rosacruziano".¹⁰ Como o protestantismo demonstrava maior tolerância com as práticas ocultistas, os primórdios da ciência foram propiciados pelas experiências de alquimia e filosofia natural desses "magos". Todavia, Yates afirma que o lugar desse Dee de tendências ocultistas na história, como inspirador da moderna ciência e do rosacruzianismo, foi apagado pelos que temiam as repercussões da caça às bruxas que logo teria início.

Em *O iluminismo Rosa-cruz*, Francês Yates considera Dee a "portentosa personalidade" por trás do início do movimento rosacruziano. E a chave desse movimento era a filosofia da *inclusão*, a idéia de que a humanidade só poderia progredir na tolerância de todas as fés religiosas.

O AVANÇO DO CONHECIMENTO

O alvorecer do século XVII foi um extraordinário período de descobertas. A herética idéia de Copérnico de que a Terra girava em torno do Sol começou a ser levada a sério. As figuras de Galileu e Kepler impõem sua monumental influência sobre a história. E um cavalheiro inglês chamado Francis Bacon inaugurou informalmente uma das maiores instituições científicas do mundo.

Sir Francis Bacon (1561-1626) era o mais novo dos cinco filhos de Sir Nicholas Bacon, o "guardião do selo real" de Elizabeth I. Homem de extraordinária inteligência, Bacon já não considerava satisfatórios os métodos e os resultados das "ciências" da época. Tomou a si, então, a tarefa de instituir um novo modo de exploração do conhecimento, paralelamente a sua influente carreira política e jurídica nos reinados de Elizabeth I e Jaime I. Em seu livro *O progresso do conhecimento*, publicado em 1605, Bacon declarou insatisfatória boa parte do saber então vigente. Propunha uma fraternidade do saber, na qual os homens cultos pudessem trocar idéias independentemente de suas crenças e filiações políticas. Temos aqui uma

curiosa continuação da aspiração inclusiva de Dee, um pansofismo no qual o conhecimento pertence a todos os homens.

Em seu *Novus Organum*, Bacon expôs suas idéias sobre o aperfeiçoamento da busca do conhecimento. Pretendendo tomar o lugar do *Organum* de Aristóteles, o livro estabelecia procedimentos científicos de muito maior rigor, que vieram a ficar conhecidos como o método baconiano. Este método de investigação leva em consideração as muitas possíveis falácias experimentais, como a tendência humana para identificar padrões em sistemas aleatórios, os métodos incorretos e os personalismos.

Bacon continuou a divulgar suas idéias sobre o progresso do conhecimento até sua estranha morte, ocorrida em 1626. Interessado na possibilidade de usar a neve para conservar a carne, Bacon comprara uma galinha no mercado, decidido a avaliar a hipótese por si mesmo, como bom cientista. Mas sua frágil saúde não resistiu à tentativa de rechear a galinha com neve, e ele contraiu pneumonia, morrendo pouco depois. Depois de sua morte, mais um de seus influentes ensaios foi publicado, *A Nova Atlântida*, que logo analisaremos.

CHEGAM OS ROSA-CRUZES

Ainda em vida de Bacon, começaram a surgir textos estranhos que logo viriam a exercer dramática influência em toda a Europa, apesar de seu caráter obscuro. Em 1614e1615, foram publicados na cidade alemã de Kassel dois misteriosos manuscritos sem qualquer indicação de autoria, com os estranhos títulos de *Frama Fraternitatis* ("A fama da louvável ordem da Cruz Rosada") e *Confessio Fraternitatis* ("Confissão da fraternidade").

Esses manuscritos contavam a história mitológica de um alemão chamado Christian Rosenkreutz, nascido em 1378, que aos 16 anos de idade viajou à Terra Santa e ao Oriente Médio. Lá, entrou em contato com uma

comunidade de convicções utopistas, que se deixava orientar exclusivamente por "homens sábios e compreensivos". Em sua peregrinação, Rosenkreutz também foi iniciado nos mistérios do ocultismo e na antiga "sabedoria secreta".

Os textos também afirmam que, de volta à Alemanha, Rosenkreutz uniu-se a homens de idéias afins para fundar, em 1407, a Fraternidade da Cruz Rosada. O grupo tomou para si a missão de viajar pelo mundo, disseminando os ensinamentos antigos e curando os doentes.

Rosenkreutz teria morrido em 1484, na avançada idade de 106 anos. Um pequeno grupo de iniciados deu prosseguimento ao importante trabalho do fundador, até que, em 1604, um dos membros da fraternidade descobriu uma porta secreta que levava a seu túmulo. Ao abrirem a porta, na qual estava inscrita a profecia "passados 120 anos eu me abrirei", eles encontraram uma abóbada de sete lados coberta de símbolos, livros e outros objetos extraordinários. Um dos tesouros ali encontrados era o chamado "Livro M" que teria sido escrito pelo próprio rei Salomão, e no qual ele registrara "todas as coisas passadas, presentes e futuras". No meio da cripta encontrava-se um caixão com o corpo perfeitamente preservado de Christian Rosenkreutz. A coisa foi interpretada como sinal de que a existência da ordem deveria ser levada ao conhecimento do público, convidando-se pessoas de idéias afins para que se juntassem a eles em sua busca.¹¹

A revelação de que esta sociedade secreta estava por tornar-se pública causou enorme sensação em toda a Europa. As mudanças que ocorriam na sociedade da época faziam com que muitas pessoas se identificassem com a mensagem rosacruziana, mensagem de uma sabedoria antiga reconstituída para orientar os homens para uma nova utopia. Cientistas e filósofos famosos tentaram localizar e entrar em contato com a fraternidade rosa-cruz, mas não tiveram êxito. A sensação era de que a Europa estava entrando numa nova era de esclarecimento, guiada pela "verdade" dos antigos, que permitia retornar ao "estado paradisíaco anterior

à queda".¹²

Quem eram esses irmãos anônimos comprometidos com a transformação do mundo? Nem mesmo pesquisas minuciosas permitiram estabelecer a identidade de qualquer membro real da primitiva sociedade rosa-cruz, e todos os indícios são de que os documentos (assim como a posterior publicação de *As bodas químicas de Christian Rosenkreutz*) não passavam de criação fictícia de um teólogo alemão chamado Johann Valentin Andreae. Jamais existira fraternidade alguma — Andreae chegou inclusive a empenhar-se reiteradamente para corrigir o equívoco de que esses documentos deviam ser levados a sério.

Seja como for, o mito havia gerado uma realidade. Embora se tratasse de uma ficção, o movimento configurara um modelo do que era necessário no mundo material. Um elemento importante da utopia profetizada pelos rosa-cruzes era a recomendação de que os homens cultivados das mais diferentes formações colaborassem pelo bem de toda a humanidade. Estranhamente, foi precisamente o que aconteceu logo depois na Inglaterra.

O COLÉGIO INVISÍVEL

Pouco antes de morrer, Francis Bacon trabalhava em seu próprio mito utópico, *A Nova Atlântida*. Apesar de incompleto, o livro veio a ser publicado em 1627, um ano depois de sua morte e pouco mais de uma década após a divulgação dos documentos rosa-cruzes na Alemanha. Em *A Nova Atlântida*, Bacon expôs seu sonho de uma sociedade perfeita, na qual a religião e a ciência convivessem em harmonia. O livro conta a história de navegadores que descobrem uma nova terra, onde encontram esta sociedade perfeita. Nessa cultura, existe um grupo de sacerdotes-cientistas organizados num colégio denominado Casa de Salomão, dedicado à busca do conhecimento esclarecedor e do progresso da humanidade. É feita aqui a necessária ligação com a antiga sabedoria, afirmando Bacon, além disso, que

a Nova Atlântida também estava na posse de algumas das obras perdidas do rei Salomão.

O curioso a respeito de *A Nova Atlântida* é que, embora não haja em suas páginas qualquer referência à Fraternidade da Cruz Rosada, fica perfeitamente claro que se trata de um documento rosa-cruz. Francês Yates reuniu sólidas provas nesse sentido, entre elas a de que um dos funcionários da Atlântida utópica usa um turbante branco "com uma pequena cruz vermelha no alto".¹³ Com efeito, a Casa de Salomão parece extremamente semelhante à fraternidade rosa-cruz.

Yates assinala que um outro autor, chamado John Heydon, indicou três décadas depois ter identificado esta semelhança, em seu livro *Holy Guide* [O guia sagrado]. O livro era basicamente uma adaptação de *A Nova Atlântida*, com a ressalva de que, na versão de Heydon, a "Casa de Salomão" é substituída pelos "Sábios da Sociedade dos Rosa-cruzes".¹⁴ E ele amplia o registro das "obras perdidas de Salomão" estabelecido por Bacon, incluindo entre elas o lendário "Livro M" encontrado no túmulo de Christian Rosenkreutz.

A pergunta óbvia a ser feita é: Inspirava-se *A Nova Atlântida* nos manifestos rosacruceanos ou teriam sido os manifestos escritos originalmente em resposta ao trabalho anterior de Bacon, neste sentido pressagiando sua alegoria utópica? Surge também uma terceira possibilidade, que exploraremos mais detidamente no próximo capítulo: a de que tanto Bacon quanto Andreae tenham sido influenciados por uma tradição anterior.

A publicação de *A Nova Atlântida*, paralelamente aos manifestos rosa-cruzes, levou a uma expectativa quase febril de que estava para acontecer uma grande mudança. Os utopistas reuniram-se na Inglaterra, pátria de Bacon. O utopista Samuel Hartlib escreveu sua própria visão fictícia, *Uma descrição do famoso reino de Maçaria*, enviando-a ao parlamento inglês, certo

de que os parlamentares haveriam de "lançar a pedra fundamental da felicidade do mundo". O grande educador Comenius manifestou o desejo de que agentes de mudança comessem a se espalhar pelo mundo, e curiosamente acrescentava que essas pessoas deveriam ser orientadas por uma ordem...

*... de tal maneira que cada uma delas saiba o que deve fazer, para quem, quando e com que ajuda, tratando de desempenhar sua tarefa de maneira afazer o bem geral.*¹⁵

Mas o sonho utópico ficaria em compasso de espera quando a Inglaterra entrou em guerra civil, em 1642, encaminhando-se para a abolição da monarquia e o início do protetorado de Oliver Cromwell. Ou pelo menos a face pública dos utopistas desapareceu, pois é nesta época que surgem os primeiros registros de um "Colégio Invisível". O químico escocês Robert Boyle, que enunciaria mais tarde a chamada Lei de Boyle (segundo a qual o volume de um gás varia inversamente à pressão), menciona esta sociedade numa carta de fevereiro de 1647:

O melhor de tudo é que as pedras fundamentais do Colégio Invisível (como se chamam eles próprios) ou Filosófico vez por outra me honram com sua companhia. (...) homens de mente tão aberta e inquiridora. (...) pessoas que se empenham em confundir a estreiteza de espírito, pela prática de benevolência tão ampla que alcança tudo que é humano, e não se satisfaz senão com uma boa vontade universal. (...) Eles tomam a seus cuidados todo o organismo da espécie humana.

Acredita-se que o Colégio Invisível fosse um antecedente de instituição científica mais famosa, a Sociedade Real, da qual fizeram parte alguns dos mais brilhantes espíritos dos últimos séculos (entre muitos outros, Isaac Newton). Fundada em 1660, na época da restauração monárquica na Inglaterra, a sociedade congregava tanto parlamentaristas quanto monarquistas, reunidos na busca do conhecimento. Francês Yates

assinala que, a essa altura, os objetivos da organização aparentemente mudaram, pelo menos externamente:

*A situação era delicada. Muitos temas tinham de ser evitados: os planos utópicos de reforma pertenciam ao passado revolucionário, que agora era melhor esquecer. (...) A caça às bruxas não ficara totalmente no passado.*¹⁶

Hoje, a Sociedade Real é considerada por muitos a fonte inspiradora da ciência moderna. De fato, alguns de seus membros eram racionalistas, seguindo os passos de Francis Bacon. Mas também estavam presentes alquimistas, hermetistas e cabalistas — o próprio Newton era um alquimista que não acreditava na doutrina católica da Santíssima Trindade. E debaixo da superfície da Sociedade Real espreitava outra sociedade secreta, que nos remete de volta ao tema central do novo romance de Dan Brown, *A chave de Salomão*: a maçonaria.

CAPÍTULO 3

A IRMANDADE MAÇÔNICA

Já agora munidos de um entendimento básico do contexto do movimento rosacruziano, estamos em melhor posição para compreender as origens da maçonaria. A maçonaria costuma ser apresentada como "um peculiar sistema de moralidade envolto em alegorias e ilustrado por símbolos". Trata-se de uma sociedade secreta, com direito a palavras codificadas e apertos de mão secretos, que se vale de um sistema graduado de iniciação — sustentando um sistema hierárquico de membros, que vão sendo expostos a "mistérios mais profundos" à medida que ascendem na escala. O "sistema de moralidade" utiliza como metáfora o tema do pedreiro, que emprega matérias-primas e certas ferramentas para construir um templo aprimorado, assim como lendas que se originam na tradição judaica.

Tais lendas falam da construção do Templo de Salomão, fato mencionado nos comentários judaicos, no Velho Testamento cristão e também em fontes islâmicas. Depois de suceder a seu pai Davi, Salomão decidiu construir um grande templo, obtendo a ajuda do soberano do reino vizinho de Tiro:

Bem sabes que Davi, meu pai, não pôde construir uma casa em nome do Senhor seu Deus porque estava cercado de guerras por todos os lados, até que o Senhor as colocou sob a sola dos pés. Mas agora o Senhor meu Deus deu-me o descanso por todos os lados, de tal maneira que não há mais adversário nem mal acontecendo. E, vê, disponho-me a construir uma casa em nome do Senhor meu Deus..."

No comentário do Velho Testamento, encontramos dois elementos que haveriam de tornar-se parte importante da iconografia maçônica — as colunas de bronze chamadas Jaquin e Booz, assim como a designação de

um arquiteto/construtor chamado Hiram como "o filho da viúva":

O rei Salomão mandou chamar Hiram de Tiro; ele era filho de uma viúva da tribo de Naftali, mas seu pai fora habitante de Tiro, e trabalhava o bronze. Ele visitou o rei Salomão e fez todo o trabalho para ele: moldou duas colunas de bronze (...) e ergueu a coluna direita, e deu-lhe o nome de Jaquin; e ergueu a coluna da esquerda, e deu-lhe o nome de Booz.¹⁸

As lendas da maçonaria falam mais a respeito deste Hiram do que se pode encontrar no comentário da Bíblia. Designando-o como "Hiram Abiff", a mitologia da confraria o vê como um mestre da arquitetura, muito capacitado em geometria e matemática. Na qualidade de pedreiro-mor, Hiram dirigia três graduações hierárquicas de trabalhadores do templo — aprendizes, pares e mestres —, sendo utilizadas formas específicas de aperto de mão e palavras secretas para designar cada nível de pedreiro.

Diz a lenda maçônica que, aproximando-se a conclusão do Templo de Salomão, Hiram estava orando sozinho quando se viu diante de três "pares" em busca da "palavra do mestre". Como se recusasse a passar adiante essa informação secreta, Hiram foi atacado pelos três. Diz a lenda que cada um dos vilões infligiu uma ferida específica em Hiram, em três dos pontos cardinais do templo (norte, sul e oeste): ele é atingido na cabeça por um martelo, e em cada uma das têmporas por um prumo e um nivelador. Hiram arrasta-se até a saída do lado oriental do templo, mas cai morto.

Os assassinos tratam de esconder o corpo de Hiram, enterrando-o sob uma acácia. Somente sete dias depois o cadáver é encontrado, sendo exumado e novamente enterrado com os devidos ritos. No funeral, todos os mestres pedreiros usam luvas e aventais brancos, num gesto simbólico para mostrar que não estão maculados com o sangue da vítima.

Embora seja difícil para nós atribuir um significado mais profundo a essa lenda, não resta muita dúvida de que se trata de uma "simulação"

ocultando algum segredo. Será talvez uma alegoria remetendo a religiões da natureza, ou quem sabe uma referência em código aos arcaicos morticínios ritualísticos usados na Antigüidade para consagrar uma nova construção? Seja qual for o significado, a lenda e muitos dos símbolos que a acompanham (a acácia, o avental, os pontos cardeais no templo) têm uma profunda importância para o cerne da maçonaria.

A título de comentário, é interessante observar que, em seu livro *O templo e a loja*, Michael Baigent e Richard Leigh aventam a possibilidade de que o Templo de Salomão tenha sido construído em homenagem à deusa materna fenícia Astarte — a "Rainha do Céu".¹⁹ Eles afirmam haver provas disso no Velho Testamento, no qual está dito que Salomão tornou-se um seguidor de Astarte. Diz-se também que a conhecida "Canção de Salomão" é na verdade um hino a Astarte. No que diz respeito ao emprego do "sagrado feminino" por parte de Dan Brown, pode ser este um tema a merecer especial atenção em *A chave de Salomão*.

A moderna maçonaria tornou-se algo enigmático. Considerada por alguns como o poder secreto por trás de governos em todo o mundo, por outros, em contrapartida, é encarada simplesmente como um ultrapassado "clube de camaradas" voltado para a observância de rituais que sequer seus próprios membros são capazes de entender. Sustenta que suas origens remontam ao Egito antigo e ao Templo de Salomão, e no entanto os fatos históricos parecem indicar que se trata de uma invenção (relativamente) moderna. Abraça uma doutrina igualitária e isenta de preconceitos, mas opera sob a capa do segredo, observa uma hierarquia interna e só aceita em suas fileiras membros do sexo masculino. Esses atributos contraditórios da maçonaria, embora talvez sejam exagerados, é que dão origem às principais críticas à "confraria".

Como poderia a maçonaria ser integrada ao enredo de Dan Brown sobre a história oculta dos Estados Unidos? Existe uma resposta simples, que se encontra no fato de que certos fundadores dos Estados Unidos eram

maçons ou sofriam forte influência da organização. E se estou certo em minhas previsões a respeito de *A chave de Salomão*, Dan Brown certamente vai explorar a idéia de que os Pais Fundadores foram profundamente influenciados pelo ideal rosacruziano de uma utopia para a qual a humanidade pudesse convergir em busca da iluminação. Vejamos se é possível completar o tracejado.

A HISTÓRIA OFICIAL

A história oficial da maçonaria começa com a inauguração da Grande Loja em Londres, em 1717. A Grande Loja funcionava como organismo-diretor das muitas lojas individuais, estabelecendo práticas a serem seguidas pelas outras. Inicialmente, havia dois níveis de iniciação: o "aprendiz iniciado" e aquele que se lhe seguia, o "confrade". Logo depois seria acrescentado um terceiro "grau", o de "mestre pedreiro" (o cerrado questionário a que é submetido o candidato durante a cerimônia de iniciação passou a dar nome a qualquer interrogatório intensivo: alguém "recebe o terceiro grau"). Costuma-se dizer que esses três graus habituais configuram a maçonaria "azul", baseando-se na lenda de Hiram, como mencionamos anteriormente.

O movimento logo se disseminou pela Europa, demonstrando as classes cultas francesas particular afinidade pela sociedade fraterna. A primeira Grande Loja da França foi fundada em Paris em algum momento da década de 1730. Uma vez instalada na França, a confraria começou a evoluir, somando-se temas cavalheirescos e elementos místicos à mitologia maçônica. Desses desdobramentos surgiu uma nova espécie de maçonaria — o "rito escocês" —, que se dizia descendente da tradição dos templários.

Você pode estar-se perguntando por que a variação francesa da maçonaria ganhou o nome de rito escocês. Isto se deve em grande parte à influência de um imigrante escocês chamado Andrew Michael Ramsay, que

afirmou num discurso introdutório aos iniciados — conhecido como a "oração" — que a maçonaria derivou das Cruzadas e da organização dos templários, e que esta tradição autêntica foi preservada pela maçonaria escocesa. Novos ritos e graus foram acrescentados à iniciação da confraria, com base numa história mística que remontava à construção do Templo de Salomão. Pelo rito escocês, existem atualmente 33 graus (sendo 32 deles por iniciação, e o último, um grau honorário conferido aos "merecedores"). Esses novos graus são designados como a maçonaria "vermelha".

Outros tipos de maçonaria continuaram a ser gerados à medida que a confraria se espalhava pela Europa, chegando à Alemanha, à Prússia e a outras regiões. A maçonaria alemã foi dominada por algum tempo pela "observância estrita", fundada em 1760, e que mais uma vez enfatizava a existência de uma tradição derivada dos templários por trás da fraternidade. Entre as modificações posteriormente adotadas estavam o "rito de York" e o "rito escocês retificado", e certas lojas começaram a incorporar também influências egípcias.

Uma sociedade secreta que não seguia a estrita doutrina cristã não podia deixar de despertar a suspeita da Igreja, ante a possibilidade de uma conspiração para solapar sua autoridade. Foi então que o papa Clemente XII condenou a maçonaria, em 1738, assim como o papa Bento XIV, em 1751. Embora essas bulas papais não fossem aplicadas pelas autoridades locais, continuaram a se disseminar as suspeitas a respeito da confraria, mal sendo as lojas toleradas em muitas regiões. Todavia, não obstante a constante publicidade negativa ao longo de sua história, existem hoje mais de dez mil lojas maçônicas, espalhadas por praticamente todos os recantos do planeta.

A HISTÓRIA OCULTA DA MAÇONARIA

Até aqui, temos a versão consagrada da história da maçonaria. Vejamos agora algumas das prováveis fontes usadas por Dan Brown para o estabelecimento da "história alternativa" da fraternidade, que provavelmente haverão de aparecer em *A chave de Salomão*. Pelos motivos anteriormente expostos, as principais referências que utilizaremos sobre este tema são:

- *O Santo Graal e a Linhagem Sagrada*, de Michael Baigent, Richard Leigh e Henry Lincoln.
- *O templo e a loja*, de Michael Baigent e Richard Leigh.
- *O segredo dos templários*, de Lynn Picknett e Clive Prince.
- *A chave de Hiram*, de Robert Lomas e Chris Knight.

Cada um desses livros aborda explicitamente a teoria de que a maçonaria derivou da tradição dos templários.

Quando Andrew Ramsay estabeleceu a ligação entre a confraria e os Cavaleiros Templários, certamente não era habitual fazê-lo. Este grupo de cavaleiros cruzados — sob o nome oficial de "Pobres Cavaleiros de Cristo e do Templo de Salomão" — havia-se desfeito no início do século XIV, sob acusações de devassidão e sacrilégio.

Na sexta-feira 13 de 1307, o rei Felipe IV da França ordenara a detenção de todos os templários que se encontrassem em seus domínios. A operação foi realizada sob total segredo, sendo as ordens lacradas do rei abertas por seus homens somente pouco antes do início da ação, para minimizar a possibilidade de que os templários fossem antecipadamente informados da iminente catástrofe. A Inquisição católica encarregou-se então de prosseguir do ponto onde Felipe se detivera, e em toda a Europa os templários passaram a ser interrogados, presos e freqüentemente executados a pretexto de absurdas acusações. O papa dissolveu a ordem dos templários

em 1312, e, em 1314, Jacques de Molay, o último grão-mestre dos Cavaleiros Templários, foi morto na fogueira.²⁰

Sob pesado interrogatório, os Cavaleiros Templários admitiam entregar-se a estranhos comportamentos, e começaram a circular boatos sobre a verdadeira natureza dessa ordem supostamente "sagrada". Entre as acusações feitas a eles, estavam as de cuspir na cruz e pisoteá-la, de dar beijos obscenos durante as cerimônias de iniciação e de adorar um demônio chamado "Baphomet". Passados tantos séculos, é difícil hoje em dia saber quais acusações teriam algum fundo de verdade. Como assinalam Baigent, Leigh e Lincoln em *O Santo Graal e a Linhagem Sagrada*, tentar esclarecer isso examinando os registros da Inquisição é mais ou menos como querer estabelecer os fatos sobre as atividades da resistência francesa durante a Segunda Guerra Mundial consultando os arquivos da Gestapo.²¹

Seja como for, certas acusações parecem ter algum fundamento. Por exemplo, o culto de "Baphomet" aparece com demasiada frequência e muita regularidade para ser mera coincidência. Dan Brown o menciona em *O código Da Vinci*, referindo-se a Baphomet como um "deus pagão da fertilidade associado à força criativa da reprodução". Segundo ele, os templários cultuavam Baphomet fazendo um círculo em torno de uma estátua em pedra de sua cabeça dotada de chifres, ao mesmo tempo que entoavam orações. Brown também faz com que seus personagens decifrem a palavra "Baphomet" através do código criptográfico Atbash, pelo qual ela é traduzida como "Sofia", que significa "sabedoria" em grego.

Apesar da aparente engenhosidade de Robert Langdon e companhia, essa decifração na realidade foi dada a público pela primeira vez pelo dr. Hugh Schonfield, em *The Essene Odyssey* [A odisséia dos essênios]. Em seu livro, publicado em 1985, Schonfield analisa a seita dissidente judaica dos essênios, que segundo alguns teriam construído o assentamento do mar Morto e redigido os hoje famosos pergaminhos lá encontrados. Os essênios utilizavam códigos em alguns de seus escritos, sendo um deles o código

criptográfico Atbash, que vem a ser a pura e simples substituição de dois alfabetos hebraicos, um escrito para a frente e o outro em forma invertida (a primeira letra como última, a segunda como penúltima etc). Hugh Schonfield aplicou o código Atbash àquele a que se referia como o "nome artificial Baphomet", surpreendendo-se ao constatar que ele revelava o nome da deusa da sabedoria. A consequência da descoberta de Schonfield é que os templários podem ter sido os protetores dos segredos dos essênios, podendo igualmente ter reverenciado as misteriosas religiões das antigas deusas.

A possibilidade de um fascínio dos templários pelo "sagrado feminino" pode ser corroborada pela "oração" de Andrew Ramsay antes mencionada, proferida em 1737, e que associava a maçonaria aos templários. Nela, ele afirma:

*Sim, senhores, os famosos festivais de Ceres em Elêusis, de Isis no Egito, de Minerva em Atenas, de Urânia entre os fenícios e de Diana na Cítia estavam ligados aos nossos. Nesses lugares, eram celebrados mistérios que ocultavam muitos vestígios da antiga religião de Noé e dos patriarcas.*²²

Embora certamente seja uma surpresa agradável a revelação de que o rito escocês se identifica com as antigas escolas dos mistérios das deusas sagradas, também cabe observar que Ramsay não perdoa qualquer prática do gênero "Hieros Gamos" — na realidade, ele invoca deturpações como esta como motivo para a exclusão das mulheres da confraria:

*A origem dessas infâmias foi a admissão, nas assembléias noturnas, de pessoas de ambos os sexos, em transgressão aos hábitos originais. É para prevenir abusos semelhantes que as mulheres são excluídas de nossa Ordem. Não somos injustos a ponto de considerar o belo sexo incapaz de guardar segredo. Mas sua presença poderia insensivelmente corromper a pureza de nossos hábitos e preceitos.*²³

A descoberta do código Atbash por Schonfield também estabelece um vínculo entre duas organizações separadas por mais de um milênio. Que segredos dos essênios, então, eram do conhecimento dos templários? Em *A chave de Hiram*, Chris Knight e Robert Lomas afirmam que certas idéias encontradas nos manuscritos do mar Morto são muito semelhantes às da maçonaria, o que provaria a continuidade de uma tradição que vai dos essênios aos maçons, passando pelos templários. Cabe notar, contudo, que, em outra das "fontes" utilizadas por Dan Brown, *O segredo dos templários*, os autores Lynn Picknett e Clive Prince discordam a esse respeito, pois acreditam que os manuscritos do mar Morto fazem parte na realidade da biblioteca do Templo de Jerusalém, que foi destruída pelos romanos em 70 a.C.

Curiosamente, um dos manuscritos do mar Morto, conhecido como "Manuscrito Copper", menciona 24 coleções de raridades supostamente enterradas sob o templo.²⁴ Essa coleção secreta seria formada por tesouros de todos os tipos: metais preciosos, objetos sagrados e também alguns manuscritos. Sabe-se, por outro lado, que os Cavaleiros Templários, durante as Cruzadas na Terra Santa, detiveram-se nas proximidades do monte do templo. Teriam ido até lá em busca do tesouro?

É o que parece. No livro *Digging Up Jerusalem* [Escavando em Jerusalém], de autoria da respeitada arqueóloga Kathleen Kenyon, somos informados de que um grupo de soldados de engenharia do exército britânico realizou buscas e escavações no monte do templo no fim do século XIX.²⁵ E, segundo depoimento de Robert Brydon, o arquivista dos templários na Escócia, o contingente do exército britânico descobriu túneis nos quais foram encontrados um pedaço de uma espada dos templários, os restos de uma lança e uma cruz dos templários. Nenhum tesouro. Teria ele sido encontrado primeiro pelos templários?

Em *O código Da Vinci*, Dan Brown deduz que eles encontraram alguma coisa, baseando seu romance nessa pressuposição. Em suas

palavras, "quatro arcas de documentos" foram encontradas debaixo do Templo de Salomão, "documentos que têm sido objeto de incontáveis buscas do Graal ao longo da história" — entre os quais se encontrariam talvez um texto escrito pelo próprio Jesus e o "diário" no qual Maria Madalena registrou seu relacionamento pessoal com ele. São os chamados documentos "Sangreal" mencionados por Brown, que, juntamente com o corpo de Maria Madalena, constituem o Santo Graal.

Knight e Lomas estabelecem a ligação perfeita entre *O código Da Vinci* e *A chave de Salomão*, para o caso de Dan Brown querer valer-se dela. Em *O segundo Messias*, eles fornecem uma explicação alternativa para o motivo de chamarmos os Estados Unidos simplesmente América, envolvendo os essênios, os templários e os maçons:

Josef o registra que os essênios (e portanto a igreja de Jerusalém) acreditavam que as almas boas vivem além do oceano em direção oeste, numa região que não é castigada por tempestades de chuva, de neve nem por calor intenso, senão antes acariciada por suaves brisas.

Era a mesma descrição fornecida por um povo conhecido como os mandeus, que viveu no sul do Iraque desde que deixou Jerusalém pouco depois da crucificação de Jesus, para escapar dos expurgos de Paulo. Esses judeus deixaram Jerusalém no primeiro século de nossa era, e, segundo sua própria tradição histórica, João Batista foi o primeiro líder dos nazarenos, sendo Jesus um líder posterior que traiu os segredos especiais a ele confiados. Os mandeus até hoje promovem batismos no rio, usam formas especiais de aperto de mão e praticam rituais que seriam semelhantes aos da maçonaria. Vara eles, essa terra maravilhosa além-mar abriga exclusivamente os espíritos mais puros, tão perfeitos que não podem ser vistos pelos olhos dos mortais. Esse lugar maravilhoso é assinalado por uma estrela chamada Merica, que pode ser vista no céu acima dele.

Acreditamos que essa estrela e a mítica terra que sob ela se encontrava eram conhecidas dos templários, com base nos manuscritos por eles descobertos, e que eles navegaram em busca de "Ia Merica", ou América, como a conhecemos hoje, imediatamente depois do banimento de sua ordem.

Em *O Santo Graal e a Linhagem Sagrada*, os essênios são apresentados como uma seita judaica de tendências místicas, sofrendo influências ao mesmo tempo gregas e egípcias. Como a tradição rosacruziana, eles se interessavam por atos de cura e por estudos esotéricos como a astrologia e a cabala. Tendo em mente a indicação feita por Dan Brown de que fará parte de *A chave de Salomão* uma "seita ultra-secreta de numerologia", devemos lembrar que os membros da reclusa comunidade dos essênios também seriam adeptos dos ensinamentos de Pitágoras, com particular devoção à numerologia.²⁶

Além do código criptográfico Atbash, também parece haver indicações de que os templários lidavam com alquimia, misticismo e cabala, exatamente como os essênios. Curiosamente, particularmente no que diz respeito à nossa investigação, também podem ter cultivado o ideal da união de todas as religiões e nações. À luz desses atributos, fica parecendo que os templários estavam integrados à tradição rosacruziana. O fato de os templários terem como insígnia uma cruz vermelha pode indicar que o autor dos panfletos rosa-cruzes estava tentando ligar diretamente a fraternidade aos cavaleiros do Templo de Salomão. Especialmente quando lembramos que Francis Bacon afirmava que os sacerdotes da "Casa de Salomão" usavam uma cruz vermelha no turbante. Todavia, como explicar os três séculos transcorridos entre a proibição imposta aos templários e o surgimento dos manifestos rosa-cruzes?

OS TEMPLÁRIOS SOBREVIVEM

Apesar do grande segredo de que foi cercada a repressão da ordem determinada por Felipe, tudo indica que os templários — pelo menos até certo ponto — sabiam o que estava por acontecer, Jacques de Molay supostamente teria mandado recolher muitos dos documentos da ordem pouco antes do início das detenções, para que fossem queimados. Um jovem cavaleiro que por essa época afastou-se da ordem ouviu o comentário de que tomara uma sábia decisão, pois estava por ocorrer uma catástrofe.²⁷

Em *O Santo Graal e a Linhagem Sagrada*, os autores afirmam que determinado grupo de cavaleiros — todos ligados ao tesoureiro da organização — desapareceu antes da "surpresa de outubro", levando os documentos restantes e o tesouro do templo. Existe uma versão de que embarcaram numa frota de 18 navios em La Rochelle e nunca mais foram vistos.

Michael Baigent e Richard Leigh tentam seguir a trilha desses cavaleiros desaparecidos em seu livro sobre a maçonaria, *O templo e a loja*. Sustentam que eles podem ter fugido para a Escócia, combatendo ao lado de Robert Bruce contra a Inglaterra. Eles não são os primeiros a chegar a essa conclusão, pois o mesmo haviam feito historiadores dos templários no século XIX:

*Os templários (...) terão possivelmente encontrado refúgio no pequeno exército do rei excomungado Robert, cujo receio de ofender o monarca francês certamente cederia ante o desejo de recrutar combatentes bem preparados.*²⁸

O rito maçônico da estrita observância, fundado pelo barão Karl Von Hund no fim do século XVIII, também sustenta que os templários fugiram para a Escócia.

Baigent e Leigh seguem uma trilha na qual a tradição dos templários desemboca nas origens da maçonaria. Em sua argumentação, citam a maravilha arquitetônica que vem a ser a Capela de Rosslyn, construída entre 1440 e 1480. Com participação destacada em *O código Da Vinci*, essa capela tem símbolos pagãos e esotéricos esculpidos por toda parte nas paredes e no teto. Curiosamente, encontram-se também certos motivos que remetem à maçonaria. Por exemplo, uma das três cabeças esculpidas no teto, como uma ferida claramente visível, é identificada como pertencendo ao "filho da viúva", tradicional identificação maçônica do mestre-pedreiro Hiram. As duas colunas esplendidamente esculpidas no interior da capela constituem outro lembrete do simbolismo maçônico, em referência às colunas gêmeas de Jaquin e Booz. Além disso, de acordo com *O segundo Messias* — continuação de *A chave de Hiram*, de Lomas e Knight —, a capela foi efetivamente construída como réplica do Templo de Jerusalém.

Em *O segundo Messias*, Knight e Lomas também se depararam com outra descoberta incrível. No atento exame das entalhaduras na Capela de Rosslyn, encontraram uma que ilustrava perfeitamente um certo estágio do rito de iniciação de um candidato à maçonaria.²⁹ Tratava-se de uma revelação surpreendente, já que indicava a existência de um rito maçônico cerca de dois séculos anterior ao primeiro registro de iniciação. Mais surpreendente ainda é o fato de que a pessoa submetida ao rito trazia uma cruz na frente da túnica — um templário. Ligando a maçonaria aos templários e aos essênios, Knight e Lomas consideram que a Capela de Rosslyn foi construída na verdade para abrigar os manuscritos essênios, que acreditam ter sido encontrados pelos templários em Jerusalém:

*Começávamos a dar de cara com o óbvio, e ficamos arrepiados. Rosslyn não era uma simples capela; era um santuário pós-templário construído para abrigar os manuscritos encontrados por Hugues de Payen e sua equipe debaixo do Santo dos Santos do último Templo de Jerusalém! Sob nossos pés estava o mais valioso dos tesouros da cristandade.*³⁰

Eles emitem a opinião de que William St. Clair, construtor da Capela de Rosslyn, escondeu o tesouro e deixou instruções codificadas no grau do real arco sagrado da maçonaria. Referindo-se aos possíveis contornos de um Selo de Salomão no piso térreo da capela (mencionado por Dan Brown em *O código Da Vinci*), os autores chamam a atenção para esta definição maçônica do hexagrama:

*A jóia do companheiro do arco real é um duplo triângulo, às vezes chamado de Selo de Salomão, no interior de um círculo dourado; na base, encontra-se um pergaminho com as palavras: "Nil nisi clavis deest" — "Falta apenas a chave".*³¹

Não sabemos ainda se Knight e Lomas estão certos. Todavia, Dan Brown certamente soube valer-se da idéia em *O código Da Vinci*, indicando que o "Santo Graal" estava encoberto pelo Selo de Salomão no piso da Capela de Rosslyn. E, considerando-se a citação acima, talvez possamos começar a entender o território que será explorado por *A chave de Salomão*.

Dan Brown chega inclusive a citar o grau do arco real em *O código Da Vinci*, num trecho em que Langdon se refere à utilização da *clefde voûte* (fecho de abóbada). Ele recorre diretamente à pesquisa de Knight e Lomas, ao se referir a este remate de cúpula como a pedra central em forma de cunha que se encontra no alto do arco que une as peças, suportando todo o peso... e talvez dando acesso a uma câmara secreta.

Baigent e Leigh sustentam que a Capela de Rosslyn constitui uma prova de que a tradição dos templários veio a se abrigar no "refúgio seguro" da Escócia depois da perseguição por parte de Felipe IV na França, mediante transferência para as iniciações secretas da maçonaria. É interessante notar uma outra indicação de que a confraria já existia nessa época. Por exemplo, *O segredo dos templários* invoca o testemunho de um tratado de alquimia datado da década de 1450 — a época da construção da Capela de Rosslyn — que utiliza a palavra "maçom".³² Baigent e Leigh também mencionam um

manuscrito de 1410 a respeito de uma guilda de pedreiros, que se refere ao "filho do rei em Tiro" e o vincula a uma antiga ciência anterior ao Dilúvio Universal, preservada nos ensinamentos de Pitágoras e Hermes.³³

Segundo *O templo e a loja*, a confraria chegou à Inglaterra propriamente em 1603, quando o rei escocês Jaime VI foi coroado rei da Inglaterra, e os aristocratas escoceses — os guardiões da maçonaria — transferiram-se para o sul com seu mestre. Mais uma vez, cabe chamar a atenção para a cronologia, sendo este precisamente o momento em que tanto Francis Bacon quanto os manifestos rosa-cruzes ganharam proeminência.

Que elos podem ser encontrados entre a filosofia rosacruziana e a maçonaria? Em primeiro lugar, exatamente como o sonho utópico dos rosa-cruzes, a confraria prega a doutrina de que todos os homens são irmãos, e devem unir-se na devoção religiosa a um ser superior designado simplesmente como o "Grande Arquiteto do Universo". Numa das principais obras da maçonaria, o *Livro das Constituições*, isso é enunciado da seguinte maneira:

*O maçom é obrigado, por sua condição, a obedecer à Lei Moral; e, se for capaz de entender corretamente a Arte, nunca será um estúpido ateu, nem um libertino sem religião (...) considera-se hoje mais aconselhável obedecer (...) à Religião abraçada por todos os homens, deixando para cada um suas opiniões particulares; ou seja, ser homens bons e verdadeiros, ou Homens de Honra e Honestidade, sejam quais forem as denominações ou crenças com que se identifiquem.*³⁴

Entre as regras da loja maçônica está a restrição dos debates de caráter religioso e político, para contribuir para que este objetivo seja alcançado — e talvez como maneira de esclarecer o espírito das autoridades religiosas e seculares. Todavia, apesar de declaradamente evitar a política, a maçonaria constantemente desempenhou um papel em revoluções e intervenções democráticas ao longo dos séculos — por exemplo, na França,

no México e na Itália, e também, como veremos, nos Estados Unidos. O que pode perfeitamente remeter ao desejo utópico originalmente professado na tradição rosacruziana.

Como indício mais concreto, as duas organizações são diretamente ligadas num poema publicado em Edimburgo, em 1638. Cabe lembrar que se haviam passado apenas duas décadas desde o surgimento dos panfletos rosa-cruzes e faltavam somente oitenta anos para a inauguração da Grande Loja em Londres. Escrito por Henry Adamson, de Perth, diz o poema:

*E o que antevemos não está errado, Pois somos irmãos da Cruz Rosada: Temos a palavra e a segunda visão do maçom, E podemos prever o que acontecerá...*³⁵

Em 1824, foi publicado na *London Magazine* um ensaio intitulado "Investigação histórico-crítica sobre as origens dos rosa-cruzes e dos maçons". O autor, Thomas de Quincey, deixa clara sua convicção de que "não é possível demonstrar com base em registros históricos que jamais tenha sido fundado (...) um colégio ou uma loja de irmãos rosa-cruzes". Mas ele acredita efetivamente que a influência dos manifestos rosa-cruzes inspirou a criação de sociedades secretas como a maçonaria:

*Inicialmente, os maçons eram uma sociedade derivada da mania do rosacruzianismo, constituindo-se com certeza nos 13 anos entre 1633 e 1646, e provavelmente entre 1633 e 1640.*³⁶

Tanto Quincey quanto Adamson estabelecem um período que abarcamos num capítulo anterior — uma década depois da publicação de *A Nova Atlântida*, de Francis Bacon, quando os utopistas mandavam petições ao parlamento inglês. Se examinarmos mais atentamente, talvez possamos encontrar indícios de que homens como Samuel Hartlib já estavam envolvidos com a maçonaria. Em 1640, ele manifestou o desejo de que o parlamento lançasse "a *pedra fundamental* da felicidade do mundo".

A idéia de uma pedra fundamental que represente o início de uma nova construção constitui um forte símbolo da maçonaria, e a metáfora escolhida por Hartlib pode indicar uma filiação secreta. Poderíamos, assim, perguntar-nos também sobre a filiação de Robert Boyle, pois em 1647 ele observa numa carta que "as *pedras fundamentais* do Colégio (...) Invisível efetivamente me honram vez por outra com sua companhia".

Neste caso, ele não seria o único membro do "Colégio Invisível" a ser um maçom de carteirinha. Em *O iluminismo Rosa-cruz*, Francês Yates assinala que duas das mais antigas iniciações na maçonaria especulativa de que se tem notícia também ocorreram na década de 1640. Uma delas foi a de Robert Moray, um dos homens que mais influíram na criação da Sociedade Real, em 1660, iniciado na loja de Edimburgo, em maio de 1641. Cinco anos mais tarde, registra-se que o alquimista e antiquário Elias Ashmole, outro membro fundador da Sociedade Real, foi feito maçom na loja de Lancashire.³⁷

O nome da loja de Lancashire em que Ashmole foi empossado é revelador: "Casa de Salomão".³⁸ Encontramos aqui uma indicação direta de que os maçons da época eram fortemente influenciados pelo mito utópico de Francis Bacon, *A Nova Atlântida*, lembrando que os sacerdotes da "Casa de Salomão" na ilha utópica eram o equivalente dos rosa-cruzes. E a sociedade secreta de Bacon podia estar diretamente ligada à tradição dos templários.

Embora a "experiência inglesa" tenha-se dissolvido com o advento da guerra civil, o ideal utópico de uma fraternidade unida na busca da iluminação teve prosseguimento através da Sociedade Real, e em última análise da maçonaria. Um século mais tarde, do outro lado do planeta, é possível que tenha sido um grupo de maçons o iniciador de uma segunda experiência que transformaria o mundo...

CAPÍTULO 4

OS ALICERCES MAÇÔNICOS DOS ESTADOS UNIDOS

Em 1897, um oficial do exército norte-americano chamado Charles Totten escreveu que "existem mistérios associados ao nascimento desta República".³⁹ Totten vinha investigando a estranha iconografia das armas dos Estados Unidos, convencendo-se de que o nascimento da nação norte-americana podia ser relacionado à visão exposta em *A Nova Atlântida*, de Francis Bacon, que contribuiu financeiramente para o estabelecimento da colônia da Virgínia. Surpreendentemente, a observação de Totten é de certa forma eufemística.

No dia 18 de setembro de 1793, o presidente George Washington participou de uma cerimônia maçônica para marcar oficialmente o início da construção do Capitólio, em Washington. Envergando seu avental maçônico, o primeiro presidente dos Estados Unidos da América encaminhou-se para o local acompanhado de membros de algumas lojas maçônicas da cidade, descendo em seguida ao poço onde estava a pedra fundamental do prédio. Washington depositou uma salva de prata sobre a pedra fundamental, fazendo a habitual "oferenda" maçônica com milho, vinho e óleo. As ferramentas maçônicas carregadas por Washington nesse dia histórico ainda hoje encontram-se numa loja do distrito de Colúmbia.⁴⁰

Para muitos de nós, hoje, parece estranho que um dia tão importante na história dos Estados Unidos fosse tão abertamente marcado por uma temática maçônica. Que importância teve efetivamente a maçonaria na fundação dos Estados Unidos? É uma questão que provavelmente Dan Brown explorará em *A chave de Salomão* — como já indicamos, ele declarou que o próximo romance tendo Robert Langdon como personagem central

abordará o tema da maçonaria, explorando "a história oculta da capital de nosso país".

A idéia de que os Estados Unidos foram fundados como uma "República maçônica" não é nova. Já vimos que Charles Totten levou-a em consideração em 1897. O escritor esotérico Manly P. Hall também sustenta em seu livro, *The Secret Destiny of America*, que o próprio Francis Bacon considerava que o sonho utópico podia ser realizado na América do Norte.⁴¹

Em seu livro *Talisman* [Talismã], Robert Bauval e Graham Hancock citam pesquisas do historiador Ron Heisler sugerindo uma outra ligação entre os sonhos utópicos dos europeus e a nova colônia norte-americana. Heisler descobriu que o ocultista alemão Michael Maier, também um convicto rosa-cruz, mantinha estreito contato com indivíduos ligados à Companhia da Virgínia. Esse grupo de homens ricos recebera de Jaime I, em 1606, uma carta real que basicamente lhes conferia poderes ilimitados de governo na colônia. Esta carta fora redigida por ninguém menos que... Francis Bacon. Heisler considera que o panfleto sobre temas de alquimia *Atalanta Fugiens*, redigido por Maier, "pode ter sido profundamente inspirado pela visão utópica da América".

O estudioso norte-americano Donald R. Dickson estabelece uma outra ligação entre os sonhadores utópicos e a colonização da Virgínia em seu livro *The Tessera of Antilia* [A tessela de Antilia]. As pesquisas efetuadas por Dickson revelaram a existência de uma sociedade utópica conhecida como "Antilia", que tinha entre seus membros o propagandista rosa-cruz Valentin Andreae. Inspirada nos panfletos rosa-cruzes e nos escritos de Francis Bacon, essa fraternidade contemplou em dado momento a possibilidade de emigrar coletivamente para a Virgínia, para fundar sua própria sociedade utópica.

Parece claro, assim, que certos pensadores europeus do utopismo consideravam a colônia da Virgínia o lugar ideal para um "novo começo". No

que diz respeito a nossa investigação, cabe assinalar que, em *O templo e a loja*, Michael Baigent e Richard Leigh — os escritores de cujos nomes foi tirado o anagrama que forma o nome de Leigh Teabing em *O código Da Vinci* — afirmam que, segundo certas tradições, uma forma de maçonaria chegou ao Novo Mundo duas décadas antes da publicação de *A Nova Atlântida*, passando seus integrantes a trabalhar ativamente na promoção da sociedade utópica sonhada pelos pensadores rosa-cruzes.⁴²

Seja como for, o primeiro maçom que documentadamente se estabeleceu no Estados Unidos foi um escocês chamado John Skene. Iniciado numa loja de Aberdeen em algum momento anterior a 1671, Skene transferiu-se para o Novo Mundo em 1682, vinculado a tornar-se vice-governador de Nova Jersey. Não existem, contudo, registros da existência de uma loja maçônica nos Estados Unidos antes da criação da Grande Loja londrina, em 1717. O interessante, contudo, é que a primeira prova documental da existência da maçonaria nos Estados Unidos tenha sido publicada na *Pennsylvania Gazette* em 1730 — por um certo Benjamin Franklin.

BENJAMIN FRANKLIN

Poucos indivíduos poderiam considerar-se dotados de talentos equivalentes aos do dr. Benjamin Franklin. Jornalista e escritor, ele publicou na primeira metade do século XVIII um jornal, *The Pennsylvania Gazette*, para o qual também escrevia. Juntamente com um grupo de indivíduos de idéias afins, fundou em 1732 a primeira biblioteca da Pensilvânia, dedicando-se à disseminação do conhecimento e da educação.

Franklin também é muito conhecido por suas atividades científicas e suas invenções, e a famosa experiência em que voou numa pipa durante uma tempestade (para demonstrar que os relâmpagos eram uma forma de eletricidade) entrou para o folclore popular. Consolidando ainda mais sua

fama como um dos maiores cientistas do século XVIII, ele também inventou duas coisas de uso corrente hoje em dia: o pára-raios e os óculos bifocais.

Franklin foi ainda diplomata e político de profunda importância na fundação dos Estados Unidos. Seu envolvimento nas negociações entre a Inglaterra e as colônias em torno de várias questões teve início na década de 1750, e já em 1754 ele sugeria a criação de uma união das colônias. Em 1765, quando o parlamento britânico promulgou a infame Lei do Selo (um imposto a ser cobrado sobre uma série de documentos nas colônias americanas, que desencadeou o movimento separatista gerador da Revolução Americana), Franklin opôs-se ativamente. Em 1775, foi eleito membro do Congresso Continental, desempenhando um papel-chave na Declaração de Independência, não obstante sua preferência pessoal pela preservação dos vínculos com o Império Britânico.

Franklin foi colocado como representante diplomático do novo país na França, em 1776, desempenhando-se com grande êxito. Teve papel importante no estabelecimento de uma aliança militar com a França, e negociou a paz com a Grã-Bretanha através do Tratado de Paris, em 1783. Ele é o único Pai Fundador que é signatário dos três documentos fundadores dos Estados Unidos: a Declaração de Independência, o Tratado de Paris e a Constituição.

Benjamin Franklin também era maçom e deísta. Foi iniciado em fevereiro de 1731, e em 1734 chegava à condição de grão-mestre provincial da Pensilvânia. Como editor, estava em excelente posição para contribuir para a causa da maçonaria no Novo Mundo. Publicou, em 1734, o *Livro das Constituições* de Anderson, o principal documento maçônico. Em 1756, fora recebido na Sociedade Real inglesa, que, como vimos, era uma instituição de natureza profundamente maçônica e talvez rosa-cruz.⁴³ E, em 1778, quando estava na França, foi iniciado na loja altamente influente das "Neuf Soeurs" ("Nove Irmãs") em Paris, que teria entre seus membros Voltaire, Lafayette, Court de Gebelin e muitos outros instigadores da Revolução Francesa.⁴⁴ Era

também amigo de Sir Francis Dashwood, o inglês que fundou o Hellfire Club.

Em *The Secret Destiny of America*, Many P. Hall afirma que Benjamin Franklin integrou a "Ordem da Busca", o movimento secreto empenhado na construção de uma democracia utópica no Novo Mundo:

Um grupo de homens comprometidos com o juramento secreto de trabalhar pela causa da democracia no mundo decidiu que plantaria nas colônias norte-americanas as sementes de um novo estilo de vida. (...) Benjamin Franklin exerceu uma enorme influência psicológica na política colonial, na qualidade de porta-voz dos filósofos desconhecidos; ele não fazia leis, mas sua palavra tornou-se lei.

Franklin já era maçom há quase cinqüenta anos no momento em que assinou a Declaração de Independência. Que outras influências maçônicas podemos encontrar na fundação dos Estados Unidos?

GEORGE WASHINGTON

Como já vimos, George Washington era decididamente um maçom. O comandante-em-chefe do exército colonial durante a guerra revolucionária norte-americana foi iniciado na loja de Fredericksburg no dia 4 de novembro de 1752, sendo "promovido" a mestre maçom um ano depois. Em 1777, foi convidado a assumir o cargo de grão-mestre da Grande Loja que se pretendia criar nos Estados Unidos, mas recusou a oferta (ironicamente) sob a alegação de que não estava preparado para tão alta função.⁴⁵

Não resta muita dúvida de que Washington teria sido perfeitamente capaz de desempenhar essa função — sua recusa baseava-se mais na modéstia que seria evidente por toda a sua vida. Ele recusou qualquer remuneração pelo serviço militar, e deixou a sala quando John Adams recomendou-o como comandante-em-chefe do Exército Continental. Apesar

de aceitar o cargo, Washington declarou ao Congresso Continental que não era digno daquela honraria. Também se mostrou relutante em usar seus poderes como presidente dos Estados Unidos. Escreveria Thomas Jefferson a seu respeito:

A moderação e a virtude de um único indivíduo provavelmente impediram que esta Revolução terminasse, como tem acontecido na maioria dos casos, com a subversão dessa mesma liberdade que pretendia estabelecer.

Em 1788, um ano antes de tornar-se o primeiro presidente dos Estados Unidos, Washington efetivamente foi feito mestre da loja Alexandria da capital norte-americana, hoje conhecida como a loja Alexandria n° 22 de Washington. A loja passou a abrigar, em 1932, o Memorial Maçônico George Washington, um gigantesco monumento maçônico inspirado no antigo farol de Alexandria, no Egito, o "Pharos".⁴⁶

Embora freqüentasse a igreja com a mulher, Washington tinha idéias filosóficas e religiosas que indicam que, tal como Franklin, era deísta. Costumava deixar a igreja antes da comunhão, hábito que levou o reverendo James Abercrombie a fazer um sermão criticando indivíduos que ocupavam posições de destaque por darem mau exemplo. Washington respondeu deixando simplesmente de comparecer. Mais tarde, perguntado sobre as convicções religiosas de Washington, o reverendo Abercrombie limitou-se a responder: "Meu senhor, Washington era um deísta."

THOMAS JEFFERSON

Toda a documentação existente indica que Thomas Jefferson não era maçom, embora concordasse com a filosofia da confraria e fosse comprovadamente deísta. Compôs sua Bíblia pessoal a partir do Novo Testamento, omitindo as partes sobrenaturais e observando apenas os

ensinamentos filosóficos. Esta singular compilação ficou conhecida como a "Bíblia de Jefferson" — no início da década de 1900, cerca de 2.500 exemplares foram impressos para o Congresso norte-americano.⁴⁷

Embora os historiadores frisem que não existem provas de qualquer ligação oficial de Thomas Jefferson com alguma organização maçônica, não resta dúvida de que ele tinha grande simpatia pela causa. Em carta enviada ao bispo James Madison em 1800, Jefferson expressava suas idéias sobre Adam Weishaupt e seus Illuminati. Em declarações que redundam, na prática, numa defesa da maçonaria e dos Illuminati, frente às acusações de conspiração enunciadas pelos escritores Barruel e Robison, as simpatias de Jefferson com toda evidência voltam-se para os ideais utópicos e maçônicos, e não para a Igreja e o Estado:

[Weishaupt] está entre aqueles (...) que acreditam na infinita perfectibilidade do homem. Considera que, com o tempo, ele pode tornar-se tão perfeito que será capaz de governar a si mesmo em qualquer circunstância de maneira a não ferir ninguém, de fazer todo o bem que puder, de não dar ao governo qualquer oportunidade de exercer sobre ele os seus poderes. (...) Weishaupt acredita que a promoção dessa perfeição do caráter humano era o objetivo de Jesus Cristo. Que sua intenção era simplesmente restabelecer a religião natural, e, disseminando a luz de sua moralidade, ensinar-nos a governar a nós mesmos. Seus preceitos são o amor a Deus e o amor a nosso próximo. E, através do ensinamento da pureza de conduta, ele esperava situar os homens em seu estado natural de liberdade e igualdade. Ele afirma que ninguém jamais lançou bases mais sólidas para a liberdade que nosso grande mestre, Jesus de Nazaré. Acredita que os maçons eram originalmente possuídos pelos autênticos princípios e objetivos do cristianismo, e por tradição ainda hoje preservam alguns deles, embora muito desfigurados.

(...) Como Weishaupt vivia sob a tirania de um déspota e dos padres, sabia que era necessário ter cuidado até mesmo na disseminação de informação, assim como nos princípios da moralidade pura. Propôs, assim,

que os maçons fossem levados a adotar este objetivo, tornando a difusão da ciência e da virtude o objetivo de sua instituição. (...)

Isto conferiu um certo arde mistério a suas opiniões, fez com que ele fosse banido, com que fosse subvertida a ordem maçônica, e é a desculpa dos desvarios contra ele por parte de Robison, Barruel e Morse, cujo verdadeiro temor é que a confraria se veja ameaçada pela disseminação da informação, da razão e da moralidade natural entre os homens. (...) Se Weishaupt tivesse escrito aqui, onde não é necessário guardar segredo em nosso empenho de tornar os homens sábios e virtuosos, não teria precisado conceber qualquer mecanismo secreto para esta finalidade.⁴⁸

Jefferson foi o principal autor da Declaração de Independência, e, além de ter sido o terceiro presidente dos Estados Unidos, também atuou como vice-presidente, secretário de Estado e embaixador na França. Em suas viagens à França, costumava acompanhar o bom amigo Benjamin Franklin nas visitas à loja maçônica "Nove Irmãs". Muitos de seus mais próximos colaboradores e confidentes eram maçons.

THOMAS PAINE

Thomas Paine é mais um dos Pais Fundadores que nutriam forte visão deísta do mundo. Nascido e criado na Inglaterra, Paine só se transferiu para as colônias com quase quarenta anos, poucos anos antes da Declaração de Independência. Emigrou a conselho de Benjamin Franklin, que conhecera em Londres. Mal se havia passado um ano após sua chegada, e publicou, no dia 10 de janeiro de 1776, um livro de enorme influência, *Senso comum*, que teria vendido mais de seiscentos mil exemplares, numa população de apenas três milhões de pessoas. Suas palavras inspiraram George Washington a buscar o caminho da independência da Grã-Bretanha, e foi nelas que Thomas Jefferson baseou em parte a Declaração de Independência. Paine também tem a honra de ter sido aquele que propôs o

nome dos Estados Unidos da América.⁴⁹

Esse pensador revolucionário foi condenado à revelia por perturbar a ordem pública na Grã-Bretanha, e, não obstante o apoio à Revolução Francesa em seu livro *Os Direitos do homem*, foi encarcerado e condenado à morte pelos revolucionários por se manifestar contra a execução de Luís XVI. Por milagre, teve a vida poupada porque o carrasco marcou incorretamente a porta de sua cela.⁵⁰

Muitos norte-americanos ficariam surpresos ao saber que o homem que cunhou o nome dos Estados Unidos e teve tanta influência em sua independência nutria fortes convicções contra o cristianismo. Em seu livro *A idade da razão*, escreveu ele:

*As opiniões que tenho expressado (...) resultam da mais clara e duradoura convicção de que a Bíblia e o Testamento são coisas impostas ao mundo, de que a queda do homem, a história de que Jesus Cristo é o Filho de Deus e de sua salvação por meios tão estranhos constituem invenções fabulosas, desonrosas para a sabedoria e o poder do Todo-Poderoso; de que a única religião verdadeira é o deísmo, pelo que eu queria dizer então, como quero agora, a crença em um Deus, e uma imitação de seu caráter moral, ou a prática daquilo que se costuma chamar virtudes morais.*⁵¹

Não existem provas diretas de que Paine fosse maçom. Após sua morte, contudo, foi publicado um ensaio que supostamente constituiria um capítulo da Parte III de *A idade da razão*, intitulado "As origens da maçonaria". Qualquer que fosse sua posição oficial, o certo é que Paine tinha acesso a informações sobre a confraria:

O aprendiz iniciado pouco sabe sobre a maçonaria além do uso de sinais e símbolos, e certos passos e palavras pelos quais os maçons podem reconhecer uns aos outros, sem serem descobertos por uma pessoa que não seja maçom. O confrade não pode ser considerado muito mais conhecedor da

*maçonaria que o aprendiz iniciado. Somente na loja do mestre maçom é que o conhecimento que acaso subsista das origens da maçonaria vem a ser preservado e ocultado.*⁵²

Paine era, contudo, um crítico implacável dos mitos, não temendo apontar algo que considerava um erro evidente na lenda da maçonaria:

A instituição original da maçonaria consistia na fundação das artes e ciências liberais, e mais especificamente na geometria, pois na construção da torre de Babel é que foram introduzidos pela primeira vez a arte e o mistério da maçonaria, sendo posteriormente transmitidos por Euclides, o ilustre e eminente matemático dos egípcios; e ele os transmitiu a Hiram, o mestre maçom empenhado na construção do Templo de Salomão em Jerusalém.

Além do absurdo da idéia de derivar a maçonaria da construção de Babel, onde, segundo a história, a confusão das línguas impediu que os construtores entendessem uns aos outros, e portanto que transmitissem os conhecimentos que acaso tivessem, existe no relato por ele apresentado uma flagrante contradição cronológica.

*O Templo de Salomão foi construído e consagrado 1.004 anos antes da era cristã; e Euclides, como podemos ver nas tábuas da cronologia, viveu 277 anos antes da mesma era. Seria portanto impossível que Euclides transmitisse alguma coisa a Hiram, pois só nasceria setecentos anos depois da época de Hiram.*⁵³

Paine acreditava que as origens da maçonaria eram diferentes das que constam da mitologia da confraria. Sustentava que a maçonaria derivava de vestígios da religião druídica, a mais recente cultura a transmitir uma linha de conhecimentos místicos que também haviam passado pelas mãos dos romanos, dos gregos, dos egípcios e dos caldeus. E, segundo ele, a maçonaria baseava-se em última análise no culto dos céus, e especialmente do Sol.

Um dos amigos de Paine, o revolucionário Nicolas de Bonneville — igualmente amigo de Benjamin Franklin —, era ainda mais explícito a respeito das origens egípcias dos movimentos e religiões modernos. Em seu livro *De L'Esprit des religions* [Do espírito das religiões] publicado em 1791, Bonneville sustentava que a própria religião cristã derivava do antigo culto de Ísis.⁵⁴ Frequentemente se tem assinalado que as estátuas da Virgem Maria e do menino Jesus apresentam forte semelhança com as esculturas egípcias de Ísis e do pequeno Hórus. Dan Brown certamente poderia tirar bom proveito do aspecto "sagrado feminino" dessa questão, embora a referência talvez seja um pouco oblíqua demais em relação aos temas centrais de seu livro.

Paine sustentava que o segredo de que se cercavam os maçons destinava-se a fugir da perseguição da religião que se impôs sobre o culto do Sol:

*A fonte natural do segredo é o medo. Quando uma religião é superada por uma nova fé religiosa, os professores da nova tornam-se os perseguidores da antiga. É o que podemos constatar em todos os casos encontrados na história. (...) Quando a religião cristã se sobrepôs à religião dos druidas na Itália, na antiga Gália, na Grã-Bretanha e na Irlanda, os druidas passaram a ser perseguidos. Com isso, aqueles que permaneceram ligados a sua religião original viam-se, natural e necessariamente, obrigados a se encontrar secretamente, sob o mais estrito segredo. (...) Dos vestígios assim preservados da religião dos druidas surgiu a instituição que, para evitar o nome de druida, adotou o de maçom, praticando sob este novo nome os ritos e cerimônias dos druidas.*⁵⁵

A posição assumida por Paine contra o cristianismo fez com que seu papel na independência dos Estados Unidos fosse em grande medida varrido para baixo do proverbial tapete. Theodore Roosevelt equivocadamente referiu-se a ele como um "ateuzinho imundo" (mas Paine acreditava num ser

supremo), e, em 1925, Thomas Edison reconheceu que "se Paine tivesse parado de escrever depois de *Os direitos do homem*, hoje seria considerado uma das duas ou três maiores figuras da Revolução. (...) *A idade da razão* custou-lhe a glória na visão de seus compatriotas".⁵⁶

ALEXANDER HAMILTON

Alexander Hamilton certamente não foi aquinhado com um início de vida feliz. Nasceu nas índias Ocidentais, filho ilegítimo de um empresário escocês em dificuldades, James Hamilton, e de Rachel Fawcett Lavien — que na época era casada com outro homem. O pai o abandonou, e a mãe morreu quando ele ainda era adolescente. Dotado de um intelecto precoce e de grande ambição, contudo, ele abriu caminho numa meteórica ascensão: no fim da adolescência, Hamilton já era o ajudante-de-campo da maior confiança do general George Washington, e publicara panfletos de grande repercussão sobre questões de governo e economia.

O presidente George Washington nomeou Hamilton como o primeiro-secretário do Tesouro dos Estados Unidos, cargo que ocupou de 1789 a 1795. Nesse período, firmou-se como um dos maiores estadistas dos Estados Unidos, havendo quem considere que sua habilidade com as finanças e a política abriu caminho para que o país se tornasse a superpotência de hoje.

Apesar da origem humilde, Hamilton acreditava firmemente que somente uns "poucos escolhidos" estariam capacitados a governar e que o poder devia ser centralizado, tendo dito certa vez que "as democracias antigas, nas quais o próprio povo deliberava, nunca foram dotadas de um bom governo". Considerava que, nos Estados Unidos, o poder devia ser transferido dos estados para o governo central. Também lutou pela criação do primeiro banco nacional dos Estados Unidos, apesar da intensa oposição do secretário de Estado, Thomas Jefferson. Se Dan Brown desenvolver um enredo envolvendo uma cabala ao estilo dos Illuminati no interior do

governo, poderá reproduzir uma das declarações mais infames de Hamilton:

Todas as comunidades se dividem entre os poucos e os muitos. Aqueles, são ricos e bem-nascidos; os outros, a massa do povo. (...) Turbulenta e instável, ela raramente julga ou decide corretamente. Que seja dada à primeira classe, portanto, uma participação clara e permanente no governo. Só um organismo permanente é capaz depor em xeque a imprudência da democracia.

Não existe clareza sobre o fato de Hamilton ter sido ou não maçom. Henry Clausen, maçom do 33º grau, sustenta em seu livro *Masons Who Helped Shape Our Nation* [Os maçons que ajudaram a construir nossa nação] que Hamilton era um "irmão", o mesmo fazendo Gordon S. Wood em *The Radicalism of the American Revolution* [O radicalismo da Revolução Americana]. Mas o especialista em maçonaria Allen E. Roberts afirma explicitamente em seu respeitado livro *Freemasonry in American History* [A maçonaria na história americana] que Hamilton não era maçom. Desnecessário dizer, contudo, que Dan Brown pode não ser um fanático pelos detalhes, podendo perfeitamente incluir Hamilton como membro da maçonaria em seu livro.

A vida de Hamilton teve um estranho desfecho no dia 12 de julho de 1804. Alega-se que ele pôs em dúvida, em conversa entre amigos, a integridade do terceiro vice-presidente dos Estados Unidos, Aaron Burr. Burr exigiu desculpas, mas Hamilton recusou-se, afirmando que não se lembrava de ter feito comentários dessa natureza. Foi marcado um duelo para resolver a questão, encontrando-se Burr e Hamilton na saliência de uma rocha em Weehawken, Nova Jersey — o mesmo lugar onde o filho de Hamilton, Phillip, fora morto em um duelo três anos antes. Burr atirou primeiro, ferindo Hamilton, que morreu no dia seguinte.

MAÇONS POR TODA PARTE

Vimos que alguns dos Pais Fundadores dos Estados Unidos tinham sentimentos ambivalentes, quando não pura e simplesmente hostis, em relação ao cristianismo. Uma forte corrente de idéias deístas envolvia as personalidades mais influentes da independência americana. Ainda mais forte, contudo, é a presença da maçonaria. Não só havia muitos fundadores da nação entre os iniciados da confraria, como também numerosos generais do Exército Continental, além de outros indivíduos que tiveram participação importante na campanha da independência, como o francês Gilbert Lafayette.

Este jovem aristocrata idealista francês foi investido da patente de general do Exército Continental, com a exigência de que não fosse pago por seus serviços, na avançada idade de 19 anos. A exemplar qualidade dos serviços que prestou aos ainda hesitantes Estados Unidos da América conquistou o respeito de George Washington, que haveria de tornar-se um amigo para o resto da vida. Lafayette também conviveu com Benjamin Franklin em Paris, onde ambos eram integrantes da loja maçônica "Nove Irmãos" — sabe-se inclusive que cada um dos dois deu um braço ao já idoso Voltaire quando ele foi recebido na influente organização. Em consequência de sua destacada participação na guerra revolucionária americana, Lafayette tem hoje seu nome em cerca de quatrocentos logradouros e ruas dos Estados Unidos.⁵⁷ Dizem que na Primeira Guerra Mundial, quando as tropas americanas liberaram Paris, o coronel C. E. Stanton — representando o general americano John Pershing, um maçom do 33º grau — postou-se diante do túmulo de Lafayette, no dia 4 de julho de 1917, e proclamou: "Lafayette, estamos aqui!".⁵⁸

Um dos momentos verdadeiramente lendários da campanha da independência foi a "Festa do Chá de Boston". Na noite de 16 de dezembro de 1773, um grupo de habitantes de Boston que protestavam contra a

importação de chá isento de impostos da Companhia de Chá da Índia Oriental invadiu o navio mercante *Dartmouth* e atirou no mar todo o seu carregamento de chá. Apesar de não ter ocorrido derramamento de sangue, o incidente deu início à revolução, inflamando as paixões coloniais contra os rigores e imposições do parlamento britânico. O que muitos não sabem é que pelo menos 12 membros da loja maçônica local estavam envolvidos na Festa do Chá de Boston — entre eles o patriota Paul Revere — e pelo menos outros 12 envolvidos no episódio viriam posteriormente a entrar para ela.

Outro importante participante da campanha da independência foi um maçom judeu chamado Haym Solomon, que fez fortuna como comerciante e banqueiro. Solomon acreditava firmemente que os Estados Unidos haveriam de tornar-se o farol do mundo, e não só empenhou a própria fortuna na causa revolucionária como contribuiu de maneira inestimável para levantar dinheiro no exterior — contando com a ajuda de sua fluência em oito línguas.

Haym Solomon negociou ajuda financeira para a guerra na França e na Holanda, atuando como tesoureiro das forças militares francesas durante a guerra revolucionária. Afirma-se que teria emprestado ao incipiente governo cerca de seiscentos mil dólares, dos quais pelo menos quatrocentos mil não seriam recuperados. Também prestou assistência financeira a mitos históricos americanos como Jefferson e Madison, tendo sido amigo pessoal de George Washington.⁵⁹

UMA HISTÓRIA ESTRANHA

Em seu livro *The Secret Destiny of America*, o respeitado esoterista Manly P. Hall relata uma estranha história do folclore que cerca a criação da bandeira dos EUA, e vale a pena reproduzi-la aqui, pois

Dan Brown pode utilizá-la em *A chave de Salomão*.⁶⁰ Hall afirma ter tomado conhecimento do estranho episódio num livro publicado em 1890, *Our Flag, or the Evolution of the Stars and Stripes* [Nossa bandeira, ou a evolução da *Stars and Stripes*], de Robert Alan Campbell. O livro relata a reunião do Congresso Continental em 1775 para debater a criação da bandeira colonial; entre os luminares presentes estavam Benjamin Franklin e George Washington.

Campbell afirma que a comissão da bandeira reuniu-se numa residência em Cambridge, Massachusetts, perto do lugar onde o general Washington estava acampado. Um velho cavalheiro identificado apenas como "Professor" estava hospedado na casa, e, tendo em vista a limitação de espaço, Benjamin Franklin ofereceu-se para compartilhar aposentos com o enigmático homem. Pouco se sabe sobre o Professor, exceto que tinha pelo menos setenta anos e "não comia carne, peixe nem aves ou verduras, não ingeria bebidas alcoólicas, vinho nem cerveja". Alimentava-se exclusivamente de cereais, frutas e chá, e passava a maior parte do tempo vasculhando livros antigos e manuscritos raros.

Quando o Professor foi apresentado ao Congresso Continental, Benjamin Franklin adiantou-se e apertou sua mão. Nesse momento, afirma Campbell, foi evidente o mútuo reconhecimento entre os dois — quem sabe indicando um aperto de mão maçônico ou algo semelhante. Seja como for, depois do jantar Franklin trocou algumas palavras com Washington e a comissão, tomando então a curiosa iniciativa de convidar o estranho para participar da reunião sobre a bandeira.

Aceito o convite, o Professor logo tratou de dizer a que vinha. Imediatamente recomendou que a anfitriã fosse designada secretária da comissão, para aumentar o número de participantes de seis, número de mau agouro, para sete, numericamente mais significativo — sendo a sugestão aprovada por unanimidade.

Fica perfeitamente claro que esse misterioso indivíduo tinha bons conhecimentos de numerologia, assim como de outras ciências antigas e místicas, como a astrologia. Segundo Campbell, ele fez diante da comissão o seguinte discurso:

Assim como o Sol se ergue de seu túmulo em Capricórnio, ascende em direção à ressurreição em Áries e avança para cima rumo a sua gloriosa culminância em Câncer, assim também nosso Sol político se erguerá e continuará a aumentar em força, luz e glória; e o esplendoroso Sol do verão não terá adquirido toda a sua força de calor e poder no estrelado Leão antes que nosso Sol Colonial venha, em sua gloriosa exaltação, exigir um lugar no firmamento governamental ao lado de qualquer outro Sol de qualquer outra nação da Terra e a ele equiparado, e deforma alguma subordinado.⁶¹

O Professor apresentou então sua própria concepção da bandeira, que permitiria modificações de acordo com a ascensão dos Estados Unidos. Campbell afirma que a comissão aprovou sua sugestão, que foi prontamente adotada por George Washington como a bandeira oficial do Exército Colonial.

O NASCIMENTO DE UMA NAÇÃO

Embora se tenha afirmado com frequência que até cinquenta dos 56 signatários da Declaração de Independência eram maçons, o número "oficial" fica entre oito e 15. E ainda que pareçam com isso descartadas as teorias conspiratórias, trata-se ainda assim de um número significativo, especialmente se levarmos em conta que personalidades influentes como

Franklin e Washington era maçons há muito tempo. Não obstante a crença muito disseminada modernamente de que os Estados Unidos constituem uma nação dotada de fortes alicerces cristãos, na verdade seus fundadores eram em grande parte não-cristãos, e parecem ter cultivado um profundo e inabalável desejo de construir um novo país no qual as tiranias da religião e do governo — tal como conhecidas na Europa — fossem em grande medida mantidas em xeque.

Em *The Secret Destiny of America*, Manly Hall sustenta que a formação dos Estados Unidos era o objetivo primordial da "Ordem da Busca", uma sociedade secreta formada por intelectuais e filósofos que sobrevivera desde tempos antigos. Hall afirma que a criação dos Estados Unidos constituía um passo a mais em direção à meta suprema de uma democracia mundial:

Todos esses grupos [cavaleiros do Santo Graal, cabalistas cristãos e judaicos, rosa-cruzes e Illuminati] pertencem àquela que ficou conhecida como Ordem da Busca. Todos estavam em busca da mesma coisa, por trás de toda a variedade de rituais e símbolos. E o que era buscado era uma ordem social aperfeiçoada, a comunidade de Platão, o governo do rei-filósofo.⁶²

Qualquer que seja a realidade, Dan Brown certamente tem farto material para utilizar na vertente "história oculta" de *A chave de Salomão*. É difícil estabelecer de maneira fundamentada se houve ou não interferência de sociedades secretas na orientação dos EUA colonial para uma meta definida, ou se elas apenas exerceram alguma influência através da filosofia que compartilhavam — o ideal originalmente enunciado por Francis Bacon em *A Nova Atlântida*. É interessante observar que o Dia da Independência, 4 de julho, é uma data significativa para os templários. Os cavaleiros de Salomão sofreram uma pesada derrota frente aos exércitos muçulmanos no "chifre de Hattin", no dia 4 de julho de 1187, precipitando a queda de Jerusalém.⁶³ Caberia esperar que Dan Brown utilize este grave acontecimento como motivo da escolha da data da independência —

significando a reconstrução da "Casa de Salomão"?

Seja qual for a verdade, o fato é que a maçonaria desempenhou algum papel na fundação da nova república. O historiador maçônico Ronald Heaton afirma que a confraria teve mais influência que qualquer outra instituição na fundação dos Estados Unidos.

Desde a época das primeiras Convenções Constitucionais, nem os historiadores em geral nem os membros da Fraternidade deram-se conta do quanto os Estados Unidos da América devem à maçonaria, e do papel importante que ela desempenhou no nascimento da nação e no estabelecimento dos marcos dessa civilização.⁶⁴

Por sinal, esta menção ao estabelecimento dos marcos leva-nos a outro possível tópico do próximo livro de Dan Brown, *A chave de Salomão*: a arquitetura maçônica da capital dos EUA, Washington.

CAPÍTULO 5

ESTRANHAS CONSTRUÇÕES

Como vimos no início do capítulo anterior, o começo das obras de construção da capital dos Estados Unidos teve fortes tonalidades maçônicas. Com cerimônias de lançamento de pedras fundamentais presididas por lojas locais e o próprio presidente sendo membro da maçonaria, tudo indica que a construção de Washington foi fortemente influenciada pela cultura da confraria. A idéia merece um exame mais atento: nas notícias divulgadas no início de novembro de 2004 sobre a revelação do título de *A chave de Salomão*, havia mais indicações sobre o conteúdo do livro:

*Ao tratar pela primeira vez do tema do livro na última primavera, Brown declarou que a arquitetura de Washington é carregada de simbolismo, o que ele está aproveitando em seu romance.*⁶⁵

O que não chega a ser uma surpresa: ambos os romances anteriores de Brown tendo Robert Langdon como personagem valiam-se da arte e da arquitetura de cidades famosas como elemento do enredo. Em *Anjos e demônios*, Langdon segue a "Trilha de Luz" formada pelas esculturas de Bernini, encontrando-se em todo o livro muitas outras referências à arquitetura de Roma. Em *O código Da Vinci*, Brown utiliza a arte do mestre renascentista Leonardo da Vinci, assim como alguns dos temas esotéricos da arquitetura parisiense (e, mais para o fim do livro, a Capela de Rosslyn). Devemos, portanto, examinar mais de perto a história e a arquitetura de Washington, atentos à identificação de detalhes que mais provavelmente possam ser mencionados por Dan Brown em *A chave de Salomão*. Um livro que pode ser de especial utilidade é *The Secret Architecture of Our Nations's Capital* [A arquitetura secreta de nossa capital], de David Ovason. Também merece atenção *Talisman*, de Graham Hancock e Robert Bauval. Consultaremos igualmente fontes variadas a respeito de monumentos

específicos da capital. Vários mapas da cidade podem ser encontrados no Apêndice.

CONSTRUINDO A HISTÓRIA

A localização da cidade de Washington foi escolhida num jantar por Thomas Jefferson e Alexander Hamilton, concordando aquele em apoiar os planos financeiros deste em escala federal, em troca de terras destinadas à capital. Os estados de Virgínia e Maryland doaram as terras necessárias, e em 1790 o local recebeu o nome de distrito de Colúmbia, sendo dado à capital o nome de George Washington.

A cidade foi originalmente planejada pelo francês Pierre Charles L'Enfant, que servira na guerra revolucionária, tendo chegado com Lafayette. David Ovason sustenta que L'Enfant era maçom, embora para isso se escore em documentos inéditos. Em consequência de conflitos pessoais, L'Enfant foi afastado já no início do projeto. Indignado, levou consigo os traçados urbanísticos, mas o plano pôde ser reproduzido de memória com razoável fidelidade pelos que continuaram no projeto. Um astrônomo e agrimensor, Andrew Ellicott, assumiu o lugar de L'Enfant, contando com a contribuição de idéias de Jefferson e Washington.

A cidade de Washington é dividida em quatro quadrantes, assinalados pelos pontos cardeais, estando em seu centro o prédio do Capitólio. Todavia, como o Capitólio não se encontra no centro do distrito, os quadrantes têm tamanhos desiguais. O plano de L'Enfant estabelecia muitas avenidas diagonais, que receberam os nomes dos estados americanos, sendo provavelmente a mais famosa a avenida Pensilvânia, que liga a Casa Branca ao Capitólio. No traçado original, o Capitólio, a Casa Branca e o monumento a Washington formam um triângulo de ângulos iguais.

A Casa Branca costumava ser chamada de Mansão Presidencial, até

ser incendiada pelos britânicos durante um ataque em 1814, juntamente com o Capitólio e a ponte sobre o rio Potomac. Para disfarçar o negrume deixado nas paredes pelas labaredas, foi usada tinta branca, e a partir daí o prédio ficou conhecido como Casa Branca.

WASHINGTON E O SAGRADO FEMININO

O fato de Dan Brown ter declarado que a arquitetura de Washington tem papel importante em seu próximo livro não é o único motivo para usarmos *The Secret Architecture of Our Nation's Capital* como referência. Embora Ovason trate no livro de muitos aspectos da concepção urbanística da cidade e de obras arquitetônicas e monumentos específicos, existe uma outra parte de sua pesquisa que o vincula à "simbologia" de Dan Brown. Ovason considera que a capital dos Estados Unidos foi fundada pelos maçons, sendo dedicada às deusas — sejam elas Ísis, Deméter ou a Virgem. O livro de Ovason analisa cerca de vinte zodíacos encontrados em Washington, além dos mapas astrológicos de dias importantes na construção da capital:

*A idéia de que o signo de Virgem é o regente de Washington reflete-se no considerável número de zodíacos e símbolos lapidares encontrados na cidade. A referência virginiana também é enfatizada numa série de mapas da fundação que têm fundamental importância para a cidade de Washington.*⁶⁶

Embora a maneira como Ovason tenta encontrar algum significado nos mapas astrológicos seja considerada ridícula por certos maçons, outros têm assinalado, com razão, que existe com efeito uma tradição maçônica de consultar o horóscopo antes do início de obras de construção. Por exemplo, em *Talisman*, Graham Hancock e Robert Bauval lembram que, depois da devastação do grande incêndio ocorrido em Londres em 1666, o maçom Elias Ashmole foi consultado sobre as datas mais favoráveis para o lançamento das pedras fundamentais de certos prédios importantes.⁶⁷

Há também quem invoque, como o próprio Ovason, a imagem, famosa na confraria, do "Monumento ao Mestre Maçom", como indicação de que o "sagrado feminino" constitui um elemento



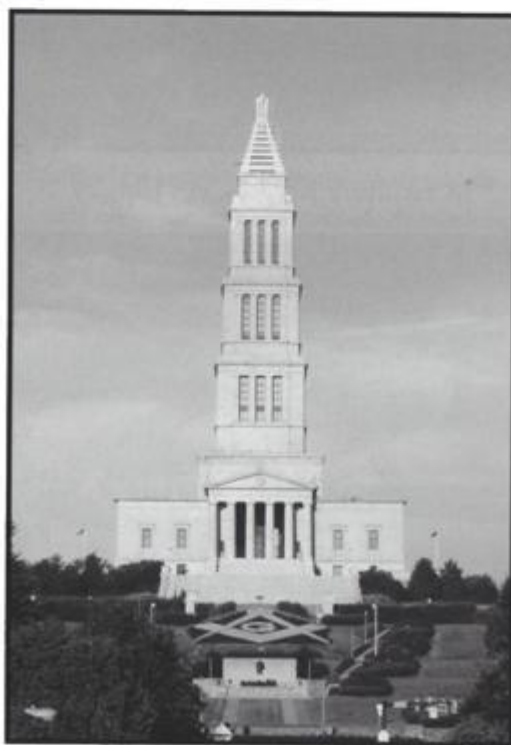
A escultura kryptos, em langley



O amuleto "Udjat, ou Olho de Hórus (©Jon Bodsworth)



Sir Francis Bacon



O Memorial Maçônico George Washington (© J. Alison)



O Monumento ao Mestre Maçom



Retrato da família Washington, de Edward Savage



O Monumento a Washington,
com a Casa Branca ao fundo



A "Casa do Templo" do rito escocês (© J. Alison)



Anverso das armas
da República americana



O avental maçônico
de George Washington



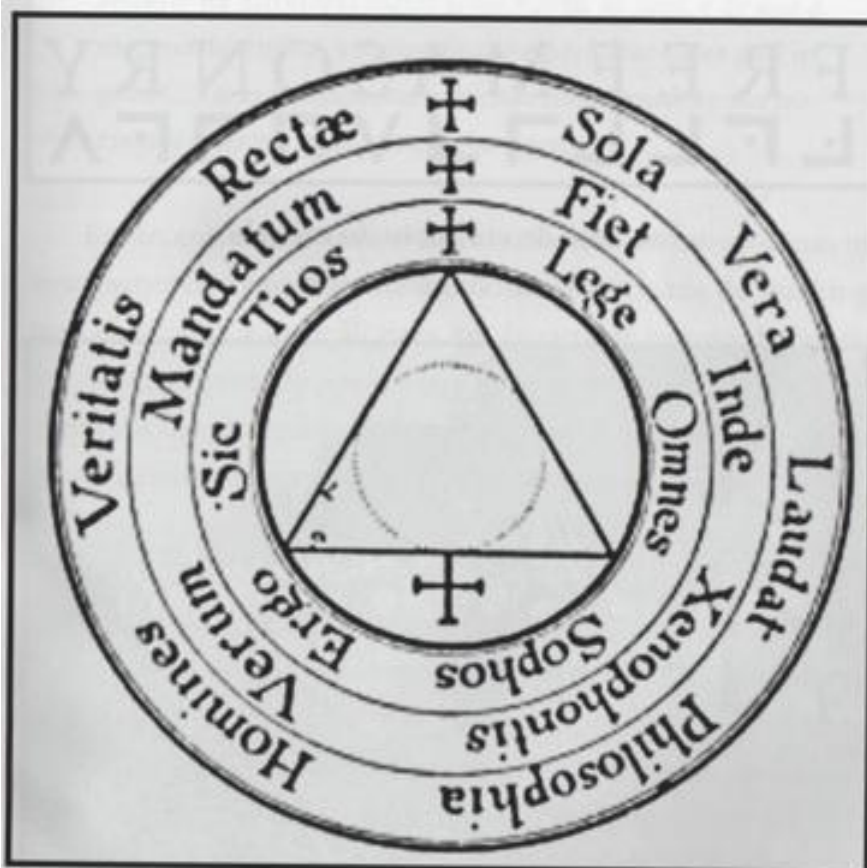
O hexagrama formando a palavra
MASON nas armas da República



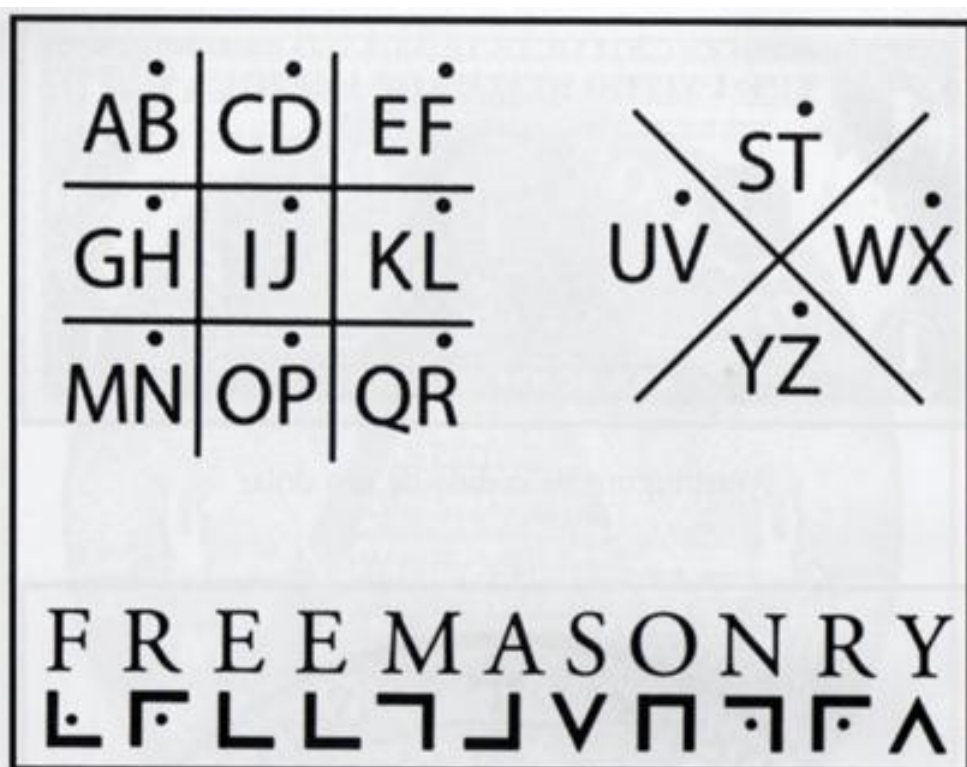
As armas republicanas na cédula do dólar



Washington na cédula de um dólar



O código alquímico de Athanasius Kircher



Exemplo de utilização do método
 “inglês” no código maçônico



Marcha da Ku Klux Klan,
 Avenida Pensilvânia, 1928

vital da tradição maçônica. Nela, vê-se uma virgem de pé junto a uma coluna quebrada, tendo nas mãos um ramo de acácia, e por trás o Pai Tempo, às vezes tocando o seu cabelo. Mas a tese tem sido desqualificada por outros, usando uma fonte maçônica as seguintes palavras para refutar Ovason:

*A teoria de Ovason depende, para ser confirmada ou desmentida, da pressuposição (...) de que os maçons tinham a respeito da astrologia idéias semelhantes às suas, e de que a maçonaria atribui um significado especial ao signo de Virgem. (...) seus pressupostos não estão comprovados e sua teoria não resiste a qualquer exame rigoroso.*⁶⁸

Existe, entretanto, uma outra área de grande interesse nas investigações de Ovason sobre a geometria da cidade de Washington. Ele chama a atenção para um fascinante retrato da família Washington, pintado por Edward Savage, mostrando três de seus membros como que distraidamente delimitando com as mãos uma área triangular num mapa de Washington.⁶⁹ Serviria o triângulo para indicar alguma localização específica na capital, ou seria uma "piscadela" para os membros da confraria, pelo delineamento de um compasso maçônico (ver os dedos no alto do "triângulo")? Note-se também que neste quadro vemos o neto de Washington segurando um compasso sobre um globo terrestre, assim como um piso quadriculado como um tabuleiro de xadrez — em ambos os casos, motivos caracteristicamente maçônicos. Como o quadro está exposto na Galeria Nacional de Arte, em Washington, podemos imaginar que Robert Langdon passe por ali para dar uma olhada.

RUAS E SÍMBOLOS

Muitos teóricos da conspiração têm chamado a atenção para outros elementos geométricos que afirmam fazer parte do plano original da capital norte-americana. Há quem enxergue o quadrado e o compasso maçônicos no traçado diagonal das ruas estabelecido por L'Enfant — sendo o Capitólio o

alto do compasso, cada um de seus braços conduzindo para a Casa Branca e o Memorial de Jefferson. Outros identificam um pentagrama "satânico" invertido que aponta para o norte da Casa Branca, iniciando-se a parte inferior do símbolo na residência presidencial.

Numa linha de raciocínio mais ortodoxa, Michael Baigent e Richard Leigh fazem rápida referência ao traçado das ruas em *O templo e a loja*. Consideram apenas que o Capitólio e a Casa Branca constituíam pontos focais de uma "complexa geometria determinante do traçado" de Washington. Lembram também que o projeto original de L'Enfant foi alterado por Washington e Jefferson para gerar padrões octogonais remissivos do emblema em forma de cruz dos cavaleiros templários.

Graham Hancock e Robert Bauval também mencionam a possibilidade de um alinhamento intencional da avenida Pensilvânia, entre a Casa Branca e o local do prédio do Capitólio (a colina Jenkins), com o ponto de ascensão da estrela mais brilhante do céu, Sírius. A ascensão heliaca de Sírius era de grande importância para os egípcios antigos, pois assinalava o ano-novo. A estrela também estava intimamente ligada à grande deusa do Egito antigo, Ísis — mais uma alusão ao sagrado feminino. Hancock e Bauval notam que qualquer observador que descortinasse a avenida Pensilvânia ao alvorecer, em 1793, veria Sírius "pairando" sobre o lugar onde só pretendia construir o Capitólio, o que, segundo eles, não podia ter passado despercebido a homens como o astrônomo Ellicott:

*Parece altamente improvável que tão grandioso simbolismo astral tivesse passado despercebido ao grupo de importantes maçons e astrônomos que planejaram Washington e decidiram a localização de suas principais estruturas.*⁷⁰

Em *Talisman*, Hancock e Bauval também sugerem que o traçado das ruas de Washington incorpora deliberadamente o símbolo cabalístico da "Árvore da Vida" (embora, para dizer a verdade, também possamos

identificar nele uma cruz cristã). Eles consideram que o prédio do Capitólio é a "cabeça" do símbolo esotérico (designado como "Kether"), espalhando-se a Árvore da Vida em direção oeste. Um dos grandes monumentos que consideram fazer parte deste símbolo, num ponto que corresponde à seíra caba-lística de "Tipheret", é o enorme obelisco do Monumento a Washington.⁷¹ Tenha sido ou não planejada esta correspondência, vale apenas examinar mais atentamente o monumento, inspirado nos impressionantes equivalentes do Egito antigo.

O MONUMENTO A WASHINGTON

A pedra fundamental do Monumento a Washington, um bloco de mármore de Maryland de 11 toneladas, foi oficialmente lançada pelo grão-mestre Benjamin B. French, da Grande Loja de Maçons Livres e Iniciados do Distrito de Colúmbia, no domingo, 4 de julho de 1848. Ele teria usado na ocasião o avental e a faixa maçônicos de George Washington, empunhando o mesmo martelo maçônico usado por Washington ao lançar a pedra fundamental do Capitólio, no dia 18 de setembro de 1793.⁷²

A idéia do Monumento a Washington surgiu em 1799, oito dias depois da morte de Washington. Propôs-se que "um monumento de mármore fosse erigido pelos Estados Unidos no Capitólio, na cidade de Washington, e que fosse solicitada à família de George Washington autorização para que seu corpo nele fosse depositado".⁷³ Mas a família de Washington recusou-se a autorizar o traslado do corpo do presidente falecido, sendo o projeto arquivado.

A insatisfação com o fato de o governo não ter sido capaz de construir um memorial a Washington acabou levando à criação da Sociedade do Monumento Nacional a Washington, que tratou de levantar os fundos necessários com recursos privados. O Congresso reservou um terreno para o monumento, decidindo-se construí-lo num ponto alinhado pelo sul com a

Casa Branca e por oeste com o Capitólio — por sinal, a localização escolhida pelo arquiteto que planejou a cidade, Pierre l'Enfant, para um monumento a Washington. Constatou-se, no entanto, que o terreno não seria adequado, sendo o monumento deslocado cerca de cem metros para sudeste, o que comprometeu o alinhamento.

O monumento foi inicialmente planejado como um obelisco de vinte metros de altura, com um vértice plano dominado por uma "estrela de cinco pontas" — símbolo tipicamente maçônico. Na base do monumento deveria haver um "panteão" circular de colunas de mármore de três metros de altura. Pouco depois do início da construção, contudo, a altura foi reduzida para 15 metros, sendo a estrela substituída por um vértice piramidal. Posteriormente, quando começaram a escassear os recursos da sociedade, decidiu-se que outros estados e países poderiam contribuir para o projeto com blocos de mármore (ou outras pedras) de seu próprio solo.

Disso resultou um dos mais famosos incidentes da história do Monumento a Washington. O Vaticano e o papa Pio IX contribuíram com uma peça histórica de mármore extraída do Templo da Concórdia, em Roma, com cerca de um metro de comprimento, 25 centímetros de espessura e 45 centímetros de altura. Mas um partido político de tendências xenofóbicas e anticatólicas, o "Partido Americano" (também conhecido popularmente como o partido dos "Sabe-Nada"), sentiu-se insultado com a contribuição estrangeira, jurando que a pedra jamais seria integrada ao Monumento a Washington.

No dia 6 de março de 1854, a "Pedra do Papa", como ficou conhecida, foi roubada. Uma recompensa de cem dólares foi oferecida a quem conseguisse recuperá-la, mas a pedra nunca reapareceria. A teoria mais comum é que foi jogada no rio Potomac, embora também afirme-se que teria sido enterrada no cruzamento de duas ruas de Washington. Considerando-se que o Vaticano faz parte do enredo dos dois romances que têm Robert Langdon como personagem, Dan Brown pode sentir-se tentado a enxergar

possibilidades nesse mistério secundário, com vistas à trama de *A chave de Salomão*.

Na realidade, podemos prever, com razoável grau de confiança, que Dan Brown tratará de alguma maneira de incorporar o Monumento a Washington a seu livro *A chave de Salomão*, e não apenas por seu inerente simbolismo egípcio e por sua importância na paisagem da capital. Pois o fato é que, em *O código Da Vinci*, Brown inexplicavelmente estabelece o comprimento da Galeria Central do Louvre afirmando que equivale ao de "três Monumentos a Washington". Considerando-se que as pesquisas para os dois livros foram efetuadas em parte simultaneamente, podemos ter aqui um lapso revelador.

O CONSELHO SUPREMO DO RITO ESCOCÊS

Outro lugar que pode ser usado em *A chave de Salomão* é a sede do "Conselho Supremo da Mãe" da maçonaria do 33º grau (jurisdição sul do rito escocês), localizada no nº 1.733 da rua 16 Noroeste, em Washington. Inspirado no mausoléu de Halicarnassus, o prédio — conhecido como "Casa do Templo" — foi projetado em 1911 pelo famoso arquiteto John Russell Pope, estando cheio de símbolos egípcios como a esfinge, o Ankh e o Uraeus.⁷⁴

David Ovason assinala que a torre que domina a Casa do Templo é uma réplica da famosa pirâmide truncada constante do verso das armas da república norte-americana — o símbolo dos Illuminati que encontramos em *Anjos e demônios*—, sem esquecer o detalhe de ter sido construída com 13 camadas de pedras.⁷⁵ O prédio foi projetado por dois arquitetos: como Pope não era maçom, um maçom do 32º grau chamado Elliott Woods também foi contratado para a construção. Naturalmente, os conhecimentos maçônicos de Woods terão sido necessários para a correta concepção do interior do templo. Ovason observa que o projeto original de Pope previa muito mais que

13 camadas na pirâmide, mas não se sabe quem tomou a decisão de modificá-lo.

Em *Anjos e demônios*, Dan Brown explorou as muitas esculturas de Bernini encontradas nas imediações da parte antiga de Roma. Pode sentir-se tentado a citar da mesma forma John Russell Pope, que também concebeu muitas outras obras-primas arquitetônicas na região de Washington, entre elas o Memorial de Jefferson, o Arquivo Nacional e a Galeria Nacional de Arte.

UMA LINHA DA ROSA EM WASHINGTON?

Existe, por sinal, entre a localização da Casa do Templo e *O código Da Vinci*, uma relação indireta que pode ser incorporada por Dan Brown a seu novo romance, *A chave de Salomão*. Em *O código Da Vinci*, Brown chamou a atenção para a "Linha da Rosa" e o meridiano de Paris que passa por Saint-Sulpice. O dr. Steven Mizrach, antropólogo na Universidade Internacional da Flórida e respeitado pesquisador do mistério do Priorado de Sião, lembra que — tal como Paris — a capital norte-americana teve um dia o seu meridiano:

*Aparentemente, o distrito de Colúmbia foi concebido inicialmente de modo que a rua 16 fosse o seu meridiano norte-sul — e este meridiano seria o "meridiano zero" dos Estados Unidos. Quando Greenwich foi declarado o meridiano internacional, o distrito de Colúmbia e Paris abriram mão da pretensão. Hoje, o distrito de Colúmbia tem a rua Capitólio como eixo norte-sul, mas certos monumentos, especialmente os do parque Meridian Hill, remetem ao antigo eixo.*⁷⁶

A "Casa do Templo" do rito escocês também fica na rua 16. Em seu livro *The Jefferson Stone — Demarcation of the First Meridian of the United States* [A pedra Jefferson — A demarcação do primeiro meridiano dos Estados Unidos], Silvio A. Bedini relata como Thomas Jefferson foi um dos

principais incentivadores da campanha para o estabelecimento nos EUA de um meridiano central. Esse meridiano deveria passar pelo meio da Casa Branca. Ainda hoje pode ser encontrada uma placa comemorativa desta idéia na entrada superior do parque Meridian Hill, para quem vem da rua 16, no local de um antigo marco inaugurado em 1816.⁷⁷

O PENTÁGONO

O Pentágono merece ser mencionado, simplesmente por causa de sua concepção geométrica. As cinco faces do prédio formam uma figura geométrica interessante, e esta forma também tem a vantagem de encaixar perfeitamente o símbolo "mágico" do pentagrama (a estrela de cinco pontas). Dan Brown demonstrou seu interesse pela "Seção Dourada" no interior do pentagrama em *O código Da Vinci*, de modo que podemos esperar um monólogo sobre a sede das forças militares norte-americanas em *A chave de Salomão*. O símbolo do pentagrama foi encontrado pela primeira vez no antigo Egito, na forma de um hieróglifo denotando a idéia de "estrela" (e, por extensão, de céu).

Dizem que a forma característica do prédio foi determinada pelo formato problemático do terreno originalmente previsto para a construção. Todavia, um outro local seria afinal escolhido, cabendo perguntar por que se manteve o estranho formato, quando a nova localização não apresentava as mesmas restrições da original. Outra razão apresentada para a forma do prédio é que ela permite a máxima eficiência no trabalho, tornando todas as salas e escritórios acessíveis a pé em questão de poucos minutos... embora possamos perguntar se o mesmo resultado não seria obtido com um prédio alto dotado de elevadores. Seja como for, a construção do prédio teve início em julho de 1941.

Graham Hancock e Robert Bauval lembram, em *Talisman*, que o presidente Franklin Delano Roosevelt, que assumiu o controle do

planejamento do prédio, foi feito mestre maçom em 1911, tornando-se em 1929 maçom do 32º grau do rito escocês. Devia, portanto, ter pleno conhecimento de uma das obras-chave da maçonaria do rito escocês, *Morais and Dogma* [A moral e os dogmas], de Albert Pike, na qual a forma pentagonal é associada ao símbolo maçônico da Estrela Resplandecente.⁷⁸

O MEMORIAL MAÇÔNICO GEORGE WASHINGTON

Na cidade de Alexandria, na Virgínia, cerca de oito quilômetros ao sul de Washington, encontra-se o Memorial Maçônico Nacional George Washington (ver encarte de fotos). A idéia de construir um memorial maçônico a George Washington foi lançada por vários membros da Loja de Alexandria-Washington nº 22, que perdera muitos tesouros históricos numa série de incêndios. A loja decidiu construir um prédio à prova de fogo para abrigar os demais objetos que haviam pertencido a Washington, doados por sua família.

A construção do memorial foi inteiramente financiada por contribuições voluntárias de membros da fraternidade maçônica. Nesse sentido, considera-se que pertence a todos os maçons dos

Estados Unidos, qualquer que seja o "ramo" a que estejam filiados. A pedra fundamental foi lançada no dia 1º de novembro de 1923, mas a construção só pôde avançar à medida que eram fornecidos os fundos. Assim, o memorial só seria consagrado em 12 de maio de 1932 — data que é considerada "um dos acontecimentos mais importantes e emocionantes da história da maçonaria norte-americana".

Embora não se encontre efetivamente na cidade de Washington, o memorial certamente seria cenário adequado para *A chave de Salomão*: o prédio é um monumento espetacular de cem metros de altura, e teria sido inspirado no antigo farol de Alexandria, no Egito (uma das sete maravilhas

do mundo antigo). Os visitantes entram no prédio através do "Salão Memorial" do segundo andar, deparando-se com uma portentosa estátua de George Washington vestindo o avental maçônico. Poderíamos acaso visualizar Robert Langdon visitando o Museu George Washington instalado no quarto andar, apresentando objetos e documentos relacionados tanto à maçonaria quanto ao primeiro presidente do país? Ou quem sabe a biblioteca do sexto andar, contendo aproximadamente vinte mil livros sobre a confraria?

Todavia, dois dos andares que ficam acima da biblioteca mais provavelmente seriam cenário para *A chave de Salomão*. No sétimo andar encontra-se uma "réplica" da cripta por baixo do Templo de Salomão — o lugar perfeito para descobrir algum segredo a respeito de Salomão. E no nono andar (o último) do memorial foi feita uma reconstituição do salão do trono do Templo de Salomão. Este andar é circundado por uma varanda que serve de mirante, oferecendo uma vista panorâmica da região metropolitana de Washington.

Escrevendo no *Scottish Rite Journal* (fevereiro de 2001), o maçom do 33º grau George D. Seghers expunha a missão abraçada pela Associação do Memorial Maçônico Nacional George Washington:

Nossa missão hoje em dia é não só preservar a memória e o legado de George Washington, mas também preservar, promover e perpetuar as crenças e ideais maçônicos em que se inspirou a fundação de nosso grande país.

As palavras de Seghers fazem eco ao tema central de *A chave de Salomão*: os Estados Unidos foram fundados com base nos ideais da maçonaria e continuam a ser influenciados por eles. Entre os livros e relíquias maçônicas que abriga e as "cópias" do Templo de Salomão encontradas nos andares superiores, o Memorial Maçônico George Washington certamente constitui um belo cenário para o próximo romance de Brown.

UMA LISTA INFINDÁVEL

Existem na cidade de Washington muitos outros lugares que poderiam facilmente ser incluídos por Dan Brown no enredo de *A chave de Salomão*. Encontramos na capital norte-americana, curiosamente, uma série de logradouros com nomes egípcios, como Alexandria. Existem também várias "coincidências" que poderiam ser consideradas de interesse histórico: por exemplo, a cerimônia de lançamento da pedra fundamental da Casa Branca teve lugar num dia 13 de outubro, o dia da infâmia dos templários.

Naturalmente, a capital dos Estados Unidos está cheia de monumentos — alguns dos quais são bem conhecidos; outros, nem tanto, embora ostentem um simbolismo esotérico. Por exemplo, a sede da receita federal (Internal Revenue Service, IRS) é circundada por esculturas características, como uma pequena pirâmide, logo na entrada, ou uma mão apontando o dedo para o céu — gesto que é objeto de grande atenção no livro *O segredo dos templários*, de Picknett e Prince, como uma "insígnia" de Leonardo da Vinci. Mais visado, o prédio do Capitólio também tem seus aspectos de interesse (ver a relação completa no livro de Ovason), tendo sido projetado pelo arquiteto maçom Benjamin Latrobe.

Outras áreas próximas também poderiam facilmente ser usadas como cenário, entre elas a sede da CIA, em Langley, Virgínia, onde se encontra a escultura Kryptos, já mencionada. As numerosas agências de defesa e inteligência dessa região oferecem muitas oportunidades para um enredo típico de Dan Brown. E, considerando-se o gosto pelas viagens demonstrado por Robert Langdon em *O código Da Vinci*, existe também a possibilidade de visitas a outros monumentos de algum teor maçônico em diferentes partes do país, como a Estátua da Liberdade.

Evidentemente, não podemos relacionar todos os lugares passíveis de

serem incluídos em *A chave de Salomão* — e sequer chegamos a tratar de verdadeiros ícones arquitetônicos e culturais, como a Casa Branca e os muitos museus do Instituto Smithsonian. Na verdade, toda a avenida que liga o Capitólio ao Monumento a Washington está cheia de cenários interessantes. Seja como for, os locais anteriormente mencionados devem pelo menos constituir alguns dos cenários e temas principais do livro.

Vamos encerrar com um breve apanhado de alguns dos locais mais obscuros que podem aparecer em *A chave de Salomão*, em virtude de sua semelhança com cenários de livros anteriores protagonizados Robert Langdon:

- As imagens de baixo relevo em bronze das armas da república encontradas no piso de mármore da praça da Liberdade, semelhantes ao *Poente Ocidental* de Bernini que aparecia em *Anjos e demônios* (o marco do "Ar").

- O prédio do Departamento do Comércio, no qual David Ovason relaciona os tímpanos da mineração, da pesca, do comércio e da aeronáutica com os elementos da terra, da água, do fogo e do ar — um dos temas centrais de *Anjos e demônios*.

- Uma estátua do presidente assassinado James Garfield perto do prédio do Capitólio, apresentando um simbolismo maçônico.

- Uma escultura de mármore intitulada *A carruagem da história*, que se encontra no interior do prédio do Capitólio, esculpida em 1819 por Cario Franzoni, e que representa uma deusa sobre um coche cercada de simbolismo astrológico.

- *Liberdade*, a estátua de seis metros representando uma deusa que remata a abóbada do prédio do Capitólio, esculpida pelo maçom Thomas Crawford.

- O "Triângulo Federal" do mapa da cidade de Washington, formado pela Casa Branca, o Capitólio e o local onde deveria ter sido construído originalmente o Monumento a Washington. Ovason relaciona esses pontos às estrelas Regulus, Spica e Arcturus, que formam no céu um triângulo em torno da constelação de Virgem.

São essas apenas algumas das possibilidades — deixaremos que Dan Brown nos surpreenda com o resto. Se você estiver interessado em informações mais detalhadas sobre a arquitetura esotérica de Washington, dê uma olhada no livro de David Ovason. Já aqui, no entanto, deixaremos este tema para começar a explorar as teorias conspiratórias maçônicas, assim como o estranho simbolismo das armas dos Estados Unidos.

CAPÍTULO 6

UMA CONSPIRAÇÃO MAÇÔNICA?

As armas dos Estados Unidos provavelmente foram objeto de mais teorias conspiratórias que qualquer outro símbolo nacional. Elas apresentam, no anverso, uma águia, segurando flechas e ramos de oliveira. No reverso, encontramos a imagem mais polêmica, uma pirâmide cortada tendo no topo um "olho-que-tudo-vê" — símbolo por muitos associado a uma conspiração liderada pelo grupo dos chamados "Illuminati".

O "Desafio Da Vinci" do *site* de Dan Brown na Internet afirma explicitamente que o misterioso simbolismo encontrado nas armas dos Estados Unidos tem relação com *A chave de Salomão*. Ele também consta de *Anjos e demônios*, o primeiro romance da série de Robert Langdon, e tem sido abordado por Dan Brown em entrevistas. Sendo assim, merece, obviamente, um exame mais atento, assim como as declarações de Dan Brown sobre o tema.

Seria interessante consultar a esse respeito um outro livro de David Ovason. *The Secret Symbols of the Dollar Bill* [Os símbolos secretos da cédula de dólar] fornece amplas informações sobre o simbolismo das armas norte-americanas e sua posterior incorporação à cédula do dinheiro norte-americano. O autor esotérico Manly Hall também trata das armas norte-americanas em alguns de seus trabalhos, e portanto também trataremos de ver o que ele tem a dizer. Finalmente, encerraremos com uma análise da possibilidade de que o emblema simbolize a idéia da "Nova Atlântida" exposta por Francis Bacon, e de que esta ainda seja uma meta de certos homens hoje no poder — mais de duzentos anos depois da Declaração de Independência.

A HISTÓRIA DAS ARMAS DA REPÚBLICA AMERICANA

Antes de suspender a sessão no histórico dia 4 de julho de 1776, o Congresso Continental aprovou uma resolução criando uma comissão incumbida de conceber as armas do novo país independente. Os membros da comissão eram Benjamin Franklin, John Adams e Thomas Jefferson — três dos cinco homens que trabalharam na Declaração de Independência, dois dos quais haveriam de tornar-se presidentes dos Estados Unidos. Todavia, seriam necessários mais seis anos para que afinal fossem criadas as armas dos Estados Unidos, envolvendo a concepção do símbolo, mais duas outras comissões e 14 indivíduos.

O comitê inicialmente constituído por Franklin, Adams e Jefferson explorou no começo temas bíblicos e clássicos, entre eles os "Filhos de Israel no deserto",⁷⁹ mas sem grande êxito. Recorreram em seguida ao talento do retratista francês Pierre Eugene du Simitiere, que tinha certa experiência na concepção de símbolos.

Mas o símbolo concebido com a ajuda de Simitiere foi recusado pelo Congresso no dia 20 de agosto de 1776, embora dois de seus elementos fossem posteriormente integrados às armas — o famigerado Olho da Providência no interior de um triângulo e o lema *E Pluribus Unum*.^m

Quatro anos depois, foi designada uma segunda comissão para cuidar da criação das armas republicanas. Ela convidou Francis Hopkinson, que contribuía para a criação da bandeira norte-americana e das armas do estado de Nova Jersey, para colaborar com o projeto. Mas a nova proposta também foi recusada pelo Congresso. Como no caso anterior, entretanto, certas características seriam aproveitadas em posteriores concepções — as 13 listras vermelhas e brancas do escudo sustentado pela águia, a constelação de 13 estrelas de seis pontas e o ramo de oliveira, como símbolo

da paz.⁸¹

Em maio de 1782, o Congresso nomeou uma terceira comissão para dar prosseguimento à busca. E foi o que ela fez, com a máxima eficiência — logo tratando de confiar a tarefa a um advogado de Filadélfia chamado William Barton. Barton acrescentou ao projeto a importante figura da águia e também desenhou a enigmática pirâmide encontrada no reverso das armas, associando-a ao Olho da Providência da primeira comissão. Ele trabalhou com rapidez, e a terceira comissão entregou seu projeto ao Congresso apenas cinco dias depois de ter sido formada.

Todavia, o sempre exigente Congresso ainda não estava satisfeito, e o projeto passou à responsabilidade de Charles Thomson, secretário do Congresso. Embora não fosse um grande artista, Thomson conseguiu integrar os diferentes elementos numa concepção aceitável, além de acrescentar os lemas latinos *Annuit Coeptis* e *Novus Ordo Seclorum* ao reverso das armas. Voltou então a convocar Barton para a finalização artística do emblema, e finalmente as armas dos Estados Unidos foram aceitas pelo Congresso em 20 de junho de 1782.

O ANVERSO DAS ARMAS

Atualmente, o lado anterior das armas republicanas norte-americanas apresenta uma águia de asas abertas. Com a garra esquerda, ela segura um feixe de flechas, ao passo que na direita encontramos um ramo de oliveira — a cabeça da águia está voltada para a direita, o que significaria que os Estados Unidos desejam a paz, embora estejam sempre prontos para fazer a guerra se necessário. Embora os Estados Unidos não tenham um brasão oficial, a imagem da águia costuma ser usada com esta finalidade.

Em *The Secret Teachings of Ali Ages*, Manly Hall sustenta que o pássaro representado nas armas originais não era na realidade uma águia, mas a mitológica fênix. Ele baseava sua afirmação no pequeno tufo de penas

que aparecia por trás da cabeça, semelhante às representações egípcias da fênix. Escreve Hall:

*Nos mistérios, os iniciados costumavam ser designados como "fênicas" ou "homens renascidos", (...) renascidos para uma consciência do mundo espiritual.*⁸²

Segundo Manly Hall, a "mão dos mistérios" esteve envolvida na fundação dos Estados Unidos, servindo as armas republicanas como sua assinatura. Mas ele reconhece que somente um conhecedor do simbolismo seria capaz de enxergar além da tese moderna de que o pássaro é uma águia. Hall está na pior das hipóteses parcialmente certo em sua alegação, pois um dos primeiros projetos — o projeto de William Barton — mostra claramente uma fênix pousada no característico ninho de chamas. Continuaremos a nos referir ao pássaro como uma águia, para simplificar, mas a tese de Hall é digna de nota.

A águia traz no bico uma faixa com os dizeres *E Pluribus Unum*, que significam "Dentre muitos, um". Trata-se de uma referência à união das 13 colônias originais para formar os Estados Unidos da América — e, muito apropriadamente, são 13 as letras da própria frase. Mas esta é provavelmente mais que uma mera coincidência, pois em vários elementos vamos encontrar de novo o número 13 nas armas norte-americanas: são 13 as flechas na pata esquerda da águia, o escudo é adornado com 13 faixas, e acima da águia vemos 13 estrelas. Cabe lembrar que 13 também é um "número do poder" na maçonaria.

Um ponto observado pelos adeptos da teoria da conspiração é que as 13 estrelas acima da cabeça da águia estão dispostas de maneira a formar o "Selo de Salomão", um hexagrama também conhecido como "Estrela de Davi". Em decorrência disso, não raro são levantadas acusações absurdas de conspiração judaica, embora certos pesquisadores considerem que o financista Haym Solomon possa ter participado da concepção desta

"constelação". Curiosamente, as estrelas do hexagrama também eram originalmente em forma de hexagrama, sendo em algum momento transformadas em pentagramas.⁸³

Já mencionamos o simbolismo do pentagrama, mas existe ainda um outro aspecto digno de nota. Em *The Secret Symbols of the Dollar Bill*, David Ovason levanta a possibilidade de que a primeira utilização oficial da estrela de cinco pontas na América do Norte tenha sido feita a pedido de ninguém menos que Francis Bacon.⁸⁴

O REVERSO DAS ARMAS

Se o anverso das armas americanas pode intrigar, o reverso é um verdadeiro banquete para os teóricos da conspiração. O motivo central da parte posterior das armas norte-americanas é uma pirâmide inacabada com 13 camadas de pedra. Há quem a considere muito semelhante às pirâmides da América Central. É mais provável, no entanto, que se trate de uma ilustração simplista da Grande Pirâmide de Gizé, no Egito. Essa maravilha da Antigüidade, com cerca de 140 metros de altura, também carece de um remate no topo. Mas apresenta muito mais que 13 camadas de alvenaria!

Na base da pirâmide, o ano de 1776 está inscrito em numerais romanos. A versão oficial é que se trata de referência ao ano da Declaração de Independência dos Estados Unidos. Para os adeptos da teoria da conspiração, no entanto, o ano tem outro significado, pois em 1º de maio de 1776 a Ordem dos Illuminati Bávaros foi criada por Adam Weishaupt. Trata-se de apenas uma indicação de que as armas constituiriam um emblema da fraternidade dos Illuminati.

Acima da pirâmide cortada paira o chamado "Olho da Providência", dentro de um triângulo. Brown afirma que este elemento "simboliza o desejo dos Illuminati de promover uma 'mudança esclarecida' do mito da religião

para a verdade da ciência". Outros, entretanto — e, curiosamente, alguns maçons —, sustentam que a combinação da pirâmide com o olho-que-tudo-vê não era na época um motivo da maçonaria, e que a associação provavelmente surgiu em 1884, quando Eliot Norton, professor em Harvard, escreveu que o emblema era...

*... praticamente insuscetível de ser trabalhado com bons resultados; por mais que mereça um tratamento artístico, dificilmente ele poderá deixar de parecer o insípido emblema de uma fraternidade maçônica.*⁸⁵

A alegação de que Norton foi o responsável pelo contexto maçônico do traçado das armas norte-americanas certamente é equivocada, senão mal-intencionada. David Ovason assinala numerosas refutações — uma das mais remotas utilizações do olho-que-tudo-vê foi feita pelo maçom Robert Moray,⁸⁶ fundador da Sociedade Real. O brasão pessoal de Moray, que pode ser encontrado em sua correspondência particular, tem no centro um olho radiante — e, por sinal, também apresenta uma estrela de cinco pontas. A pirâmide era uma imagem comum nas lojas do início do século XVIII, e uma convocação maçônica datada de 1757, dirigida à Loja Antiga n° 2 de Filadélfia, ostenta o olho-que-tudo-vê.

Além disso, existem outras ligações diretas entre o "olho-que-tudo-vê" e os Pais Fundadores. Como assinala Ovason em *The Secret Architecture of Our Nation's Capital*, Benjamin Franklin quase certamente tinha conhecimento da obra do maçom francês Theodore Tschoudy, que associou a maçonaria francesa a uma resplandecente estrela de cinco pontas tendo no centro um "olho-que-tudo-vê".⁸⁷ E se ainda houver alguma dúvida de que os Pais Fundadores estavam "por dentro" do simbolismo maçônico do olho-que-tudo-vê, eu recomendaria uma olhada no avental maçônico do irmão George Washington (encarte de fotos).

Dois lemas são encontrados no reverso das armas republicanas norte-americanas. No alto, vemos a frase latina *Annuit Coeptis*, que costuma

ser traduzida como "Ele abençoou o nosso esforço". Embaixo, está inscrita a frase *Novus Ordo Seclorum*, que significa "uma nova ordem secular". Observe-se que dois dos três lemas das armas republicanas são formados por 13 letras. Além disso, podemos encontrar um código geométrico nos dois lemas inscritos no reverso das armas, embora não se saiba se ali foi posto deliberadamente ou se é apenas uma estranha coincidência.

Um olhar mais arguto terá percebido que um hexagrama, ou "Selo de Salomão", pode ser traçado sobre este lado das armas. Fazendo círculos em torno do "A" de "Annuít", do "s" de "Coep̄tis", do "N" de "Novus", do último "o" de "Ordo" e do "m" de "Seclorum", temos cinco pontos equidistantes, e uma falha no alto. É evidente que, fazendo um outro círculo no alto do triângulo do "olho-que-tudo-vê", estará completada a sexta ponta de um hexagrama. Embora a simples possibilidade de adaptar tão perfeitamente um hexagrama ao desenho das armas já seja por si interessante, o que é realmente sensacional é verificar as letras que foram circundadas para chegar a este resultado — A, S, N, O e M. Qualquer um que tenha a mínima habilidade na formação de anagramas verá que existe uma possibilidade principal nesse conjunto de letras: a palavra MASON [maçom em inglês].

Uma última questão relativa aos lemas latinos: cabe notar também que existe certa confusão em torno do significado da palavra *seclorum*; a opinião mais comum é que a palavra teve origem nos escritos do poeta clássico Virgílio, contexto no qual significava "por todos os tempos" ou "para sempre". Mas há também aqueles — entre os quais Dan Brown — que associam a palavra ao moderno conceito de "secular", em oposição a "religioso". Na interpretação de Brown, *Novus Ordo Seclorum* significa uma "clara exortação .10 que é secular, ou não-religioso". O tema se encaixa bem na tradição rosa-cruz que vem desde Francis Bacon e da posterior "Sociedade Real" até Benjamin Franklin, Thomas Jefferson e Thomas Paine — todos cientistas e deístas. A pergunta é: terá esta tradição chegado aos tempos modernos?

O ANTICRISTO SUPERSTAR

Por sua própria natureza, qualquer sociedade secreta está fadada a ser alvo de acusações e boatos. Acrescente-se a mais leve sombra de idéias mágicas ou herméticas, e será o suficiente para que os defensores dos pontos de vista "ortodoxos" se sintam ameaçados. Com a maçonaria, não é diferente: já em 1698, quase duas décadas antes do início "oficial" da maçonaria, encontramos panfletos advertindo para os perigos da confraria:

*Pois esta seita diabólica é formada de gente que se encontra em segredo para fazer juramentos contra todos aqueles que não sejam seus sequazes. Eles são o anticristo que era esperado, afastando-os do temor a Deus. Pois acaso se encontrariam em lugares secretos, com símbolos secretos, tomando o cuidado de não ser observados, para fazer a obra de Deus? Não são estes os métodos do Mal?*⁸⁸

As bulas papais condenando a maçonaria em meados do século XVIII serviriam apenas para aumentar ainda mais as idéias conspiratórias na opinião pública. E, no fim do século XVIII, a "derrubada" dos britânicos nas colônias norte-americanas e da monarquia na França — pelo menos em parte sob a influência de conhecidos maçons — criaria um verdadeiro inferno. Em certos meios, a execução do rei da França era considerada uma vingança dos templários em nome de seu falecido mestre, Jacques de Molay.

Logo depois do início da Revolução Francesa, vieram a público livros acusando os maçons de terem arquitetado tudo. Até que, em 1797, seria publicado aquele que é provavelmente o mais influente livro "antimaçonaria" dos dois últimos séculos: *Mémoires pour servir à l'histoire du jacobinisme* [Anotações para a história do jacobinismo], do padre Augustin de Barruel. Formado pelos jesuítas, Barruel alegava ter sido iniciado como mestre maçom, mas não fez voto de segredo, considerando-se por isso no direito de

advertir o público sobre os supostos perigos da confraria. Por outro lado, haverá quem se sinta tentado a ver a mão dos jesuítas nesse livro de ataque à maçonaria.

Na Escócia, na mesma época, um professor de filosofia natural da Universidade de Edimburgo começou a redigir um outro livro sobre a "conspiração maçônica". John Robinson fora iniciado como maçom no início da década de 1770, mas logo depois perdera o interesse, desvinculando-se da confraria. Entretanto, os acontecimentos das duas décadas seguintes levaram-no a reexaminar as aspirações de seus antigos confrades, e, em consequência, ele publicou um livro intitulado *Proofs of a Conspiracy against all the Religions and Governments of Europe, Carried on in the Secret Meetings of Freemasons, Illuminati and Reading Societies* [Provas de uma conspiração contra todas as religiões e governos da Europa, tramada nas reuniões secretas de maçons, Illuminati e sociedades de leitura]. Boa parte do material utilizado hoje em dia pelos teóricos da conspiração deriva das obras de Barruel e Robinson, embora a maior parte do conteúdo desses livros não passe aparentemente de insinuações e boatos.

A ameaça de uma conspiração dos Illuminati estava presente no espírito de muita gente em todo o mundo, e George Washington estava informado dessa suposta conspiração. Em resposta a uma carta que recebera a respeito do livro de Robinson, Washington defendeu a maçonaria—embora também tenha aparentemente ocultado a verdadeira natureza de seu envolvimento com as lojas maçônicas:

Muito tenho ouvido a respeito dos execráveis e perigosos planos e doutrinas dos Illuminati, mas não tivera acesso ao livro, até que o senhor teve a gentileza de enviá-lo (...) O fato é que eu não dirijo (nenhuma loja inglesa), nem entrei em qualquer uma delas mais de uma ou duas vezes nos últimos trinta anos. Creio, não obstante, que nenhuma das lojas de nosso país está contaminada com os princípios atribuídos à Sociedade dos Illuminati.

Numa segunda carta, Washington continua a falar da reputação dos Illuminati:

Não era minha intenção duvidar que as doutrinas dos Illuminati e os princípios do jacobinismo se tivessem disseminado nos Estados Unidos. Pelo contrário, ninguém extrai maior satisfação deste fato do que eu.

A idéia que eu queria expressar era de que não acreditava que as lojas dos maçons no país se tivessem empenhado, como sociedades, em propagar as doutrinas diabólicas daqueles ou os princípios perniciosos destes (se é que podem ser separados). Que indivíduos a eles ligados o tenham feito ou que o fundador, ou o instrumento utilizado para fundar, as Sociedades Democráticas dos Estados Unidos, possam ter tido este objetivo; e que efetivamente visassem uma separação do povo e de seu governo, é por demais evidente para ser questionado.

As cartas de Washington são uma eloqüente ilustração da febre conspiratória provocada pelos livros de Barruel e Robinson. Temerosas, monarquias de toda a Europa passaram a reprimir sociedades e fraternidades secretas, para minimizar a possibilidade de se transformarem na "próxima França". Nos Estados Unidos, enquanto isso, surgiria dentro de três décadas uma grande polêmica que mudaria a face da maçonaria.

Em 1826, um homem chamado William Morgan entrou em litígio com lojas maçônicas da região de Nova York. Para vingar-se, começou a trabalhar em uma denúncia escrita contra a confraria, que causou enorme sobressalto na comunidade maçônica local. De repente, no dia 19 de setembro de 1826, William Morgan desapareceu. Embora pesquisas tenham revelado que Morgan provavelmente tivesse sido "transferido" para o Canadá pelos maçons, com algum dinheiro e uma advertência para que nunca mais voltasse, muitos ainda acreditam que ele foi assassinado por causa da ameaça de revelar os segredos da confraria.

Se o caso Morgan foi a nota dominante da campanha contra a maçonaria no século XIX, o século XX também teve o seu momento crucial. Curiosamente, ele é caracterizado pelo ressurgimento das figuras esotéricas das armas republicanas. Em 1934, o secretário de Agricultura dos Estados Unidos, Henry Wallace, interessou-se pela misteriosa iconografia das armas. Havia bons motivos para isso, pois Wallace era um maçom de inclinações místicas, iniciado no 32º grau do rito escocês e filiado ao organismo do rito escocês do distrito de Colúmbia.⁸⁹

Wallace decidiu mostrar as armas ao presidente Franklin Roosevelt. Ele mesmo relataria o encontro:

*Roosevelt (...) surpreendeu-se inicialmente com a representação do olho-que-tudo-vê— uma representação maçônica do Grande Arquiteto do Universo. Em seguida, ficou impressionado com a idéia de que a fundação da nova ordem dos tempos fora lançada em 1776 mas só se completaria sob o olho do Grande Arquiteto. Roosevelt, como eu, era um maçom do 32º grau. Propôs então que as armas fossem incluídas na cédula do dólar.*⁹⁰

Não seria uma tarefa difícil, pois o secretário do Tesouro na época, Henry Morgenthau, também era maçom.⁹¹ Desde então, contudo, esse lance controverso tem estado no cerne das alegações de conspiração maçônica. Henry Wallace tornar-se-ia vice-presidente dos Estados Unidos. Roosevelt, maçom do 32º grau e 32º presidente, seria sucedido por Harry Truman, 33º presidente e maçom do 33º grau.⁹²

Wallace também era devoto cristão fundamentalista, e, segundo seu biógrafo, teria um complexo messiânico, além de nutrir a forte convicção de que Deus determinara que os Estados Unidos liderariam o mundo.⁹³ Também costumava recorrer ao conhecido conceito de "nova ordem mundial", perfeito para soar sinais de alarme entre os teóricos da conspiração. Lynn Picknett e Clive Prince — autores de um dos livros

favoritos de Dan Brown, *O Segredo dos templários* — assinalam em seu livro *The Stargate Conspiracy*) [A conspiração Stargate] que Wallace declarou em 1934:

*Será necessário um reconhecimento mais categórico do Grande Arquiteto do Universo para que a pedra do vértice finalmente seja colocada em seu lugar e o nosso país, na plena força de seu poder, esteja em condições de assumir a liderança entre as nações na fundação da "nova ordem dos tempos".*⁹⁴

Mais ou menos na mesma época em que Wallace fazia esta declaração, o famoso curandeiro mediúnico Edward Cayce afirmava o seguinte em uma de suas "mensagens":

*O americanismo, com o pensamento universal que é expresso e manifestado em idéia coletiva na fraternidade do homem, através da ordem maçônica, acabará sendo a norma na decisão dos negócios do mundo.*⁹⁵

Num relatório encomendado pelo governo em 1973, a maçonaria é recomendada como elemento tonificante para enfrentar as diferentes mudanças que se verificavam na sociedade norte-americana. O autor do relatório, Willis Harman, escreveria mais tarde sobre as armas da república:

*Os símbolos associados ao nascimento da nação têm um significado adicional. É ao influxo desses símbolos, princípios e metas, devidamente compreendidos, e de nenhum outro, que os pontos de vista divergentes no interior da nação podem afinal ser reconciliados.*⁹⁶

A afirmação de Wallace de que a pedra do vértice seria "colocada no lugar" teria um peculiar epílogo na virada do milênio. Em 1999, o governo egípcio anunciou que o *réveillon* seria comemorado com uma noite de gala nas pirâmides de Gizé. Durante uma apresentação musical de Jean-Michel Jarre — com um tema girando em torno do zodíaco astrológico —, o "Olho de Hórus" seria projetado sobre as pirâmides. À meia-noite, o espetáculo

culminaria com a chegada de um helicóptero para colocar um vértice dourado na Grande Pirâmide, completando-a de maneira simbólica.

O caráter francamente maçônico dos planos de comemoração era surpreendente, considerando-se que a maçonaria é proibida no Egito. Naturalmente, começaram a circular boatos de que se tratava de um evento programado pelos maçons para anunciar o início de uma nova ordem mundial, à qual se referira o presidente George H. W. Bush durante seu mandato. Quando a imprensa egípcia tomou conhecimento da história, o evento foi prontamente cancelado.

CRÂNIO E OSSOS

Um dos boatos que coincidiram com a polêmica sobre a pedra do vértice foi o de que o ex-presidente George H. W. Bush pretendia ir a Gizé para as comemorações da passagem do milênio. Bush já fora apontado pelos teóricos da conspiração por causa de seu discurso com a referência à "nova ordem mundial", mas havia outra informação inquietante. O ex-presidente também é membro de uma sociedade da Universidade de Yale, chamada "Crânio e Ossos", organização secreta de claro perfil maçônico.

Crânio e Ossos foi fundada em 1832, numa época em que a confraria estava em declínio por causa dos sentimentos antimaçônicos decorrentes do desaparecimento de William Morgan em 1826. Os membros mais graduados selecionavam apenas 15 estudantes por ano para admissão. Uma vez "tocado", o candidato se torna membro vitalício.

A imagística do crânio e dos ossos parece ter-se originado entre os templários. Um relato folclórico do século XII indica as origens míticas do tema:

Uma grande dama de Maraclea era amada por um templário, um certo

lorde de Sidon; mas ela morreu ainda jovem, e na noite de seu enterro o transviado amante foi ao túmulo, desenterrou o corpo e o violou. Foi então que uma voz do vazio disse-lhe que retornasse dentro de nove meses, pois encontraria um filho. Ele obedeceu e, no momento aprazado, abriu o túmulo novamente e encontrou uma cabeça nos ossos da perna do esqueleto [o crânio com os ossos cruzados]. A mesma voz disse-lhe "guarde-os bem, pois serão estes os geradores de todas as coisas boas". (...) No devido momento, os ossos e o crânio chegaram às mãos da Ordem.⁹⁷

Desde então, este símbolo veio a ser estreitamente ligado à maçonaria. Além disso, a fraternidade "Crânio e Ossos" de Yale tem o mesmo lema da confraria: *Memento Mori* (expressão latina que significa "lembra-te de que morrerás"). O que impressiona no caso da sociedade "Crânio e Ossos", contudo, é o imenso poder de seus membros, apesar de seu pequeno tamanho. Para quem gosta de jogar com números, vejamos o seguinte: existem quase trezentos milhões de habitantes nos Estados Unidos. E, no entanto, os dois principais candidatos presidenciais da eleição de 2004, John Kerry e George W. Bush, são membros da mesma sociedade secreta que tem apenas cerca de oitocentos membros: Crânio e Ossos.

Antes da eleição, o respeitado jornalista Tim Russert perguntou aos dois candidatos sobre a filiação à sociedade, em seu programa "Encontro com a imprensa". George W. Bush respondeu:

Ela é tão secreta que não podemos falar a respeito.^{91'}

Quando Russert perguntou a John Kerry qual seria o significado do fato de ele e Bush pertencerem à mesma sociedade secreta, o candidato respondeu:

Nada muito importante, pois se trata de um segredo."

À luz dessa "dupla candidatura", é interessante observar que Antony

C. Sutton expôs na introdução de seu importante livro *Américas Secret Establishment: An Introduction to the Order of the Skull and Bones* [O *establishment* secreto da América: Uma introdução à ordem do Crânio e dos Ossos] a filosofia básica da organização para alcançar o poder absoluto:

Quando dominamos os adversários, controlamos o resultado.

Além de Bush e Kerry, contudo (para não falar do ex-presidente George H. W. Bush), não faltam "homens dos ossos" bem relacionados nos círculos de poder do setor financeiro, das agências de inteligência e da justiça. Alexandra Robbins, autora do *Secrets of the Tomb* [Segredos do túmulo], afirma que é este o objetivo primordial da organização: colocar o maior número possível de membros em posições de poder.

A título de exemplo, o presidente George W. Bush convocou cinco companheiros dos "Ossos" a participar de seu primeiro governo. Um deles era William Donaldson, diretor da Comissão de Valores Mobiliários e Câmbio. Em determinado momento, membros da sociedade representavam mais de um terço dos sócios em pesos-pesados do mundo das finanças, como Morgan Stanley e Brown Brothers Harriman. Pelo menos uma dúzia de "homens dos ossos" estão ligados ao Federal Reserve, o banco central norte-americano, e também é controlada por membros da sociedade a riqueza dos Rockefeller, dos Carnegie e dos Ford. Outros "homens dos ossos" a alcançar destaque foram o 27º presidente dos Estados Unidos, William Howard Taft, e Henry Luce, fundador da revista *Time*.¹⁰⁰

A influência da Crânio e Ossos na comunidade de inteligência e de relações exteriores é particularmente digna de nota — há inclusive quem sustente que os "homens dos ossos" foram os responsáveis pela criação do "negócio" das informações secretas nos Estados Unidos. A relação de "homens dos ossos" ligados à Agência Central de Inteligência (CIA) é impressionante, estando entre eles o ex-presidente George H. W. Bush, que foi diretor da agência. Considerando-se a inclusão da sede da CIA no Desafio

Da Vinci — através da enigmática escultura "Kryptos" —, o fato não deixa de ser relevante.

O jornalista Ron Rosenbaum foi advertido a não ficar bisbilhotando os segredos da Crânio e Ossos, num telefonema digno dos romances de Dan Brown:

Eles não gostam que ninguém fique fuçando e bisbilhotando. O poder dos "homens dos ossos" é incrível. Eles puseram as mãos em todas as alavancas de poder do país (...), é mais ou menos como tentar investigar a Máfia.¹⁰¹

Finalmente, existe aqui um leve vestígio de *Anjos e demônios*, de Brown, pois não faltam boatos de que os "homens dos ossos" são marcados na carne com a imagem do crânio e dos ossos ao serem iniciados. Os leitores certamente se lembram de que, em *O código Da Vinci* o assassino marca Leonardo Vettra com um ambigrama dos Illuminati.

OS PRESIDENTES MORTOS

Como vimos, a sociedade relativamente pequena da Crânio e Ossos conquistou enorme poder, tendo "contribuído" com três presidentes. A maçonaria, com um número muito maior de membros, tem exercido influência ainda maior na Casa Branca. Na realidade, foi possível confirmar que pelo menos 16 presidentes norte-americanos eram maçons (à parte os três membros da Crânio e Ossos):¹⁰²

- George Washington, 1º presidente dos Estados Unidos
- James Monroe, 5º presidente dos Estados Unidos
- Andrew Jackson, 7º presidente dos Estados Unidos
- James Knox Polk, 11º presidente dos Estados Unidos
- David Rice Atchison (presidente *ex officio* por um dia)

- James Buchanan, 15º presidente dos Estados Unidos
- Andrew Johnson, 17º presidente dos Estados Unidos
- James Garfield, 20º presidente dos Estados Unidos
- William McKinley, 25º presidente dos Estados Unidos
- Theodore Roosevelt, 26º presidente dos Estados Unidos
- William Howard Taft, 27º presidente dos Estados Unidos
- Warren Harding, 29º presidente dos Estados Unidos
- Franklin D. Roosevelt, 32º presidente dos Estados Unidos
- Harry S. Truman, 33º presidente dos Estados Unidos
- Lyndon B. Johnson, 36º presidente dos Estados Unidos
- Gerald Ford, 40º presidente dos Estados Unidos.

Neste total não estão incluídas vinculações menos oficiais, como o envolvimento do ex-presidente Bill Clinton na organização da juventude maçônica, a Ordem de DeMolay, ou o título de membro honorário do rito escocês conferido ao ex-presidente Ronald Reagan.

Finalmente, retornando à questão da imagem das armas da república na cédula do dólar, há um último detalhe que merece menção a respeito do retrato do presidente George Washington no reverso. David Ovason observa que, dobrando-se a nota verticalmente ou unindo com diagonais retas o alto dos algarismos "1", vamos dar no mesmo ponto de convergência: bem no meio do olho direito de George Washington. Considerando-se que o Desafio Da Vinci na Internet terminava com a solicitação explícita de que o candidato clicasse no olho direito da Mona Lisa ("oeil droit"), este detalhe pode perfeitamente ter sido incorporado por Dan Brown ao livro *A chave de Salomão*.

CAPÍTULO 7

OS CÓDIGOS DE SALOMÃO

Como já observamos, boa parte do sucesso dos romances de Dan Brown deve-se provavelmente à inclusão de enigmas, criptogramas e códigos nos enredos. Como fã da criptografia, Brown pode ter sólidos conhecimentos da história dessa arte secreta, o que certamente lhe terá sido útil ao escrever suas histórias de suspense. A título de exemplo, ao escrever sobre Leonardo da Vinci, ele utilizou um enigma inspirado no conhecido gosto do pintor pela escrita invertida.

Se estamos certos em nossas previsões sobre o tema de *A chave de Salomão*, podemos ter certeza de que a coisa se repetirá, pois muitos dos "personagens" centrais sabidamente utilizavam ou inventaram códigos e cifras. O mesmo no que diz respeito a organizações secretas como a maçonaria, os essênios e os templários. Para não falar do fato de Brown ter incluído a escultura Kryptos da sede da CIA, em Langley, Virgínia, no desafio da Internet.

Embora Sanborn tenha inventado cifras que perduraram intactas por mais de uma década, caberia esperar a inclusão em *A chave de Salomão* de cifras um pouco mais simples. Como a história da criptografia é de crescente complexidade, começaremos com os candidatos mais recuados à inclusão no próximo livro de Dan Brown. Vamos então voltar cerca de dois mil anos.

OS ESSÊNIOS E O CÓDIGO ATBASH

Como nossa investigação sobre o conteúdo do livro incluiu os essênios como uma possibilidade, vale a pena voltar a examinar sua ligação com a criptografia. Como vimos anteriormente, o dr. Hugh Schonfield propôs que o "Baphomet" dos templários fosse decifrado com a utilização do código

criptográfico Atbash empregado pela seita dos essênios. Este código consiste numa permuta direta entre dois alfabetos hebraicos, cada um escrito numa direção diferente. Por exemplo, os estudiosos da Bíblia constataram que, aplicando o código Atbash ao misterioso lugar chamado "Scheschach", obtinha-se o nome mais familiar de "Babel".

Esta técnica é conhecida como "código de substituição mono-alfabético", e outros códigos semelhantes foram utilizados com êxito até o Renascimento. Júlio César usou uma técnica equivalente em algumas de suas mensagens cifradas (não com a língua hebraica, naturalmente), e por isso os códigos ficaram conhecidos como "transposições cesarianas". Embora não sejam muito complexas, podendo ser decifradas com facilidade por um especialista, essas transposições funcionam quando se trata de ocultar mensagens de pessoas "leigas".

Uma outra questão é saber se Dan Brown utiliza o código Atbash — ele já o explicou em *O código Da Vinci*, e portanto pode ser o caso de esperar uma novidade em seu lugar.

FRANCIS BACON

Já vimos que Sir Francis Bacon foi um político, cientista e filósofo que nutriu o ideal utópico que parece servir de fundo a nossa investigação. Mas Bacon também se interessava profundamente pela criptografia, tendo utilizado certos métodos cifrados e códigos pessoais em seus escritos. E talvez não nos devamos limitar, neste caso, aos "seus" escritos: certos pesquisadores atribuem a ele a autoria das obras de Shakespeare, com base em numerosas semelhanças.

O especialista em esoterismo Manly P. Hall dedica a Bacon alguns capítulos de seu magistral livro *The Secret Teachings of All Ages*. Um deles trata da teoria Bacon-Shakespeare e o outro investiga seus métodos

criptográficos. Boa parte de nossas informações será tirada desse livro, que remete às simpatias rosacrucianas de Bacon. E, por sinal, Dan Brown certamente tem pleno conhecimento dos códigos baconianos, pois escreve em *O código Da Vinci*:

*Langdon trabalhou a certa altura com uma série de manuscritos baconianos contendo cifras epigráficas nas quais certas codificações constituíam a chave para decifrar outras.*¹⁰³

Em *The Secret Teachings of Ali Ages*, Manly Hall enumera alguns sistemas cifrados empregados por Francis Bacon:

Códigos biliterais

A mais famosa contribuição de Bacon à criptografia é o seu "código biliteral", apresentado em *De Augmentis Scientiarum*, em 1605. Bacon considerava que as mensagens cifradas mais óbvias, nas quais o trecho não passava de um amontoado ilegível de letras, serviam apenas para estimular as pessoas a investigar mais. Para ele, ao contrário, os códigos cifrados deviam "passar despercebidos" — ou seja, a pessoa que estivesse lendo a mensagem codificada não devia ter consciência da presença de um código cifrado, a menos que tivesse algum conhecimento da técnica. Esta técnica costuma ser chamada de esteganografia.

O código biliteral de Bacon baseia-se na utilização de apenas duas letras, "a" e "b", empregadas em combinações de cinco para designar cada letra do alfabeto. Por exemplo, a letra "f" pode ser codificada como "aabba" no sistema biliteral. O código de Bacon é um dos primeiros exemplos da codificação binária que atualmente comanda o nosso mundo, através dos computadores, tendo sido também um precursor dos pontos e traços do código Morse.

A criptografia biliteral de Bacon associava esta idéia de decodificação binária a um processo de codificação de fontes, pelo qual duas fontes tipográficas diferentes seriam usadas na publicação de um manuscrito. Uma delas era a fonte "a" e a outra, a fonte "b"; e assim as "palavras" biliterais de cinco letras poderiam ser codificadas em qualquer texto a ser impresso — qualquer que fosse seu conteúdo literário — simplesmente pela manipulação das fontes. Para explicar o processo de maneira simplista, nossa fonte "a" será apresentada em caixa baixa, e a fonte "b", em caixa alta. Com isto, naturalmente, o código ficará flagrante — na utilização correta, as caixas altas e baixas são empregadas normalmente, havendo apenas diferenças sutis entre as fontes.

Em nosso exemplo, usaremos cinco combinações arbitrárias de letras para designar as letras C, D, E, O e S:

C = aaaba

D = aaabb

E = aabaa

O = abbab

S = baaab

Utilizando a frase "Francis Bacon era Shakespeare", nossa mensagem codificada seria publicada da seguinte maneira:

FRAnCIIs bAcON Era SHaKEsPEAre

O código cifrado funciona da seguinte maneira: separando a sentença em grupos de cinco letras (sobrando uma, que ignoraremos), podemos estabelecer um paralelo entre a codificação das fontes e as palavras do código biliteral:

FRAnC IsbAc ONEra SHaKE sPEAre

Aaaba abbab aaabb aabaa baaab

C O D E S

Nossa palavra codificada é, portanto, CODES. Como mencionamos anteriormente, nosso exemplo é intencionalmente óbvio. Se você quiser testar sua capacidade de observação, poderíamos ter o seguinte exemplo de utilização mais realista de duas diferentes fontes:

Francis Bacon era Shakespeare

Em *De Augmentis Scientiarum*, Bacon usou um exemplo em que até mesmo a palavra codificada era substituída por um simples código alternativo, para complicar ainda mais a seqüência de decodificação, com isso desestimulando os decifradores.¹⁰⁴

O código alquímico:

Na realidade, o código alquímico é simplesmente um código literal — ou seja, relativo à disposição ou combinação das letras do alfabeto.¹⁰⁵ Manly Hall fornece dois exemplos desse tipo de criptograma, ambos compostos de diagramas circulares associados a palavras. Lendo-se a primeira letra de cada palavra, é revelado um código secreto.

Por exemplo, um criptograma alquímico composto pelo erudito jesuíta Athanasius Kircher apresenta algumas palavras em latim girando em torno do seu perímetro circular: *Sola, Vera, Laudat, Philosophia, Homines, Veritatis, Rectae*. Se o leitor isolar a primeira letra de cada palavra, formará a palavra SVLPHVR — "sulphur" [enxofre], uma vez transposto o "V" em "u". Prosseguindo com as demais palavras do diagrama, a combinação de palavras finalmente decodificada é *Sulphur Fixum Est Sol*, ou "enxofre rígido é ouro" — definitivamente, uma frase alquímica, que por isso merece ser ocultada de "olhos profanos". Esta técnica é semelhante ao "acróstico", pelo qual a primeira letra das linhas de um manuscrito revela uma mensagem oculta.

Constatamos aqui uma relação com o anagrama MASON encontrado nas armas da República americana (VER PÁGINA 118). A superposição geométrica do Selo de Salomão nas armas norte-americanas revela o anagrama do texto recurvado "para quem tem olhos de ver": MASON.

Códigos pictóricos:

Manly Hall define os códigos pictóricos como "qualquer imagem ou desenho que não se limita aos significados óbvios", incluindo entre eles os diagramas dos alquimistas.¹⁰⁶ Eles podem assumir muitas formas — o número de tijolos numa parede, as dobras da roupa de uma pessoa, a posição dos dedos, estruturas em forma de letras (como o suposto "M" encontrado na *Última ceia*).

Um desses códigos cifrados era formado pelas iniciais "AA", encontradas em certos diagramas e vinhetas rosa-cruzes, inclusive em certas obras de Shakespeare, e que têm especial significado para os seguidores da tradição rosa-cruz. Também pode ser encontrado em algumas obras filosóficas de Bacon. Outro código pictórico favorito de Bacon era, muito adequadamente, a imagem de um porco.

Códigos numéricos:

O código mais simples é aquele em que as letras do alfabeto são substituídas pelos números correspondentes: A = 1, B = 2, C = 3 etc. No sistema baconiano, o "I" e o "J" equivalem a 9, e "U" e "V" correspondem ao 20. Em nosso caso, a palavra-chave CODES seria transformada em 3-14-4-5-18. A palavra poderia ser tornada ainda mais obscura pela inserção de um número predeterminado de caracteres sem significado — por exemplo, inserindo-se um número "falso" entre cada um dos números reais: 3-2-14-20-4-8-5-10-18.

Nesse sistema, palavras importantes também poderiam ser reconhecidas através de um único número: a soma dos componentes. Por exemplo, utilizando nossa palavra-chave CODES, temos $3 + 14 + 4 + 5 + 18 = 44$. Estamos aqui, naturalmente, usando a versão mais simples do código numérico — tabelas de correspondência entre letras e valores numéricos arbitrários podem ser utilizadas para formular um código mais complexo.

Manly Hall assinala que os autores de criptogramas também podem criar uma "assinatura numérica" a partir do valor numérico de seus próprios nomes.¹⁰⁷ Por exemplo, diz-se que Francis Bacon teria usado com regularidade o número 33 — o equivalente numérico de "Bacon". Assim, o autor de uma mensagem codificada pode "assinar" sua obra com uma alusão, como um erro muito flagrante no número de página específico, ao número da palavra ou à combinação de ambos.

Bacon também utilizava o número 287 como motivo pessoal. Em seu livro *Advancement of Learning* [O progresso do conhecimento], encontramos 287 letras no frontispício, 287 letras na página de dedicatória e 287 letras na página de número 215 — que está numerada erradamente, sendo na realidade a página 287.¹⁰⁸

CABALA E MÁGICA

Sabe-se que tanto os rosa-cruzes quanto os maçons foram influenciados pelo sistema de misticismo judaico conhecido como cabala. O código numérico mencionado antes tem suas origens na técnica cabalística da gematria. Os místicos hebreus viam grandes verdades nos equivalentes numéricos das palavras, considerando inclusive que a soma de duas palavras que equivalesse a uma terceira configuraria uma relação definitiva. Por exemplo, as palavras hebraicas *aheva* ("amor") e *echod* ("um") são numericamente equivalentes, na gematria, ao número 13.0 nome de Deus, *YHVH*, ou *Jeová*, é igual a 26. Desse modo, Deus = um amor.¹⁰⁹

Uma outra técnica, notarikon, é um sistema para criar uma palavra a partir dos componentes de um grupo de palavras. Muitos dos acrônimos modernos encaixam-se basicamente nesse sistema (à parte, naturalmente, a utilização da língua hebraica). Um bom exemplo da notarikon é uma palavra bíblica conhecida da maioria das pessoas: "amém", que vem a ser uma mistura de três outras palavras: *Al*, *Melech* e *Neh-eh-mahn* (A.M.N.), que significam "Deus é nosso fiel rei".¹¹⁰

O terceiro método cabalístico a ser mencionado chama-se temurah. Trata-se basicamente de um código de pura e simples substituição, sendo as letras transpostas para caracteres correspondentes de acordo com um sistema preestabelecido.¹¹¹ O código Atbash é um dos métodos do sistema temurah.

Finalmente, devemos tratar rapidamente de uma última técnica de codificação de palavras em forma gráfica, a qual, em vez de servir como criptograma, foi na realidade usada na mágica talismânica. Embora possa parecer um pouco fora de propósito tratar de um sistema de magia em nossa investigação, basta mencionar o título de nossa principal obra de referência sobre a magia talismânica para entender a relevância no caso: *Clavicula Salomonis*, ou "A chave de Salomão".

Este livro foi reconstituído pelo escritor ocultista S. Liddell Macgregor Mathers, em 1888, a partir de manuscritos encontrados no Museu Britânico. Em seu prefácio, ele afirma não ter motivos para duvidar da atribuição desse sistema mágico ao rei Salomão, observando que o historiador judeu Josefo reconheceu que Salomão era versado em práticas ocultistas. O livro começa da seguinte maneira:

Todos sabem nos dias de hoje que desde tempos imemoriais Salomão detinha conhecimentos inspirados pelos sábios ensinamentos de um anjo. (...) Chegando ao fim da vida, ele entregou ao filho Roboão um testamento que deveria conter toda (a sabedoria) por ele reunida antes da morte. Os rabinos,

que se empenharam depois dele em cultivar (o mesmo conhecimento), deram a seu testamento o nome de Clavicula ou Chave de Salomão, fazendo-o gravar em cascas de árvores, enquanto os Pentagramas eram inscritos em letras hebraicas em lâminas de cobre, para que fossem cuidadosamente preservados no templo que aquele sábio rei mandara construir.¹¹²

A *chave de Salomão* informa que esses pentagramas com desenhos astrológicos de poderes mágicos são criados mediante sobreposição das letras de um nome, através de correspondências numéricas, num quadrado mágico (um quadrado em que cada fileira ou coluna de números redonda na mesma soma).

Muitos livros têm sido escritos sobre a criação de talismãs e desenhos astrológicos de poderes mágicos, mas nos limitamos aqui a mencionar o tema de passagem, dada a possibilidade de que seja utilizado por Dan Brown em *A chave de Salomão*.

Manly Hall afirma em *The Secret Teachings of Ali Ages* que era sabido que os maçons utilizavam alfabetos secretos, entre eles as escritas "angelical" e "celestial". Todavia, um desses alfabetos secretos veio a ser tão utilizado pela confraria que passou a ser conhecido como o código maçônico. Também chamada jogo-da-velha, essa técnica foi amplamente utilizada pelos maçons no século XVIII, para manter em segredo a correspondência privada. O código maçônico substitui cada letra por um símbolo, sendo este símbolo uma referência ao local onde a letra se encontra no "jogo-da-velha". Duas letras são colocadas em cada espaço da grade, sendo a segunda delas designada ao mesmo tempo pela forma das linhas que delimitam sua localização e por um ponto.

Observe-se que existem muitas maneiras de distribuir as letras no jogo da velha, de modo que cada uma delas pode ser codificada diferentemente. As duas mais comuns são o "método inglês", no qual as letras são posicionadas nos devidos espaços em duplas ("ab", "cd" etc), e o

"método americano", que percorre o alfabeto de "quadrado" em "quadrado" (formando, assim, quadrados como "an""bo"etc).

Dan Brown também conhece o código maçônico, que foi utilizado num desafio em seu *site* na Internet.¹¹³

O CÓDIGO GIRATÓRIO DE JEFFERSON

Como Benjamin Franklin, Jefferson também foi um arguto inventor. Na época em que exercia as funções de secretário de Estado dos EUA, na presidência de George Washington, Jefferson criou um método de codificação cifrada. Como na época não se podia contar com muita segurança com os correios, era importante encontrar meios de garantir o segredo em comunicações a respeito das questões de Estado. A idéia de Jefferson consistiu em codificar as mensagens utilizando um "código giratório".

Sua invenção consistia em 26 discos de madeira furados no meio, cada um com cerca de meia polegada de espessura, sobrepostos em torno de uma haste de ferro (para visualizar, imagine uma pilha de CDs presos por uma haste... com a diferença de que os CDs são muito mais finos). O inteiro alfabeto inglês (de 26 letras) era inscrito na borda de cada disco em ordem aleatória. Girando cada disco até formar, letra por letra, a primeira mensagem a ser enviada, podia-se escolher 25 outras disposições de letras sem sentido para transmissão em segurança.¹¹⁴

Alguém que dispusesse de discos e letras ordenados da mesma forma podia então formar a frase sem sentido na roda decodificadora, percorrendo os discos em busca da verdadeira mensagem.

Além do "código giratório de Jefferson", o terceiro presidente dos Estados Unidos também usava o conhecido método Vigenère de codificação

de mensagens. Se o próximo romance de Dan Brown realmente tiver os Pais Fundadores como tema, certamente existe uma boa possibilidade de que seja mencionada a utilização de códigos por parte de Jefferson.

JAMES SANBORN

Em *Anjos e demônios*, Dan Brown recorreu ao artista plástico John Langdon para ilustrar o livro com motivos característicos chamados "ambrigramas". Os ambigramas de Langdon são palavras concebidas de tal maneira que podem ser lidas de cabeça para baixo. Nos agradecimentos do livro, Brown o elogia por ter aceitado "meu desafio impossível" — e levou seu reconhecimento a ponto de dar ao personagem principal o sobrenome do artista.

Pode ser que Brown esteja trabalhando de forma semelhante com o artista James Sanborn nos preparativos de *A chave de Salomão*. Como vimos no início do livro, Sanborn é o autor da enigmática escultura "Kryptos", que se encontra na sede da CIA, em Langley, Virgínia. Não só a escultura é mencionada no Desafio Da Vinci como circulam na Internet boatos de que Brown está trabalhando estreitamente com Sanborn para o lançamento de *A chave de Salomão*.

Em primeiro lugar, considerando-se a localização da escultura Kryptos e o fato de que Sanborn trabalha fora de Washington, Brown pode estar pretendendo usar uma de suas esculturas criptográficas na ambientação do livro. Pode ser até que tenha encomendado uma nova escultura a ele expressamente para *A chave de Salomão*, o que garantiria grande publicidade — num caso da transformação da ficção em realidade.

Em segundo lugar, se Brown efetivamente empregar a escultura Kryptos no livro, poderá utilizar as misteriosas mensagens que dela foram decodificadas na construção de sua história. Por exemplo, podemos ler no

terceiro trecho decifrado:

*Lentamente, com desesperadora lentidão, o entulho que se acumulava na parte inferior do vão da porta foi removido. Com as mãos trêmulas, eu abri uma brecha minúscula no canto superior esquerdo. Em seguida, aumentando um pouco essa abertura, aproximei a vela e dei uma espiada. O ar quente que vinha do interior fez com que a chama vacilasse, mas já agora era possível distinguir na bruma detalhes do aposento do outro lado. Está vendo alguma coisa?*¹⁵

Esta mensagem parece ser uma paráfrase das anotações feitas por Howard Carter em seu diário em 26 de novembro de 1922 — o dia em que descobriu a tumba do faraó Tutancâmon ("rei Tut"), em Luxor, no Egito.¹⁶ A referência a câmaras secretas e a vinculação com o Egito são o tipo do tema que funcionaria bem em *A chave de Salomão*.

Finalmente, se James Sanborn estiver envolvido na concepção do próximo romance de Dan Brown, podemos pelo menos esperar que os códigos que venha a criar sejam um pouco mais fáceis que a escultura Kryptos. A última mensagem cifrada contida em Kryptos levou 13 anos para ser decifrada...

O RESTO

Mais uma vez, cabe notar que estamos tentando prever os temas que podem ser tratados por Dan Brown, mas, como autor de ficção, ele pode recorrer às fontes que bem quiser, e mesmo inventar as suas. Naturalmente, não podemos explorar todos e cada um dos dispositivos criptográficos suscetíveis de serem usados pelo autor. Mas pelo menos temos a possibilidade de perscrutar certos temas correlatos que também podem aparecer no romance.

Para começo de conversa, Brown certamente tem códigos preferidos, pelo menos quando se trata de propor enigmas a seus leitores. Utilizados em seus romances e nos desafios da Internet, eles são em geral bastante simples. Por exemplo, ele usou a técnica da "caixa cesariana", e também costuma recorrer a anagramas. Podemos esperar, portanto, que técnicas semelhantes sejam usadas em *A chave de Salomão*.

Se estivermos certos em nossas previsões, existem ainda outros códigos numéricos que surgem como possibilidades. Considera-se que tanto Francis Bacon quanto a maçonaria usaram o número 33 como "assinatura", ao passo que os membros da organização Crânio e Ossos aparentemente usam o número 322 como motivo pessoal.

Mas existem muitos outros números importantes. Por exemplo, o 13 desempenha um papel importante no simbolismo das armas nacionais norte-americanas e da maçonaria, sendo também o dia do ataque de Felipe aos templários. Já o número 32 associa o rito escocês da maçonaria à cabala e ao taro. Em *Talisman*, Hancock e Bauval citam a afirmação do escritor Charles Sumner Lobingier — maçom do 33º grau do rito escocês e historiador da Grande Assembléia maçônica de Washington — de que, nos 32 "caminhos da sabedoria" da cabala, "indubitavelmente temos a origem do número de graus estabelecido pela Grande Constituição do rito escocês." ¹¹⁷

Se o tema for estendido aos rosa-cruzes, este simbolismo numérico também poderia ser aplicado a curiosos enigmas que parecem feitos sob encomenda para uma história de suspense de Dan

Brown. No documento rosa-cruz *The Chymical Wedding* [O matrimônio químico], encontramos uma série de enigmas alfabéticos baseados em códigos numéricos. Por exemplo:

Meu nome contém cinco e cinqüenta, e no entanto tem apenas oito letras.

O cientista Leibniz, nascido no século XVII, teria solucionado este enigma usando o método cabalístico da gematria, propondo como resposta ALCHIMIA (alquimia)."⁸ Se os rosa-cruzes vierem a desempenhar um papel em *A chave de Salomão*, enigmas lingüísticos como este podem ser de grande ajuda para Brown.

Se a fraternidade Crânio e Ossos também aparecer no romance, poderá haver a utilização de nomes clássicos na identificação dos protagonistas. Este aspecto da sociedade Crânio e Ossos é semelhante ao emprego de nomes codificados por parte dos Illuminati Bávaros: Adam Weishaupt usava o pseudônimo Spartacus, o barão von Knigge era Philo, a sede que utilizavam era chamada de Eulesis. Dan Brown deu a entender em *Anjos e demônios* que tinha conhecimento disso, pois o vilão do romance usava o pseudônimo Janus para entrar em contato com o matador profissional que contratou, Hassasin. Por sinal, tratava-se de um pseudônimo bem adequado ao vilão, pois Janus era um deus romano de duas faces.

Depois da dissolução da sociedade dos templários, há quem afirme que a organização voltou a ser formada por Jean-Marc Lar-menius. Existe um documento, conhecido como Carta Larmenius, que parece conter uma relação de grãos-mestres templários posterior à morte de Jacques de Molay. O documento foi redigido em latim cifrado, sendo utilizado um alfabeto secreto para a codificação.¹¹⁹ Levando em conta sua origem, ele pode ser considerado digno de inclusão por Brown — embora seja muito mais provável que ele recorra ao código maçônico.

Se os Illuminati aparecerem em mais esse romance protagonizado por Robert Langdon, outro código cifrado que pode ser utilizado é o "Código dos Illuminati" descrito por Akron Daraul (pseudônimo de Idries Shah) em seu livro *A History of Secret Societies* [Uma história das sociedades secretas]. Este código ganhou certo destaque graças a Robert Anton Wilson, que o

incluiu em algumas ilustrações de seu best-seller *Gatilho cósmico*.¹²⁰

Finalmente, seria perfeitamente natural que os enigmas criados por Dan Brown para *A chave de Salomão* recorram a simbolismos egípcios, rosa-cruzes e maçônicos. Afinal de contas, o personagem central, Robert Langdon, é um "simbologista". Não estaria no escopo deste livro examinar toda a vasta iconografia dessas tradições, mas existem alguns motivos óbvios:

- O Selo de Salomão
- O esquadro e o compasso maçônicos
- As colunas gêmeas de Booz e Jaquin
- Crânio e Ossos
- A pirâmide
- O olho-que-tudo-vê
- O pentagrama
- A cruz rosada

Será interessante verificar até onde acertamos!

CAPÍTULO 8

OUTROS TEMAS

Ao longo de nossa investigação, previmos os temas que serão tratados em *A chave de Salomão* com base sobretudo em declarações e indicações fornecidas pelo próprio Dan Brown em seu *site* na Internet. Entretanto, uma vez expostos esses temas principais — a maçonaria, os Pais Fundadores, Kryptos —, surgem certos tópicos correlates. Embora seja difícil prever se Dan Brown efetivamente os usará em *A chave de Salomão*, vale a pena mencionar brevemente alguns deles aqui, pois no mínimo parecem dignos de inclusão no romance a ser publicado. Vamos então dar uma rápida olhada em alguns desses temas.

OS JESUÍTAS

Já examinamos muitos aspectos que poderão integrar o conteúdo de *A chave de Salomão*, mas ainda não tratamos do possível vilão. Em *O código Da Vinci*, o papel era desempenhado pelo albino Silas, um agente do Opus Dei. Embora o vilão do romance simplesmente usasse o Opus Dei para alcançar seus objetivos, Dan Brown recorria com bons resultados aos aspectos negativos d.i ordem — por exemplo, a mortificação corpórea — para falar do "lado sombrio" da Igreja Católica.

Se recorrer à mesma fórmula na continuação de *O código Da Vinci*, Brown poderá sentir-se tentado a usar a Companhia de Jesus — a ordem dos jesuítas — como vilã. Pois o fato é que, não obstante a bela reputação conquistada por esta ordem católica na ação missionária, caritativa e na educação, certos pesquisadores também afirmam que sob esta capa existe um panorama sombrio. E alguns de seus aspectos certamente serviriam

perfeitamente a um enredo de suspense de Dan Brown, especialmente se levarmos em conta que os jesuítas também se teriam oposto à maçonaria ao longo da história.

A Companhia de Jesus é uma ordem católica fundada em 1534 por um estudante da Universidade de Paris chamado Inácio de Loyola, em reação à Reforma protestante. Loyola e seu pequeno grupo fizeram voto de castidade e pobreza, dedicando-se integralmente à missão católica. Receberam aprovação do papa em 1537, sendo por isso ordenados padres.

Os membros da ordem jesuítica seguem uma Constituição, documento que estabelece os parâmetros de uma organização de padres totalmente obedientes ao papa. Certos pesquisadores da "história alternativa" afirmam que é nessa devoção ao papa que vamos encontrar o aspecto mais sombrio da Companhia de Jesus, pois certos juramentos supostamente prestados pelos jesuítas estimulariam uma espécie de "vale tudo" na defesa do catolicismo. Numa cerimônia conhecida como "juramento extremo" (sobre a qual devemos reconhecer existirem poucas provas substanciais), o superior da ordem supostamente diria as seguintes palavras ao iniciado:

*Meu filho, daqui por diante deveras agir com dissimulação: ser um católico entre os católicos e um espião até mesmo entre teus irmãos; não acreditar em ninguém, não confiar em ninguém. Entre os adeptos da Reforma, ser um reformado; (...) entre os calvinistas, ser um calvinista; entre os demais protestantes, ser sempre um protestante, e, conquistando sua confiança, buscar até pregar de seus púlpitos, denunciando com toda a veemência de que for capaz nossa santa religião e o papa; e rebaixar-se inclusive a ser um judeu entre os judeus, para estar em condições de reunir toda informação possível em benefício de nossa ordem, como um fiel soldado do papa.*¹²¹

Esta suposta missão de se infiltrar em outras culturas e grupos religiosos levou à acusação de que os jesuítas efetivamente o fizeram com os

maçons e os Illuminati no século XVIII (curiosamente, Adam Weishaupt fora jesuíta). Apesar de serem muito incipientes as provas neste sentido, efetivamente temos aqui um elo possível entre o mais recente tema romanesco de Dan Brown e os jesuítas. O que também permitiria a Brown utilizar na trama a insinuação de que determinado grupo, no caso, a maçonaria, é acusado de crimes, quando na realidade se tratava de um jesuíta infiltrado tentando promover o caos. Prossegue o suposto juramento extremo:

*Toste orientado a plantar insidiosamente as sementes da inveja e do ódio entre as comunidades, as províncias e os estados que estavam em paz, incitando-os ao derramamento de sangue, envolvendo-os em guerras e gerando revoluções e guerras civis em países que eram independentes e prósperos.*²²

Considerando-se a preferência de Brown por assassinos religiosos (que aparecem em ambos os romances protagonizados por Robert Langdon, um deles islâmico, o outro do Opus Dei), encontramos no suposto juramento extremo um trecho com farto material para a criação de um outro personagem segundo o mesmo modelo:

Não terei opinião nem vontade própria, nem qualquer tipo de reserva mental, nem mesmo como cadáver, e obedecerei sem hesitação a toda ordem que receber de meus superiores na milícia do papa e de Jesus Cristo. (...) Prometo e declaro também que, sempre que surgir a oportunidade, combaterei sem trégua todos os heréticos, seja aberta ou secretamente. (...) Enforcarei, destruirei, queimarei, estrangularei e enterrarei esses heréticos infames, arrancarei os estômagos e úteros de suas mulheres e esmagarei as cabeças de seus filhos contra a parede, para aniquilar para sempre essa raça execrável.^m

Não importa para Brown se o juramento extremo efetivamente é observado modernamente pela Companhia de Jesus ou se os jesuítas

realmente adotam tais práticas. Como vimos, seus livros anteriores baseiam-se em acusações e presunções encontradas em pesquisas de "história alternativa", e como se trata de livros de ficção, ele tem um certo grau de licença poética para improvisar em torno desses temas — sejam autênticos ou não. Certos autores também sustentam que os jesuítas têm atuado como assassinos políticos, de modo que devemos reiterar aqui que o enredo de *A chave de Salomão* deve girar em torno do assassinato de vários dirigentes políticos da atualidade por alguém ligado à maçonaria. ^m Tratando-se dos Pais Fundadores, veja-se esta carta de John Adams, o segundo presidente dos Estados Unidos, a Thomas Jefferson, a respeito da Companhia de Jesus, que acabara de ser reformada pelo papa:

*O restabelecimento dessa ordem é um passo em direção às trevas, à crueldade, à perfídia, ao despotismo, à morte. (...) Não me agrada o ressurgimento dos jesuítas. (...) Não teremos acaso entre nós revoadas permanentes deles, sob uma variedade de disfarces digna de um rei dos ciganos, apresentando-se como gráficos, editores, escritores e professores? Se jamais existiu um conjunto de homens merecedor da danação na Terra e no inferno, terá sido esta companhia de Loyola. Todavia, somos forçados por nosso sistema de tolerância religiosa a oferecer-lhes abrigo?*²⁵

Duas questões relevantes antes de encerrar: primeiro, um dos maiores espíritos científicos e criptográficos do século XVII foi o padre jesuíta Athanasius Kircher. Segundo, a Universidade de Georgetown, em Washington, é uma instituição jesuíta.

A ILHA DO CARVALHO

A ilha do Carvalho fica na baía de Mahone, Nova Escócia, no Canadá. É famosa por abrigar supostamente um tesouro que ninguém consegue encontrar, depois de dois séculos de exploração. Conta-se que, em 1795, um adolescente descobriu na ilha uma depressão circular com uma árvore, da

qual pendia um sistema de roldanas. O adolescente chamou amigos para cavar na depressão e encontrou uma camada de lajes, e logo uma camada de toras de madeira a cada três metros. Ao chegar à profundidade de nove metros, eles desistiram, mas retornaram oito anos mais tarde, tendo constituído um grupo com o objetivo expresso de recuperar o que quer que lá encontrassem. Prosseguiram escavando até chegar à profundidade de aproximadamente 40 metros, encontrando carvão, argila e folhas de coqueiro respectivamente a 12, 15 e 18 metros de profundidade.

Nessa altura da escavação, foi feita uma estranha descoberta: uma pedra recoberta por sinais parecendo símbolos desconhecidos. O poço também se encheu subitamente de água até aproximadamente a altura da marca dos nove metros de profundidade. Constatou-se posteriormente que a água provinha de um túnel de 150 metros de comprimento que ligava o poço a uma enseada próxima.

A partir daí a história torna-se repetitiva, com sucessivas tentativas de vários grupos de recuperar o "tesouro" perdido, deparando-se todos com novas enchentes no poço. Seis pessoas morreram fazendo escavações na ilha do Carvalho. Um dos raros êxitos nessas tentativas foi obtido pela "Aliança do Trítion", que em 1976 escavou um poço de 40 metros de profundidade, descendo por ele uma câmera. Supostamente teriam visto arcas, ferramentas e uma mão humana. Mas o poço desmoronou e o projeto foi abandonado.¹²⁶

O que seria o "tesouro" da ilha do Carvalho? Existem muitas teorias, mas uma delas especialmente é relevante para os temas tratados em *A chave de Salomão*, de Dan Brown. Há quem afirme que é o antigo tesouro dos templários, retirado da França antes do ataque do rei Felipe e trazido à América nas embarcações perdidas da frota dos templários. Cabe notar, contudo, que isto significa que os templários teriam chegado à América mais de 150 anos antes de Colombo.

Encontramos também uma ligação com a Capela de Rosslyn: existe uma história, conhecida como a Narrativa de Zeno, segundo a qual Henry Sinclair — avô do fundador da Capela Rosslyn, William St. Clair — navegou até a Nova Escócia com um navegador italiano chamado Antônio Zeno. Esta viagem teria ocorrido em 1398, quase um século antes de Colombo. Os adeptos desta teoria citam as representações do milho entalhadas na Capela Rosslyn, numa época em que a planta originária do Novo Mundo ainda não era conhecida na Grã-Bretanha, assim como a chamada gravura do "Cavaleiro de Westford" existente em Massachusetts — que supostamente retrataria um cavaleiro templário.

Por que motivo, então, os templários ou Sinclair teriam feito a viagem? Há quem afirme que foi simplesmente para transferir o tesouro dos templários de Paris. Outros sustentam que foi para fazer a transferência do "Santo Graal", os documentos religiosos encontrados pelos Cavaleiros Templários em Jerusalém. E existe também a teoria de que se tratava de "missões de exploração", na tentativa de encontrar uma nova terra onde a utopia dos templários pudesse ser construída.

Do ponto de vista dos céticos, Joe Nickell observou que a história da ilha do Carvalho é em grande parte maçônica. Em artigo publicado em *Skeptical Inquirer*, Nickell assinalou que muitos daqueles que participaram das escavações em busca do "dinheiro do poço" eram maçons ou tinham ligações com a confraria. À parte isso, contudo, o "mito" da ilha do Carvalho tem certo paralelismo com a história da "caverna secreta" encontrada na maçonaria do arco real, e também com o mistério do tesouro dos "Documentos de Beale", na Virgínia.¹²⁷ Ele considera que certos elementos da história foram desenvolvidos para se adaptar à mitologia maçônica. Por sinal, quem viu o filme *A lenda do tesouro perdido* pode ter interesse em saber que o mistério de Beale tem a ver com um código inscrito na Declaração de Independência...

Um último ponto digno de nota: o ex-presidente dos EUA Franklin Delano Roosevelt, maçom do 32º grau, participou da caça ao tesouro na ilha do Carvalho em 1909, com o grupo "Resgate do Ouro Velho", e teria acompanhado até o fim da vida as notícias sobre as escavações no local.¹²⁸

Todavia, não obstante todo o fascinante material sobre a ilha do Carvalho passível de ser incorporado ao enredo de *A chave de Salomão*, Brown pode resolver não utilizá-lo por causa do lançamento, no fim de 2004, do mencionado filme *A lenda do tesouro perdido*, estrelado por Nicholas Cage. O filme desenvolve alguns dos temas do próximo romance de Brown, entre eles os Pais Fundadores e o olho-que-tudo-vê, além da descoberta do lendário tesouro dos templários numa câmara subterrânea secreta. Ironicamente, na época do lançamento, muita gente acusou o filme de ser uma cópia de *O código Da Vinci* — mas o fato é que ele já estava sendo produzido quando o livro se tornou um enorme sucesso.

ALBERT PIKE E A KU KLUX KLAN

No interior da Casa do Templo, em Washington, encontra-se o corpo do general confederado Albert Pike. Esta grande honraria dá testemunho da contribuição de Pike ao rito escocês, na Jurisdição do Sul — ele concebeu o ritual, tendo sido o grande comendador soberano do grupo de 1859 até morrer, em 1891.

Advogado e editor de jornais, Pike também escreveu alguns livros sobre a maçonaria. O mais conhecido deles é *Morais and Dogma*, que se destinava a servir de complemento aos rituais por ele concebidos para a jurisdição do sul do rito escocês. O conteúdo consiste em comentários e digressões sobre culturas antigas e religiões comparadas, e o livro foi dado a cada iniciado que entrava para o 14º grau. Cabe notar que uma das seções do livro de Pike diz respeito às semelhanças entre os mitos e a iconografia da deusa egípcia Isis e a posterior tradição mariana do cristianismo.

Morais and Dogma conquistou grande reputação entre os adeptos da teoria da conspiração e os adversários da maçonaria, em grande parte devido ao escritos fraudulentos de um francês que adotou o pseudônimo de Léo Taxil (seu verdadeiro nome era Gabriel Pagès). Depois de escrever uma série de panfletos contra o catolicismo, Taxil voltou-se para a maçonaria, interessando-se em especial por Albert Pike. Ele sustentava, fraudulentamente, que Pike era cultor de Lúcifer, chamando-o de "sumo pontífice da maçonaria universal". Taxil alegava que existia uma seita ultra-secreta de maçons chamada Palladium. Em 1897, todavia, ele revelou que seus escritos eram mistificações. Talvez não seja irrelevante o fato de Taxil ter sido formado pelos jesuítas.

Em muitas partes de *Morais and Dogma*, contudo, fica evidente que Pike tinha grande interesse no ocultismo, e seus escritos sobre a "filosofia luciferiana" certamente terão contribuído muito para alimentar as teses dos adversários da maçonaria. É importante observar, entretanto, que a reverência de Pike pela idéia de Lúcifer não remetia ao conceito cristão de diabo, e sim à definição clássica de busca da luz, ou do conhecimento. Os romanos antigos davam à estrela matutina, Vênus, o nome de Lúcifer: literalmente, "aquela que reluz".

Pike aparentemente também acreditava numa "hierarquia do conhecimento", tendo escrito com desdém sobre a maçonaria azul (os três primeiros graus). Por exemplo:

Os graus azuis não passam do pátio ou pórtico externo do templo. Ali estão exibidos alguns dos símbolos para o iniciado, mas ele é intencionalmente desorientado através de interpretações falsas, (...) a explicação autêntica é reservada aos adeptos, os príncipes da maçonaria. (...) A maçonaria é a verdadeira esfinge, enterrada até a cabeça nas areias acumuladas ao seu redor pelos séculos.

Os escritos de Pike deixam claro que ele se interessava profundamente pela cabala e outras correntes do pensamento hermético. Como observamos anteriormente, o historiador da jurisdição sul do rito escocês considera que os 32 graus do ritual da ordem baseiam-se nos "32 caminhos da sabedoria" da cabala. Pike também se alinhava com as idéias anticatólicas de muitos dos ocultistas e cientistas medievais:

A maçonaria é a busca da luz. Esta busca conduz-nos diretamente de volta à cabala, como podem ver. Nesta antiga e pouco compreendida mistura de absurdo e filosofia, o iniciado encontra a origem das doutrinas; e pode, com o tempo, chegar a entender os filósofos herméticos, o alquimista, todos os pensadores antipapistas da Idade Média...

Além dessas filosofias controvertidas, contudo, Albert Pike também se envolveu em outro debate muito mais estranho. Em 1993, um grupo solicitou ao conselho do distrito de Colúmbia que removesse a estátua de Albert Pike que se encontra na praça do Judiciário, em Washington. A solicitação baseava-se no fato de Albert Pike ser um dos fundadores da famigerada Ku Klux Klan.

A Ku Klux Klan que hoje conhecemos, com suas imagens de cruzes em chamas, capuzes brancos e turbas mobilizadas para linchar, é na realidade a terceira manifestação de um grupo fundado inicialmente no Tennessee, em 1865, depois do fim da Guerra Civil norte-americana. Os veteranos confederados que criaram originalmente a organização tinham objetivos específicos: assistir as viúvas e os órfãos de confederados da guerra, opor-se à concessão de direitos eleitorais aos negros e resistir a outras "imposições" a estados do sul durante a Reconstrução.

Mas o grupo acabou ficando conhecido pelo emprego da violência para alcançar certos objetivos, e em 1871 o presidente Ulysses S. Grant assinou a Lei do Klan, autorizando o uso da força para pôr fim aos atos terroristas da organização. Esta lei assinalou o fim do Klan original, que, no

entanto voltaria a surgir em meio à insatisfação que fermentava no início do século XX.

A segunda encarnação da KKK manifestou-se durante a Primeira Guerra Mundial, tendo alcançado êxito muito maior. Muitos brancos que viviam em condições de pobreza foram atraídos para o grupo pela propaganda sustentando que suas condições de vida eram causadas pelos negros, judeus, católicos e estrangeiros. A organização se dizia influente nos mais altos círculos do governo, tendo supostamente arregimentado o ex-presidente Warren Harding e quase atraído também o ex-presidente Harry Truman (um maçom do 33º grau). Em seu apogeu, a KKK chegou a reunir cerca de quatro milhões de membros.

A mais recente organização a usar o nome de Ku Klux Klan só seria fundada depois da Segunda Guerra Mundial, tendo sido criada basicamente em resposta ao movimento de promoção e defesa dos direitos civis que surgia na época. Embora tenha pontos em comum com a KKK original, como o desejo de segregar as raças, trata-se na realidade de um grupo muito diferente. Desse modo, qualquer tentativa de desacreditar Pike por seu suposto envolvimento na KKK original não merece ser levada a sério, pois devemos ter em mente que suas idéias eram compartilhadas na época pela maioria dos habitantes dos estados do sul (o que certamente não justifica esta filosofia). Vale notar também que Pike foi um dos primeiros defensores dos direitos dos norte-americanos nativos.

Mas será que ele sequer chegou a se envolver com a Ku Klux Klan original? O único elo entre ele e o grupo é estabelecido pelos escritos de certos historiadores adeptos da confederação na virada do século. Não existe qualquer prova direta de que ele tenha participado da fundação do grupo, e devemos lembrar que esses historiadores tendiam a glorificar o papel da confederação, inclusive no que dizia respeito à Ku Klux Klan.

Existe, todavia, uma estranha história que liga Albert Pike à primeira encarnação da KKK. Quando foi dissolvido o grupo anticatólico dos "Sabe-Nada" — responsável pelo roubo da "Pedra do Papa" no monumento em Washington —, um de seus membros criou uma nova organização. A "Cavaleiros do Círculo Dourado" foi criada por um "sabe-nada" de Virgínia chamado George Bickley em 1856, embora haja quem alegue que foi o próprio Albert Pike quem fundou o grupo. Seu objetivo era o expansionismo norte-americano (ou, mais precisamente, sulista): um círculo com raio de cerca de 16 graus a partir de Havana, em Cuba, foi demarcado como território que deveria tornar-se parte dos Estados Unidos. Este círculo abrangia o México, a América Central e até uma parte da América do Sul. Dizem que o mal-afamado fora-da-lei Jesse James era um dos Cavaleiros do Círculo Dourado.¹²⁹

Um aspecto curioso do plano de Bickley era a utilização do número 32. Ele estabeleceu 32 assembléias da nova organização, e o próprio "círculo dourado" tinha 32 graus de diâmetro. O exército dos CCD seria composto de duas divisões de 16 mil soldados cada — no total, 32 mil. Haveria aqui alguma ligação com o general Pike? Como já observamos, os 32 graus normais da maçonaria do rito escocês, concebidos por Albert Pike, seriam baseados nos 32 caminhos da sabedoria da cabala.

Em seu livro *Shadow of the Sentinel* [A sombra da sentinela], Bob Brewer e Warren Getler relatam como os Cavaleiros do Círculo Dourado acumularam fortuna mediante vários expedientes, explicando que tratavam de manter oculto o tesouro quando o grupo precisava entrar para a clandestinidade. As informações sobre o paradeiro do tesouro eram ocultadas numa série de complexas cifras, à espera de serem resgatadas pelos iniciados quando chegasse o momento oportuno. Certamente temos aqui material de primeira para um enredo de Dan Brown, embora não saibamos se ele tem conhecimento desse obscuro episódio histórico.

Há quem sustente que os Cavaleiros do Círculo Dourado acabaram dando origem à Ku Klux Klan original. Existem indicações factuais neste sentido: eles compartilhavam muitos objetivos, derivavam em ambos os casos do idealismo confederado, e "Ku Klux" vem da palavra grega *kyklos*, que significa "círculo". Observe-se também que os sabe-nada, os Cavaleiros do Círculo Dourado, a maçonaria de rito escocês de Pike e a Ku Klux Klan compartilhavam a mesma aversão ao catolicismo. Muitos maçons integraram a segunda encarnação da Ku Klux Klan, o que levou os líderes da maçonaria a se distanciarem deliberadamente de qualquer filiação oficial à organização.

A desconfiança em relação à Igreja Católica por parte dos maçons do rito escocês teve prosseguimento na história recente. Em 1960, o soberano grande comendador do rito escocês, na jurisdição do sul, escreveu um artigo sobre a possível eleição de John Fitzgerald Kennedy, um católico, para a presidência dos Estados Unidos. O artigo foi publicado na edição de fevereiro de 1960 da publicação maçônica *New Age*.

A hierarquia da Igreja Católica romana é a única responsável por eventuais manifestações de intolerância nos Estados Unidos. (...) a dupla lealdade dos católicos norte-americanos constitui atualmente um perigo para nossas instituições livres. (...) Não deveria haver, entre cidadãos norte-americanos, qualquer hipótese ou suspeita de lealdade a uma potência estrangeira, mas, no caso do cidadão católico romano, esta Igreja é a guardiã de sua consciência, afirmando que deve obedecer a suas leis e decretos, ainda que estejam em conflito com a Constituição e as leis dos Estados Unidos.

Os adeptos mais fervorosos da teoria da conspiração aproveitaram esta declaração, juntamente com o número relativamente grande de maçons envolvidos nas investigações sobre o assassinato de John Kennedy, para elaborar a teoria de que a maçonaria (ou, melhor ainda, os Illuminati) foi responsável pela morte do presidente norte-americano. Devemos lembrar, contudo, que os sentimentos anticatólicos aqui encontrados eram compartilhados na época pela maioria dos protestantes norte-americanos.

Seja como for, Dan Brown pode sentir-se tentado a fazer alguma referência a essas teorias conspiratórias.

WOODROW WILSON E A CABALA SECRETA

Outra ligação com a Ku Klux Klan que merece ser analisada é o fato de que o presidente Woodrow Wilson teve participação no sucesso da segunda encarnação do grupo. Seu governo foi o primeiro a instituir a segregação a nível federal desde que Abraham Lincoln dera início à dessegregação, em 1863, obrigando os candidatos a empregos a apresentar sua fotografia para que ficasse clara a raça. O fato de Wilson ter elogiado o filme *O nascimento de uma nação*, que romantizava a Ku Klux Klan original e a causa dos confederados, teve influência no renascimento da organização. Escreveu Wilson a respeito do filme:

É como se a história estivesse sendo escrita com relâmpagos, e só lamento que tudo seja verdade.

Não existe aqui qualquer relação com os Cavaleiros do Círculo Dourado, mas sempre persiste a possibilidade de algum elo com *A chave de Salomão*. Lembre-se de que a escultura Kryptos mencionada no Desafio Da Vinci traz codificado este texto:

Está enterrado em algum lugar. Quem sabe a exata localização? Só WWsabe.

Embora a maioria dos estudiosos presuma que WW constitua uma referência ao ex-chefe da CIA William Webster, também poderíamos acrescentar Woodrow Wilson à lista de possibilidades. Especialmente considerando-se que existe uma ligação secundária com o material de Brown, uma citação de Woodrow Wilson que é sempre mencionada pelos teóricos da conspiração a respeito dos Illuminati. Em seu livro *The New*

Freedom [A nova liberdade], publicado em 1913, escrevia Wilson:

*Desde que entrei para a política, muitos me têm confidenciado seus pontos de vista em caráter privado. Alguns dos maiores homens dos Estados Unidos, nos campos do comércio e da manufatura, têm medo de alguma coisa. Sabem que existe em algum lugar um poder tão bem organizado, tão insidioso, tão vigilante, tão entrosado, tão completo e tão disseminado que é melhor se limitar aos sussurros ao condená-lo.*¹³⁰

Ironicamente, muitos adeptos da teoria conspiratória também incluem Wilson na conspiração dos Illuminati, em virtude de seu envolvimento na criação da Liga das Nações, que mais tarde seria transformada nas Nações Unidas. Alguns dos teóricos da conspiração mais paranóicos vêem nas Nações Unidas o início do "governo mundial único" preconizado pelos Illuminati. Mas parece difícil conciliar a citação conspiratória de Wilson com seu suposto envolvimento com os Illuminati.

Da indicação dada por Brown de que a maçonaria e a cidade de Washington serão o tema principal de *A chave de Salomão* não podemos depreender que essas obscuras trivialidades históricas venham a ser incluídas no novo romance. Todavia, certamente valia a pena mencionar aqui o envolvimento de um "WW" e dos Illuminati.

JOSEPH SMITH E OS MÓRMONS

Como vimos anteriormente, o Desafio Da Vinci no *site de Dan Brown* na Internet apresentava como uma das respostas a frase: "Ninguém socorre o filho da viúva?" Parece que temos aqui uma referência ostensiva à maçonaria, pois se trata de um habitual pedido de socorro dos filiados. Mas existe uma outra possibilidade.

No outono de 1830, uma nova religião nasceu em Nova York, a Igreja de Cristo — que mais tarde passaria a ser conhecida como Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, também designada como Igreja dos Mórmons. Seu fundador era Joseph Smith. Embora a biografia de Joseph Smith mereça um livro à parte, estamos interessados aqui apenas em sua morte.

Em 1844, Smith estava encarcerado na prisão de Carthage, Illinois, para sua própria proteção. Apesar disso, um pequeno exército de cerca de duzentos homens armados invadiu a penitenciária, e, acorrendo para a cela de Smith, disparou uma saraivada de balas contra a porta. Smith levou vários tiros ao tentar fugir da multidão, pulando da janela de sua cela no segundo andar. Informou-se na época que, ao cair da janela, ele teria gritado: "Ninguém socor-1 re o filho da viúva?"¹³¹

Não há aqui qualquer surpresa: Joseph Smith era maçom e provavelmente estava apelando para que algum maçom presente na turba fosse em sua ajuda. A história, contudo, tornou-se muito conhecida, e merece ser lembrada, já que a frase teve um papel importante no desafio apresentado no *site* de Dan Brown.

FILADÉLFIA

Em 1681, o rei Carlos II da Inglaterra pagou uma dívida com um de seus almirantes oferecendo a seu filho um pedaço de terra na América do Norte. Mas o pedaço de terra tinha o tamanho aproximadamente da Inglaterra! O presente foi aceito de bom grado por William Penn, que transformaria suas terras em pátria dos *quakers* e outros grupos religiosos dissidentes. O território foi batizado de *Penrís Woodland* [bosque do Penn] — nome que hoje conhecemos muito bem como Pensilvânia.¹³²

A capital do estado, Filadélfia, tornar-se-ia o centro da Revolução Americana, tendo sido redigida ali a Declaração de Independência. Na época dos Pais Fundadores, Filadélfia era a maior cidade dos Estados Unidos e também a "segunda" capital, enquanto Washington era construída.

Filadélfia pode ser usada em *A chave de Salomão*, pois era na época e continua sendo hoje um centro do movimento maçônico nos Estados Unidos. Tomado este fator conjuntamente com a relativa proximidade de Washington, é possível que Dan Brown use a cidade em seu romance. O cenário majestoso do templo maçônico utilizado pela Grande Loja da Pensilvânia certamente combinaria com um romance de Dan Brown, com seu aspecto exterior semelhante ao de uma catedral imponente.

Muito apropriadamente, Filadélfia significa "amor fraternal" em grego.

OS UTOPISTAS NOS ESTADOS UNIDOS

A "terra da tolerância" fundada por William Penn serviu de abrigo a muitos grupos religiosos que eram perseguidos pela hierarquia católica e protestante. Neste sentido, era considerada uma espécie de utopia, livre das perseguições encontradas na Europa. Dois desses grupos da Pensilvânia mostraram-se particularmente influentes.

O primeiro chamava-se "Fraternidade Mística", ou "Sociedade das Mulheres no Deserto" (fãs do sagrado feminino). Fundado pelo reputado matemático Johannes Kelpius, o grupo chegou à Filadélfia em 1694, estabelecendo-se nas imediações.

Esta sociedade era muito respeitada pelos habitantes da Pensilvânia por causa do alto nível cultural e dos conhecimentos de medicina de seus membros. Eles também eram músicos de talento, e se interessavam muito pela numerologia — para eles, era de grande importância o número 40, de

modo que podemos acrescentá-lo a nossa lista de possíveis cifras a serem usadas no romance.

Um outro grupo que apareceu depois da sociedade de Kelpius foi o "Comunidade de Efrata", fundado por Johann Conrad Beissel em Efrata, condado de Lancaster, na Pensilvânia. A comunidade era formada por pietistas alemães celibatários, que se tornaram conhecidos pela composição de hinos a quatro vozes. Mas o grupo pode ter deixado um legado mais duradouro através de sua "influência utópica" nas idéias de alguns dos Pais Fundadores. Sabe-se que tanto Benjamin Franklin quanto John Adams visitaram a Comunidade de Efrata, ficando impressionados com a filosofia e a sabedoria do grupo.¹³³

Não encontramos nesses grupos muitos elementos indicativos de que Dan Brown possa transformá-los em protagonistas de *A chave de Salomão*. Todavia, considerando-se seus ideais utópicos e a influência que exerceram nos Pais Fundadores, podem ser mencionados em algum momento da narrativa. Fechamos agora o círculo de nossa investigação, e tudo indica que o ideal utópico se encontra no cerne da "experiência americana". Teremos de esperar para ver se Brown o transforma em tema de *A chave de Salomão*.

CONCLUSÃO

E AGORA, SÓ PODEMOS

ESPERAR...

Este livro não pretende ser uma enciclopédia de temas da "história oculta" relacionados à maçonaria e aos Pais Fundadores. Tratamos apenas superficialmente de cada um desses temas, e quero aqui convidar o leitor interessado a buscar informações mais detalhadas nas fontes originais. Por exemplo, a pesquisa de David Ovason sobre os mistérios da cidade de Washington em *The Secret Architecture of Our Nation's Capital* tem cerca de quinhentas páginas — e aborda apenas um dos muitos tópicos pelos quais passamos rapidamente neste livro.

O objetivo de nosso livro era na realidade apenas divertir, tentando decodificar por antecipação o conteúdo do próximo romance de Dan Brown, *A chave de Salomão*, proporcionando uma espécie de pré-estréia dos temas. Podemos estar equivocados em certos pontos, de modo que não valeria a pena aprofundar demais a discussão de cada alternativa que se apresenta a Brown na elaboração de sua trama de suspense. Mas eu espero que as informações proporcionadas permitam ao leitor digerir *A chave de Salomão* com melhor compreensão dos muitos temas envolvidos.

Não resta dúvida de que parte dos temas aqui tratados estará em *A chave de Salomão*. Sabemos que é este o caso da maçonaria, e também que os Pais Fundadores e a arquitetura de Washington aparecem na trama. O resto trata-se de deduções, para o melhor ou para o pior. Seja como for, considero que são temas fascinantes, venham ou não a ser incluídos no romance por Dan Brown. Ainda assim, permanecem certas questões sobre a elaboração de *A chave de Salomão*, e quero aqui expô-las para sua apreciação.

TRIÂNGULO AMOROSO DE SOCIEDADES SECRETAS

Em *O código Da Vinci*, Dan Brown freqüentemente apresenta três diferentes sociedades secretas como parte da mesma tradição: os Illuminati, o Priorado de Sião e os maçons. Será interessante ver como ele apresenta a maçonaria em *A chave de Salomão*, por uma série de motivos.

Em *Anjos e demônios*, os Illuminati são apresentados como uma organização que, não obstante os autênticos motivos de queixa que tivesse, podia mostrar-se muito vingativa em seus atos. Também tinham a ciência em muito mais alta conta que a religião. Em *O código Da Vinci*, por outro lado, o Priorado de Sião parece ser apenas um bando de indivíduos geniais empenhados em proteger um segredo importantíssimo. Como os Illuminati, eles se posicionam contra a Igreja Católica. Ao contrário deles, contudo, parecem escorar-se diretamente no culto a deidades femininas, na linhagem sangüínea sagrada de Jesus e nos escritos místicos encontrados debaixo do Templo de Jerusalém.

É fácil constatar que a maçonaria tem pontos em comum com ambos. O surgimento da Sociedade Real e a quantidade de inventores e cientistas envolvidos com a confraria dão conta das ligações entre a maçonaria, a ciência em seus primórdios e o Iluminismo — e, por associação, com a imagem dos Illuminati apresentada por Brown. Todavia, como acontece com o Priorado de Sião, também os maçons têm muitas tradições envolvendo segredos do Templo de Jerusalém, assim como o legado semelhante ligado aos Cavaleiros Templários.

Por outro lado, a maçonaria costuma ser considerada uma organização misógina — a proibição da participação de mulheres (há exceções, naturalmente) parece ir de encontro à vertente "sagrado feminino" do Priorado de Sião em *O código Da Vinci*. Seja como for, existem na história da maçonaria referências constantes ao culto de deusas femininas — seja a

deusa egípcia ísis, a Maria dos cristãos, o culto de Astarte por parte de Salomão ou a Virgem astrológica. É possível que Dan Brown recorra a estas indicações, assim como às semelhanças já mencionadas, para ligar as duas organizações.

Se, como tudo indica, as armas republicanas norte-americanas forem igualmente tratadas, em relação aos Pais Fundadores e à maçonaria, também será interessante ver como Brown trabalha o tema. Pois o fato é que, em *Anjos e demônios*, as armas republicanas eram apresentadas como iniciativa dos Illuminati para marcar presença. O que pode indicar alguma relação, na série de romances de Dan Brown centrados em Robert Langdon, entre os Illuminati e a maçonaria — e será fascinante verificar se Brown efetivamente estabelece este vínculo, e de que maneira.

Ante esta constatação, uma pergunta não quer calar: será a maçonaria apresentada como algo "bom" ou "mau" em *A chave de Salomão*? Considerando-se que os Pais Fundadores estavam envolvidos na confraria, não seria nada fácil para Brown apresentá-los como homens do mal. Mas ele poderia lançar mão do recurso de apresentar como perigoso renegado um ramo da maçonaria ou uma das prestigiosas universidades da chamada Ivy League. Cabe também ficar atento ao aparecimento dos jesuítas — cuja controvertida história parece feita sob medida para uma história de suspense em torno de Robert Langdon.

A SEGUIR...

Ao especularmos se Brown estabelecerá uma ligação entre a maçonaria e o Priorado de Sião, cabe perguntar se o romance começará exatamente onde terminou *O código Da Vinci*. A Capela de Rosslyn certamente tem ligações com a maçonaria e a exploração da América antes de Colombo, e portanto em muito ajudaria Brown a entretecer as duas tramas. Por outro lado, poderia parecer um pouco excessivo que Langdon

voasse de volta aos Estados Unidos para empreender nova investigação logo depois da "longa noite" de *O código Da Vinci*.

A questão da continuação também levanta outras dúvidas. O desaparecimento de Vittoria Vetra em *Anjos e demônios* mal chega a ser mencionado na continuação — que podemos, então, esperar do relacionamento entre Sophie e Robert Langdon? Considerando que ela está na linhagem sangüínea do Cristo, caberia supor que ela continue tendo certa importância. E que dizer da possibilidade de que o antigo amor de Langdon em *Anjos e demônios* reapareça no próximo romance, só para complicar as coisas?

A busca do "Santo Graal" empreendida por Langdon terá sido concluída em *O código Da Vinci*. Neste livro, ele menciona três partes do lendário tesouro: a linhagem sangüínea do Cristo, o corpo de Madalena e os documentos encontrados sob o Templo de Jerusalém. Só as duas primeiras tiveram destaque em *O código Da Vinci*, sendo a última apenas mencionada de passagem. Caberia esperar que o enredo passado em Washington incluía uma caça ao tesouro envolvendo esses documentos? A citação da escultura Kryptos parece uma excitante indicação de que existe algum segredo. Ou talvez um lance inesperado — algo como a Arca da Aliança, que não chegou a ser mencionada por Brown, mas efetivamente aparece aqui e ali em boa parte da "história oculta" que discutimos.

PARA APROFUNDAR A LEITURA

Venho indicando minhas fontes ao longo do livro, mas pode ser interessante concluir com uma lista de livros e *sites* na Internet para o aprofundamento das leituras sobre muitos desses temas. Eis aqui minhas preferências, sem nenhuma ordem específica:

Livros:

- *The Secret Architecture of Our Nation's Capital* — David Ovason
- *Talisman* — Graham Hancock e Robert Bauval
- *The Secret Teachings of All Ages* — Manly P. Hall
- *O templo e a loja* — Michael Baigent e Richard Leigh
- *The Secret Destiny of America* — Manly P. Hall
- *O iluminismo Rosa-cruz* — Francês A. Yates
- *The Secret Symbols of the Dollar Bill* — David Ovason
- *Secrets of the Tomb* — Alexandra Robbins
- *Revolutionary Brotherhood* — Steven Bullock
- *O livro dos códigos* — Simon Singh
- *The Freemasons* — Jasper Ridley
- *A chave de Hiram* — Christopher Knight e Robert Lomas
- *O segundo Messias* — Christopher Knight e Robert Lomas
- *O segredo dos templários* — Lynn Picknett e Clive Prince
- *The Stargate Conspiracy* — Lynn Picknett e Clive Prince
- *Shadow of the Sentinel* — Bob Brewer e Warren Getler
- *O código Da Vinci* — Dan Brown
- *Anjos e demônios* — Dan Brown

Sites na Internet:

O *site* oficial de Dan Brown, com tudo que diz respeito a seu universo ficcional. Fontes de cada um de seus livros, *links* para as novidades do momento e também jogos e desafios:

- <http://www.danbrown.com/>

O *site* Web of Hiram, fonte inestimável sobre a história da maçonaria, preparada por Robert Lomas. Contém uma quantidade impressionante de documentos históricos sobre a maçonaria:

- <http://www.bradford.ac.uk/webofhiram/>

O livro *Morals and Dogma*, de Albert Pike, *online*. Para tomar conhecimento de suas análises de temas esotéricos e de religiões comparadas, muito além das breves citações não raro utilizadas fora do contexto pelos adversários da maçonaria:

- <http://www.freemasons-freemasonry.com/apikefr.html>

O *site* da Grande Loja da Colúmbia Britânica e de Yukon. Meticulosos ensaios sobre a história da maçonaria, além de bem orientadas pesquisas sobre as várias teorias conspiratórias envolvendo a confraria. Muitas horas de excelente leitura:

- <http://freemasonry.bcy.ca/GrandLodge.html>

O *site* do Conselho Supremo do 33º Grau da jurisdição sul do rito escocês da maçonaria. Apresenta numerosos ensaios sobre a maçonaria do rito escocês, além de belas fotos da "Casa do Templo" em Washington:

- <http://www.srmason-sj.org/web/>

O *site* do Memorial Maçônico Nacional George Washington. O *site* apresenta a história por trás do prédio, oferecendo um excelente percurso pelo memorial, com imagens de cada uma das salas:

- <http://www.gwmemorial.org/>

Monticello, a casa de Thomas Jefferson. Muita informação sobre o terceiro presidente dos Estados Unidos, inclusive no que diz respeito a seus sistemas de códigos:

- <http://www.monticello.org/>

A página Kryptos de Elonka Dunin. Tudo que você precisa saber sobre a enigmática escultura de James Sanborn — exceto a solução final. Quem sabe, em breve:

- <http://elonka.comT/kryptos/>

Wikipedia, a enciclopédia comunitária gratuita *online*. A Enciclopédia Britannica que se cuide:

- <http://www.wikipedia.org/>

O novo mapa via satélite do *Google*, que permite localizar qualquer endereço em Washington — tanto em forma de mapa como em imagens fotográficas. Uma excelente fonte para conferir a concepção urbanística e os monumentos da capital americana. E você está em busca de detalhes? Pois poderá ver até a pirâmide no topo da "Casa do Templo" do rito escocês! Mas será fácil perceber que o Capitólio e a Casa Branca estão desfocados, por uma questão de segurança:

- <http://maps.google.com/>

E não esqueça de dar uma olhada no meu *site*, The Daily Grail, apresentando atualizações diárias e ensaios sobre muitos desses temas:

<http://www.dailygrail.com/>

APÊNDICE

UM PANORAMA DE WASHINGTON

Os leitores que não conhecem bem a capital dos EUA podem encontrar dificuldade para visualizar certas configurações discutidas neste livro. Este apêndice visa portanto permitir que os leitores entendam melhor a relação entre diferentes monumentos e marcos de Washington, com a apresentação de uma série de mapas e vistas da cidade.

Muitas dessas imagens são históricas, mostrando a gradual evolução do traçado urbanístico e dos monumentos de Washington. Cada uma delas é apresentada no maior tamanho possível, e todas são acompanhadas de comentários para ajudar o leitor a entender sua relevância. Esperamos que, ao ser publicado *A chave de Salomão*, estas imagens permitam entender melhor onde se encontra o personagem de Robert Langdon em dado momento da história.

Vale observar que, embora os mapas sejam estabelecidos nas devidas escalas, alguns desses panoramas efetivamente incorporam certa licença artística, não devendo ser tomados como representações exatas. Mas efetivamente facultam uma compreensão muito melhor da cidade, sendo portanto apresentados aqui para proveito do leitor:



MAPA DE WASHINGTON, DISTRITO DE COLÚMBIA, 1918

O mapa mostra o centro de Washington, onde se encontram quase todos os monumentos citados no livro. O norte está à esquerda da página, e portanto pode ser interessante girar a imagem 90 graus no sentido horário para ter uma visão mais lógica do mapa.

Antes, porém, dê uma olhada na forma do tipo "compasso maçônico" que pode ser identificada com mais facilidade nesta mesma posição. No alto da página encontra-se o prédio do Capitólio, do qual saem duas "pernas" (e quatro "braços"): a perna esquerda vai dar na Casa Branca e a direita aponta para a futura localização do Memorial de Jefferson (a construção teve início em 1939, 21 anos depois do estabelecimento deste mapa). Entre esses dois pontos está a localização inicialmente pretendida do Monumento a Washington, ao passo que o local onde efetivamente acabou sendo

construído está um pouco mais para cima na página (em direção leste, quando se olha para a página na posição real).

A Biblioteca do Congresso está na extremidade superior da página, a leste do Capitólio. O rio que se vê na imagem é o Potomac.



MAPA DE WASHINGTON, 1918 (DETALHE)

Temos aqui o mesmo mapa da página anterior, com visão mais aproximada do "Triângulo Federal". Esta imagem mostra com mais clareza que o Monumento a Washington não mais se encontra alinhado na localização prevista. Os prédios "acima" do Monumento a Washington (a leste, considerando-se que o norte está à esquerda da página) são os museus do Instituto Smithsonian.

Esta posição também mostra claramente a imagem da "coruja", que, segundo certos adeptos das teorias conspiratórias, teria sido deliberadamente incorporada ao traçado do Capitólio. A coruja é um motivo utilizado na iniciação aos mistérios. No alto da página, você encontrará os olhos da coruja — o Capitólio ocupa o interior do seu corpo, ao passo que a

cauda se espria por baixo da coruja, abrangendo sobretudo o Jardim Botânico.

A "perna" esquerda que une o Capitólio à Casa Branca é a avenida Pensilvânia. Como vimos num capítulo anterior, as pesquisas indicam que a avenida está alinhada com a ascensão da estrela Sírius.

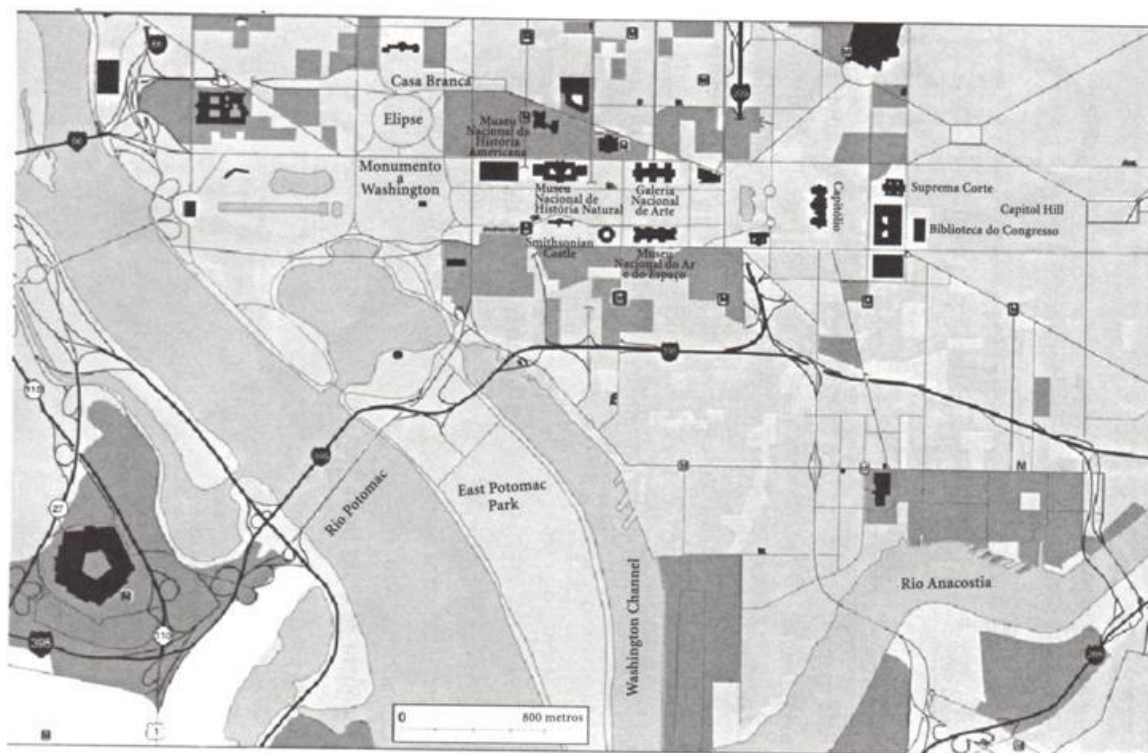


O MAPA ORIGINAL DE PIERRE L'ENFANT, 1792

Este mapa mostra o traçado original de Pierre L'Enfant, antes das primeiras alterações. Note-se que o "Triângulo Federal", consistindo nas localizações previstas para a Casa Branca, o Capitólio e o Monumento a Washington, já pode ser identificado. Da mesma forma, o traçado do "compasso maçônico" utilizando o Capitólio como ponto intermediário também pode ser encontrado aqui. Muitos outros aspectos do traçado das ruas, contudo, não chegariam a ser concretizados.

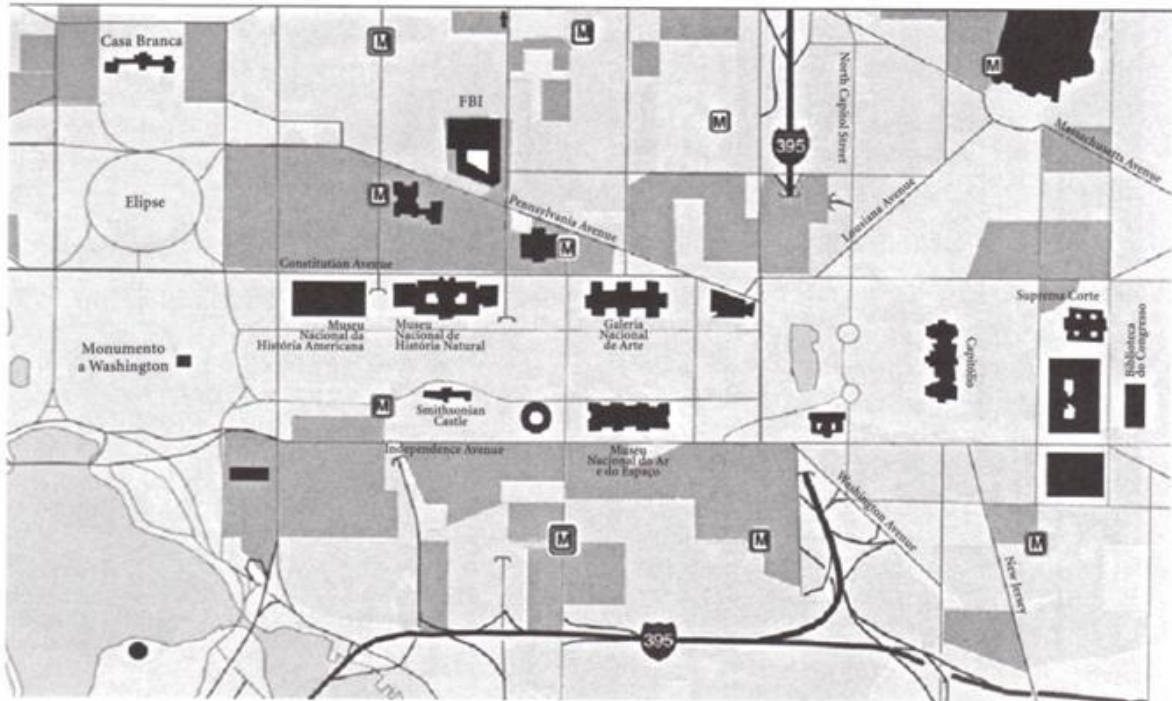
Traçando uma linha da localização inicialmente prevista para o Monumento a Washington, à esquerda (logo, ao norte), até a Casa Branca,

podemos identificar o "Meridiano de Washington" mencionado no livro. A "Casa do Templo" do rito escocês da rua 16 encontra-se nessa linha, mais ao norte da Casa Branca.



MAPA ATUAL DE WASHINGTON

O mapa mostra as principais características da cidade — mais uma vez, o norte está à esquerda da página. Também vemos aqui a posição do prédio do Pentágono na parte inferior da página, a sudoeste do rio Potomac, a partir do centro de Washington. Na parte inferior esquerda, vê-se o Departamento de Estado, a oeste da Casa Branca, enquanto o Memorial de Lincoln encontra-se a oeste do Monumento a Washington. O alinhamento entre a Casa Branca e o Memorial de Jefferson também pode ser distinguido com clareza na imagem.

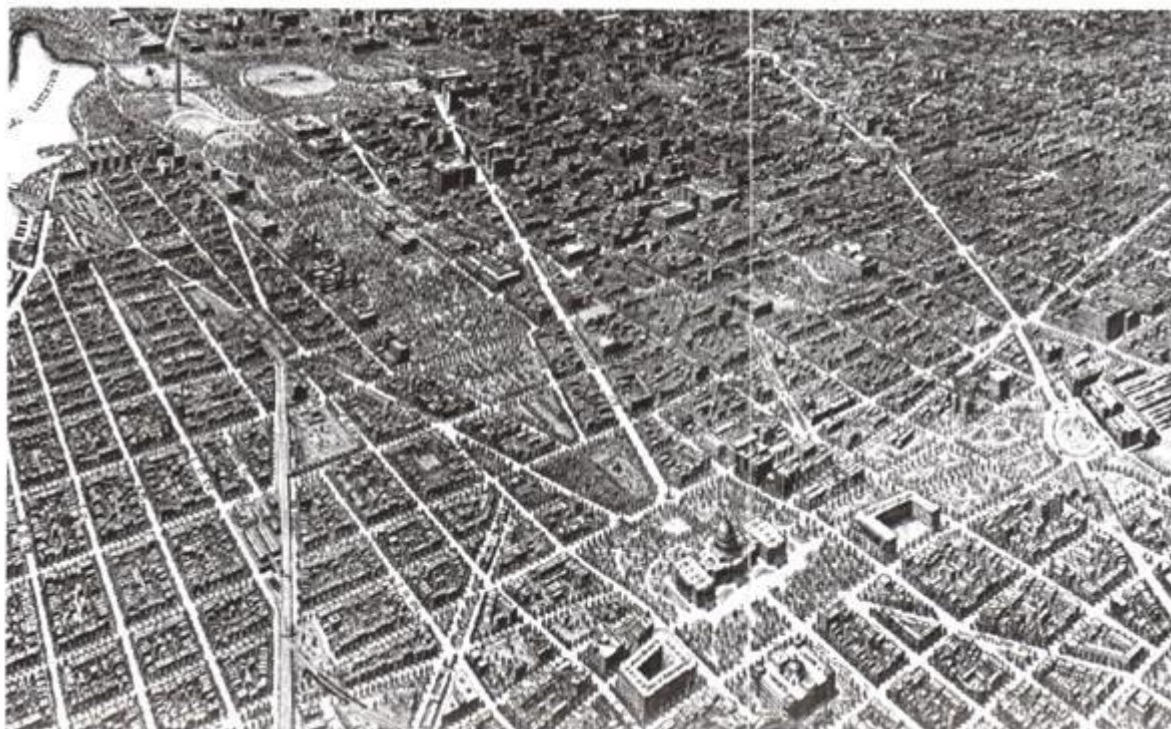


MAPA ATUAL DAS RUAS (DETALHE)

Aproximando-nos mais do mapa anterior, vemos mais detalhadamente o Triângulo Federal, assim como a Estação da União, na extremidade superior esquerda. O prédio do FBI pode ser visto na avenida Pensilvânia. A leste do prédio do FBI está a Praça do Judiciário, onde se encontra a polêmica estátua de Albert Pike.

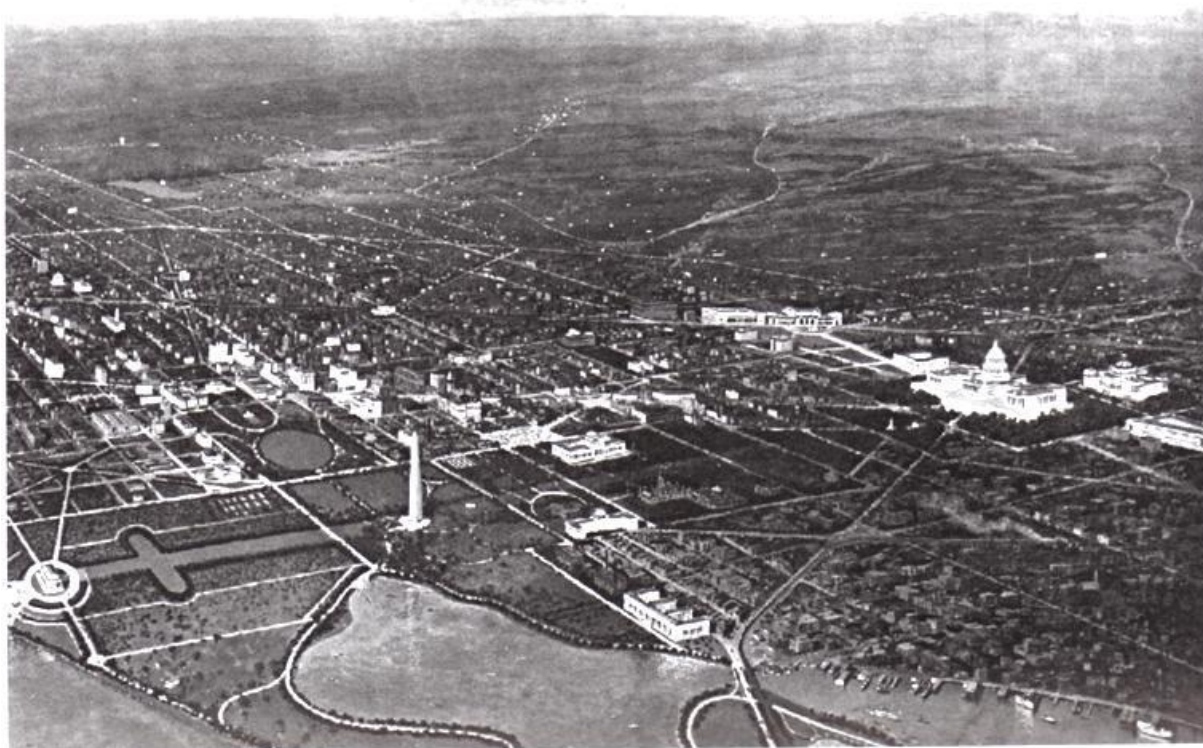
O desvio do Monumento a Washington em relação ao "meridiano" que vai da Casa Branca ao Memorial de Jefferson é evidente. No interior do Triângulo Federal, encontramos a Galeria Nacional de Arte e o Museu do Ar e do Espaço (bem a oeste do Capitólio). Mais perto do Monumento a Washington estão o prédio principal do Instituto Smithsonian ("O Castelo"), o Museu de História Americana e o Museu de História Natural. O Arquivo Nacional fica na avenida Pensilvânia.

Acima do Capitólio (a leste) estão a Biblioteca do Congresso e a Suprema Corte.



PANORAMA AÉREO EM DIREÇÃO NOROESTE

Esta vista aérea por trás do prédio do Capitólio, olhando em direção noroeste, mostra claramente o "compasso maçônico" e o Triângulo Federal. A Estação da União está no alto da página, não longe do prédio do Capitólio. Pode ser interessante cotejar esta vista com o mapa anterior, pois faltam certos marcos nesta representação mais antiga.



PANORAMA AÉREO EM DIREÇÃO NORDESTE

Esta vista aérea tomada quase de cima do prédio do Pentágono é de 1916, mostrando que a cidade ainda não se havia desenvolvido muito, já entrado o século XX. O monumental prédio do Capitólio, na colina Jenkins, destaca-se na imagem. Nem o Memorial de Jefferson nem o Pentágono haviam sido construídos na época — na verdade, ainda se passariam duas décadas até o início da construção do Memorial de Jefferson.

NOTAS

1. *The Decipherment of Linear B*, John Chadwick, citado em *O livro dos códigos*, Simon Singh.
2. <http://www.randomhouse.com/doubleday/davinci>
3. <http://www.nytimes.com/2004/10/28/books/28brow.html>
4. <http://www.danbrown.com/novels/davinci-code/faqs.html>
5.
<http://www.bookbrowse.com/index.cfm?page=author&authorID=226&view=interview>
6. <http://www.artsjournal.com/man/archives20040201.shtml>
7. <http://www.egyptianmyths.net/udjat.htm>
8. *Wikipedia*, <http://en.wikipedia.org/wiki/Angels-and-Demons> (Ahsirakh)
9.
<http://www.bookbrowse.com/index.cfm?page=author&authorID=226&view=interview>
10. *O iluminismo Rosa-cruz*, Francês A. Yates.
11. "The Rosicrucian Dream", Christopher McIntosh, em *The Inner West*, org. Jay Kinney
12. *O iluminismo Rosa-cruz*, Francês A. Yates
13. Ibid.
14. Ibid.
15. *The Way of Light*, John Amos Comenius, trad. E.T. Campagnac.
16. *O iluminismo Rosa-cruz*, Francês A. Yates.
17. King James Bible, I Kings V: 3-5.
18. King James Bible, I Kings VII: 13-21.
19. *O templo e a loja*, Michael Baigent e Richard Leigh.
20. Ibid.
21. Citado em "The Hidden Sages and the Knights Templar", Robert Richardson, em *The Inner West*, org. Jay Kinney.
22. Oration, Andrew Michael Ramsay.
23. Ibid.
24. Ibid.

25. *Digging Up Jerusalém*, K. M. Kenyon, citado em *O segundo Messias*, Robert Lomas e Christopher Knight.
26. *O Santo Graal e a Linhagem Sagrada*, Michael Baigent, Richard Leigh, Henry Lincoln.
27. Ibid.
28. "The Knights Templar in Scotland", R. Aitken, citado em *O templo e a loja*, Michael Baigent e Richard Leigh.
29. *O segundo Messias*, Robert Lomas e Christopher Knight.
30. *A chave de Hiram*, Robert Lomas e Christopher Knight.
31. *O segundo Messias*, Robert Lomas e Christopher Knight.
32. *An Encyclopedia of Occultism*, Lewis Spence, citado em *O segredo dos templários*, Lynn Picknett e Clive Prince.
33. *O templo e a loja*, Michael Baigent e Richard Leigh.
34. *Book of Constitutions*, Rev. James Anderson.
35. *Early Masonic Pamphlets*, Knoop, Jones e Hamer, citado em *O iluminismo Rosa-cruz*, Francês A. Yates.
36. "Historico-Critical Inquiry into the Origins of the Rosicrucians and the Freemasons" Thomas de Quincey, citado em *O iluminismo Rosa-cruz*, Francês A. Yates.
37. *O iluminismo Rosa-cruz*, Francês A. Yates.
38. *The Secret Lore of Egypt: Its Impact on the West*, Erik Hornung, trad. David Lorton.
39. *The Secret Symbols of the Dollar Bill*, David Ovason.
40. *O templo e a loja*, Michael Baigent e Richard Leigh.
41. *The Secret Destiny of America*, Manly P. Hall.
42. *O templo e a loja*, Michael Baigent e Richard Leigh.
43. Ibid.
44. Ibid.
45. *Talisman*, Robert Bauval e Graham Hancock.
46. Ibid.
47. Wikipedia, <http://en.wikipedia.org/wiki/Thomas-jefferson>
48. <http://freemasonry.bcy.ca/anti-masonry/jefferson.html>
49. Wikipedia, <http://en.wikipedia.org/wiki/Thomas-Paine>.

50. Ibid.
51. *A idade da razão*, Thomas Paine.
52. "The Origins of Freemasonry", Thomas Paine.
53. Ibid.
54. *Talisman*, Robert Bauval e Graham Hancock.
55. "The Origins of Freemasonry", Thomas Paine.
56. *The Diary and Sundry Observations*, org. Dagobert D. Runes.
57. *Talisman*, Robert Bauval e Graham Hancock.
58. Ibid.
59. Wikipedia, <http://en.wikipedia.org/wiki/Haym-Solomon>
60. *The Secret Destiny of America*, Manly P. Hall.
61. Ibid.
62. Ibid.
63. *Talisman*, Robert Bauval e Graham Hancock.
64. Citado em *O templo e a loja*, Michael Baigent e Richard Leigh.
65. <http://www.mdystar.com/articles/2/190395-5902-047.html>
66. *The Secret Architecture of Our Nation's Capital*, David Ovason.
67. *Talisman*, Robert Bauval e Graham Hancock.
68. <http://freemasonry.bcy.ca/anti-masonry/washington-dc/ovason.html>
69. *The Secret Architecture of Our Nations Capital*, David Ovason.
70. *Talisman*, Robert Bauval e Graham Hancock.
71. Ibid.
72. <http://www.nps.gov/wamo/history/chap2.htm>
73. <http://www.nps.gov/wamo/history/chap1.htm>
74. *Talisman*, Robert Bauval e Graham Hancock.
75. *The Secret Architecture of Our Nations Capital*, David Ovason.
76. <http://www.fiu.edu/~mizrachs/poseur3.html>
77. <http://www.cr.nps.gov/nr/travel/wash/dc48.htm>
78. *Talisman*, Robert Bauval e Graham Hancock.
79. *The Great Seal of the United States*, US Department of State.
80. Ibid.
81. Ibid.
82. *The Secret Teachings of All Ages*, Manly P. Hall.

83. *The Secret Symbols of the Dollar Bill*, David Ovason.
84. Ibid.
85. Citado em *Américas Secret Destiny*, Robert Hieronimus.
86. *The Secret Symbols of the Dollar Bill*, David Ovason.
87. *The Secret Architecture of Our Natióris Capital*, David Ovason.
88. *Early Masonic Pamphlets*, org. D. Knoop, G. P. Jones e D. Hamer.
89. *Talisman*, Robert Bauval e Graham Hancock.
90. "Two Sides But Only One Die: The Great Seal of the United States", M. L. Lien, citado em *Talisman*, Robert Bauval e Graham Hancock.
91. *The Secret Symbols of the Dollar Bill*, David Ovason.
92. *Talisman*, Robert Bauval e Graham Hancock.
93. *The Stargate Conspiracy*, Lynn Picknett e Clive Prince.
94. Ibid.
95. Edgar Cayce, mensagem 1152-11, citado em *Secret Chamber*, Robert Bauval.
96. "Changing Images of Man", Willis W. Harman, citado em *The Stargate Conspiracy*, Lynn Picknett e Clive Prince.
97. Citado em *O Santo Graal e a Linhagem Sagrada*, Michael Baigent, Richard Leigh e Henry Lincoln.
98. <http://www.msnbc.msn.com/id/4179618/>
99. <http://msnbc.msn.com/id/3080246/>
100. *Secrets of the Tomb*, Alexandra Robbins.
101. Ron Rosenbaum, citado em *Secrets of the Tomb*, Alexandra Robbins.
102. <http://freemasonry.bcy.ca/anti-masonry/anti-masonry05.html>
103. *O código Da Vinci*, Dan Brown.
104. *The Secret Teachings of Ali Ages*, Manly P. Hall.
105. Ibid.
106. Ibid.
107. Ibid.
108. <http://www.fbrt.org.uk/pages/essays/essay-ciphers.html>
109. *Modern Magick*, Donald Michael Kraig.
110. Ibid.
111. Ibid.

112. *The Key of Solomon*, S. Liddell Macgregor Mathers.
113. <http://www.danbrown.com>
114. <http://www.monticello.org/reports/interests/wheel-cipher.html>
115. <http://www.ideosphere.com/fx/lists/fx-discuss/1999/0930.html>
116. <http://elonka.com/kryptos/faq.html>
117. Citado em *Talisman*, Robert Bauval e Graham Hancock.
118. *The Zelator*, Mark Hedsel e David Ovason.
119. *O segundo Messias*, Christopher Knight e Robert Lomas.
120. <http://www.geocities.com/nu-isis/fonts.html>
121. <http://www.reformation.org/oath.html>
122. Ibid.
123. Ibid.
124. <http://www.thehill.com/under-dome/110404.aspx>
125. Carta de Adams a Thomas Jefferson, 5 de maio de 1816.
126. *Wikipedia*, <http://en.wikipedia.org/wiki/Oak-Island>
127. "The Secrets of Oak Island" Joe Nickell, em *Skeptical Inquirer* 24:2.
128. *Wikipedia*, <http://en.wikipedia.org/wiki/Oak-Island>
129. *Shadow of the Sentinel*, Bob Brewer e Warren Getter.
130. *The New Freedom*, Woodrow Wilson.
131. *Wikipedia*, <http://en.wikipedia.org/wiki/Joseph-Smith>
132. *Talisman*, Robert Bauval e Graham Hancock.
133. <http://www.fiu.edu/~mizrachs/utopo-amer.html>



http://groups-beta.google.com/group/Viciados_em_Livros

<http://groups-beta.google.com/group/digitalsource>

